

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



Recife - PE

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO: UM ESTUDO SOBRE A
VELHICE FEMININA E A SOCIABILIDADE NUMA COMUNIDADE
POPULAR RECIFENSE

WANDA LAGE

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Antropologia da
Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Russell Parry Scott

Co-orientadora: Prof^a Dr^a Marion Quadros Teodósio

Recife – PE

2007

Lage, Wanda

Uma andorinha só não faz verão: um estudo sobre a velhice feminina e a sociabilidade numa comunidade popular recifense. – Recife: O Autor, 2007.

132 folhas : il., fig., tab., fotos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2007.

Inclui bibliografia e anexos

1. Antropologia – Gênero – Mulheres –. Mulheres idosas. 2. Sociabilidade – Segregação – Família. 3. Comunidade – Camadas populares. 4. Política – Políticas públicas. 5. Pernambuco – Recife. I. Título.

**396
305.4**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2007/30**

WANDA LAGE

**UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO: UM ESTUDO SOBRE A VELHICE
FEMININA E A SOCIABILIDADE NUMA COMUNIDADE POPULAR RECIFENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 26/03/ 2007.

BANCA EXAMINADORA

Marion Teodosio de Quadros

Profª. Dra. Marion Teodosio Quadros (CoOrientadora/UFPE)

Judith C. Hoffnagel

Profª. Dra. Judith Chambliss Hoffnagel
(Examinador Titular Interno/UFPE)

Alda Britto da Motta

Profª. Dra. Alda Britto da Motta
(Examinador Titular Externo/UFBA)

Para todas as idosas da Comunidade de Três Carneiros, e todos os profissionais que lidam direta ou indiretamente com pessoas idosas e especialmente a D. Corina *in memoriam*, uma andorinha que virou luz.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todos que me ajudaram, me encorajaram e apoiaram na realização deste trabalho é uma tarefa reconfortante e sublime!

Ao meu orientador Professor Scott por me acolher no FAGES, por me introduzir na comunidade, por apontar meus deslizes quando necessário. Sobretudo, por sempre promover o melhor nas pessoas e encorajá-las a encontrar seus caminhos, seus brilhos, sendo elas mesmas. Por estar em sintonia numa fase decisiva, mesmo em outro continente.

À Professora Marion Quadros, minha co-orientadora, por sua disciplina, sensibilidade e disponibilidade.

À professora Lady Selma por sua grande contribuição e pelos votos de confiança na qualificação.

A todos do CNPq que viabilizaram minha bolsa de estudos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, especialmente a Cida, Judith, Salete, Peter, e Roberta.

Agradeço também, à professora Myriam Lins de Barros, por seus valiosos comentários após minha apresentação na XXV reunião da ABA de 2006, em Goiânia-GO.

Aos colegas de mestrado, em especial Chuchu, Dani, Fabi e Tercina, pelos nossos calorosos encontros! E aos meninos Alexandre, Lula, Normando que mesmo não participando dos almoços puderam trocar idéias iluminadas nos corredores da Universidade.

À amiga Eliete Dias, por estar por perto quando precisei. À Regina por torcer por mim e Ademilda com seu cafezinho animador.

À Vânia Pires, Elba e Cristina Novaes por me acolherem na comunidade e fora dela.

Agradeço a Deus, sobretudo pela dádiva da vida!

Ao meu querido pai, Joran Lage, por sempre acreditar nos meus sonhos, por mais uma vez ter me apoiado e incentivado, por ter sido tão generoso comigo. À minha mãe, D. Vanda Maria, pelos conselhos e orações. Espero ter feito por merecer.

Ao meu pequeno grande Leandro, fonte de inspiração e desejo de evoluir constantemente, quem participou das reuniões do grupo com seriedade e sensibilidade, quem me encorajou e me fez rir das minhas próprias dificuldades!

Ao Fausto, por sua sabedoria e paz de espírito.

Ao meu irmão Joran, minha cunhada Luzia e meu sobrinho Joranzinho, amo vocês.

Ao meu irmão Eduardo por me incentivar a ir em frente mesmo quando a idéia do mestrado não passava de algo nebuloso e aparentemente inatingível.

A todas as pessoas integrantes do grupo Asas da Liberdade e idosas da comunidade de Três Carneiros, que se colocaram à disposição das entrevistas e me ensinaram muito sobre a superação de dificuldades e a alegria de viver, tornando-me um ser humano melhor e mais sociável.

A minhas colegas de trabalho, especialmente a Pedro, pela compreensão dispensada a uma supervisora mestranda.

E finalmente, à minha avó Anita e ao meu avô Zeca quem me ensinou o quanto a vida pode ser dura e ao mesmo tempo boa, quando a gente aprende a levá-la!

Meu muitíssimo obrigada!

“Só a semente que rompe sua casca, é capaz de se atrever à aventura da vida.”

(Khalil Gibrán)

RESUMO

Este estudo discute como a participação num grupo de idosas de uma comunidade popular recifense realça percepções específicas sobre a velhice e sobre outras questões como o ciclo da vida, classe social, o Estado e, sobretudo, a relação entre o público e o privado. Sabe-se que na velhice ocorrem alterações em relação à inserção no espaço público e privado, que são também reforçadas por políticas públicas específicas de uma sociedade contemporânea. As mulheres idosas lidam com limites e restrições nestes espaços e se deparam com a ambivalência da segregação social também reforçada pelas políticas públicas assim como os medos de envelhecer em uma comunidade popular que o grupo de idosas acolhe, mas só em parte. O estudo aponta a necessidade de novos olhares para as mulheres idosas de camadas populares, não apenas como indivíduos que buscam diversão, mas como pessoas inseridas em famílias, em um meio social cujos valores culturais e tradicionais sobressaem em relação aos mais individualistas. O que facilitaria a passagem dos encontros intrageracionais para os intergeracionais nos espaços públicos.

Palavras-chaves:

Velhice; mulheres; sociabilidade; segregação; família; camadas populares, políticas.

ABSTRACT

This study discusses how the participation of a group for the elderly in a poor, lower class community in Recife affects specific perceptions about being old, and about other questions, such as life cycle, social class, State, and, the relations between public and private domains. Changes that occur for the elderly in their relation to public and private spheres are reinforced by specific public policies in contemporary society. Elderly women deal with limits and restrictions in these spaces, as well as with an ambiguity of social segregation, which is also reinforced by public policies. They also deal with the fears of growing old in a poor community, which the group for the elderly only partially allays. The study indicates a need of new perspectives on elderly women of poor communities, that understand them as individuals that look for fun, and also as persons who are part of families, in a social context in which cultural and traditional values are more important than individual ones. Such a view eases the passage from intragenerational to intergenerational contacts.

Key words:

Elderly, women, sociability, segregation, family, poor social class, public policies

SUMÁRIO

	Páginas
INTRODUÇÃO _____	12
CAPÍTULO I – A velhice na contemporaneidade _____	16
1.1 Construção social e cultural da velhice _____	17
1.2 Transição Demográfica _____	21
1.3 Envelhecimento Feminino _____	25
1.4 Terceira Idade e os Processos Políticos _____	27
1.5 Envelhecimento e Pobreza _____	32
1.6 Da Teoria da Sociabilidade _____	35
1.7 Do Sentimento do Corpo _____	39
CAPÍTULO II – Caminhos Metodológicos _____	42
2.1 Da população do estudo _____	42
2.2 Entrada no Campo _____	47
2.3 Comunidade de Três Carneiros: aspectos relevantes para as idosas _____	51
2.4 Grupo Asas da Liberdade _____	59
2.5 Da coleta e análise de dados _____	62
2.6 Dificuldades e facilidades encontradas no campo _____	63
CAPÍTULO III – Idosas: Família e Comunidade _____	67
3.1 A perda da infância e do direito à escola _____	67
3.2 Família: sede dos encontros e desencontros intergeracionais _____	72
3.3 Avós e netos _____	76
3.4 Perda de familiares e enfrentamentos com o suporte social _____	80
3.5 Cotidiano e atividades desempenhadas _____	85
3.6 Motivos para participar do grupo e o que mais gostam nele _____	88

3.7 Percepção da comunidade e de seus problemas _____ 92

CAPÍTULO IV – Sociabilidade: percepções e experiências da velhice _____ 98

4.1 Percepção e experiência da velhice através da relação com algumas políticas
públicas específicas para idosos _____ 100

4.2 – Percepção e experiência da velhice com participação nos espaços públicos

4.3 – Corpo e identidade _____ 104

4.4 – Percepção das reações familiares em relação às saídas de casa _____ 108

4.5 – Medos _____ 111

4.6 - Projetos e sonhos para o futuro _____ 113

CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 119

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____ 123

ANEXOS _____ 132

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar experiências e percepções de mulheres idosas sobre a velhice, após inserção em um grupo de terceira idade, numa comunidade urbana popular de Recife.

O meu interesse por este tema surgiu através da leitura de trabalhos realizados por Guita Debert e da minha primeira experiência profissional com mulheres idosas, atendidas no Núcleo de Atenção ao Idoso da Universidade Federal de Pernambuco – NAI / UFPE, na condição de psicóloga clínica. Fato que me fez despertar para as especificidades das demandas deste grupo social feminino de faixa etária superior aos sessenta anos. A participação posterior em uma pesquisa na comunidade de Três Carneiros, a estudada, foi muito importante por ter realizado um conhecimento prévio da comunidade e de alguns profissionais que facilitaram minha entrada no campo.

Atenta para a velhice enquanto categoria, construída culturalmente percebi que nela ocorrem alterações de valores sobre a participação em ambientes domésticos e públicos. E nos tempos atuais, na sociedade contemporânea, há forças que contribuem para estas modificações como a criação de políticas específicas, valores, espaços e direitos, promovendo a fragmentação das relações na família (Scott, 1996).

A participação em um grupo de terceira idade, como o grupo Asas da Liberdade da comunidade popular de Três Carneiros, significa um contato mais direto destas idosas com estas questões, como políticas, redes de sociabilidade, valores e direitos específicos criados para os idosos, que o percurso de vida anterior não pode alcançar. Ao participarem das reuniões, as mulheres idosas ficam mais expostas a estas questões tornando a velhice mais valorizada.

No entanto, ao demandarem por integração social, lazer, atividades lúdicas, entretenimento, apoio, reconhecimento lidam com limites e ambivalências da segregação social que reflete as impossibilidades e possibilidades de realizarem experiências e percepções mais positivas desta fase.

Foram investigadas as experiências e percepções das mulheres idosas da comunidade popular de Três Carneiros, realçadas a partir da inserção em um grupo de terceira idade, o

grupo Asas da Liberdade. Promotor de uma ambivalente segregação social, especialmente reforçada por políticas públicas.

Devido ao fato da velhice estar adquirindo uma dimensão mais positiva na atualidade, supõe-se haver uma aceitação geral desta fase do desenvolvimento e maiores possibilidades de convivência intergeracional. No entanto, ao buscar conhecer a vida associativa de idosas de camada popular, os espaços de integração social e a qualidade de suas relações, percebi que os encontros intergeracionais cotidianamente, em sua maioria, se limitam ainda às esferas domésticas, fato também observado por Britto da Motta (2004). Quando ocorrem nas esferas públicas se dão através dos encontros religiosos e das festas populares, como dia de santos.

O recebimento do convite de uma das minhas informantes, para participar de um ensaio do Coral de Idosos da Prefeitura de Recife foi muito significativo, pois influenciou meu olhar sobre a pesquisa.

Nestes grupos, observei que uma das características da sociabilidade é a de ser notavelmente intrageracional, caracterizando uma segregação social. No Coral de Idosos não são admitidas pessoas com idade inferior a 55 anos, afim de não descaracterizar o grupo e assegurar o espaço ao idoso, freqüentemente negado em outros corais da cidade segundo sua regente. No grupo Asas da Liberdade em uma de suas reuniões foi enfatizado que aquele espaço era um espaço apenas do idoso.

Atenta a isto foi realizada a pesquisa sobre as experiências e percepções de velhice após participação em grupos de terceira idade. O percurso trilhado será exposto no presente trabalho composto por quatro capítulos.

O primeiro capítulo aborda questões teóricas relevantes para a compreensão do universo das minhas informantes, mulheres idosas que participam do grupo Asas da Liberdade e moram na comunidade popular de Três Carneiros.

A atribuição de significados ao curso da vida permite compreender a velhice enquanto categoria culturalmente construída, assim como a criação dos estágios do desenvolvimento promove um campo de direitos e valores específicos fomentando a fragmentação das relações entre gerações. Este capítulo também aborda o fenômeno da transição demográfica, que vem despertando interesses e preocupações dos planejadores de políticas públicas; assim como o surgimento da terceira idade, onde a gerontologia parece reforçar a desconstrução da velhice e

a segregação social nos espaços específicos para idosos. A criação dos processos políticos como a previdência social também foi nele contemplada por ser extremamente significativa para uma melhor experiência deste período em camadas populares. Estes aspectos abordados possibilitaram compreender um pouco do contexto das entrevistadas e das questões da velhice na atualidade.

O segundo capítulo trás o universo das minhas informantes, as principais características da comunidade de Três Carneiros, os caminhos metodológicos percorridos, a história do grupo Asas da Liberdade, as dificuldades e facilidades encontradas no campo.

O terceiro capítulo apresenta os seus percursos de vida e como as idosas em suas vidas não tiveram alcance às questões concretas que vivenciam atualmente na velhice, como o direito ao estudo, a ampliação das redes de sociabilidade, os passeios que a subordinação social não permite, mas a condição atual de velhice possibilita. Também apresenta as características das relações familiares e da vivência na comunidade, a fim de compreender o predomínio da satisfação das atividades lúdicas em relação às questões de cidadania, anteriormente mais valorizadas por uma presença masculina.

O quarto capítulo expõe as percepções e experiências da velhice após inserção em um grupo de terceira idade, evidenciando a ambigüidade da segregação social, geradora de pressões e certos conflitos para as mulheres idosas, assim como de liberdade e descontração. Apresenta ainda as ambigüidades nas percepções que fazem de si destacando o espírito jovem num corpo velho, e os limites em elaborar percepções e vivências mais positivas da velhice. Com os projetos e sonhos para o futuro, foram realçadas características peculiares de camadas populares, como a importância dada à coletividade e impossibilidade de criarem projetos de vida individualistas. Isso implicou na reflexão de novas sociabilidades. Possibilitou também perceber uma politização disfarçada da esfera pública com as constantes preocupações sobre direitos, salários, benefícios, e do próprio andar e se tornar conhecedora de um mundo mais amplo, a uma integração com um mundo que a experiência anterior de vida deixou menos alcançável para ela. Assim como evidencia a importância dada nas falas pelo encontro entre gerações, especificamente de familiares. Possibilitando prever implicações destes projetos na formação de outros tipos de sociabilidade apontados nas considerações finais.

Finalizo o trabalho com algumas considerações e recomendações de elementos para elaboração de novas políticas públicas, com o objetivo de realçar a necessidade de ampliação do olhar sobre as mulheres idosas, a fim de que os planejadores, profissionais, familiares e as próprias idosas tornem-se mais bem sucedidas na realização de suas demandas, que vão além da necessidade de lazer. Enquanto seres humanos inseridos em contextos específicos e em relações familiares, buscam se integrarem socialmente e serem reconhecidas, procurando também apoio, segurança, além de diversão nos espaços públicos, mas também privados. Pois elas não substituem o valor da casa pela a rua, mas complementam, e desta forma, redimensionam a importância da inclusão de familiares nas redes de sociabilidade. Isso elevaria as possibilidades de existência dos encontros entre gerações.

**“Aos olhos do jovem arde
a chama. Nos do velho brilha a
luz”.** **Victor Hugo**

Capítulo 1 - A velhice na contemporaneidade

Este capítulo apresenta questões teóricas relevantes para o estudo, que tem como objetivo investigar as percepções e experiências de idosos da comunidade de Três Carneiros, sobre a velhice após inserção num grupo de terceira idade.

Ao abordar a atribuição de significados ao curso da vida, permite compreender a velhice enquanto categoria culturalmente construída. Realça a criação dos estágios do desenvolvimento promovendo um campo de direitos e valores específicos e conseqüentemente fomentando a fragmentação das relações entre gerações. Também ilustra o fenômeno da transição demográfica, que vem despertando interesses e preocupações dos planejadores de políticas públicas, repercutindo na dinâmica das relações familiares.

Este capítulo, além destas questões apresentadas, introduz o surgimento da terceira idade, onde a gerontologia parece reforçar a desconstrução da velhice e a segregação social nos espaços específicos para idosos. A criação dos processos políticos como a previdência social, não poderia deixar de ser comentada por ser extremamente significativa para uma melhor experiência deste período, em camadas populares.

A teoria da sociabilidade de Georg Simmel iluminou alguns temas abordados no decorrer da pesquisa com eficácia, e por fim surgiram questões referentes ao sentimento do corpo, onde dialoguei com Mike Featherstone compreendendo melhor as ambivalências das percepções e experiências da velhice na atualidade.

1.1 Construção social e cultural da velhice

Para melhor compreender as percepções e experiências de idosas da comunidade de Três Carneiros, sobre a velhice através de sua inserção em um grupo de terceira idade, uma perspectiva histórica foi de grande utilidade, pois demonstrou como a construção social do curso da vida foi perpassada e influenciada por mudanças históricas e sociais que interferiram na vida familiar promovendo a sua fragmentação.

Hareven (1999) demonstra como o interesse no significado do envelhecimento, no início do século XX, estava atrelado a preocupações sobre os limites da utilidade e eficiência no trabalho, na mesma época que se desenvolvia o processo de Industrialização e o movimento por proteção social para idosos.

O aumento da idade antes relacionado à idéia de força e superação do mais forte, passa no final do século XX, a ser sinônimo de deterioração e dependência. Assim, no início do século XX, surge a geriatria como ramo da medicina; sua literatura aborda os problemas do envelhecimento de diversas formas e através de várias perspectivas.

Hareven (1999) defende como “a emergência da velhice como fenômeno social, cultural e biológico” (1999:16) que é bem melhor compreendida quando contextualizada com o surgimento de outros estágios da vida. Concebida separadamente do curso da vida, observa-se que atualmente, a velhice como construção social e cultural, tornou-se o foco das preocupações.

Os fenômenos biológicos do desenvolvimento estão ligados à idade e ao processo de envelhecimento do indivíduo, no entanto seus significados são estabelecidos pela sociedade e cultura em que vive. Em diferentes culturas, com o decorrer do tempo, as definições e representações do envelhecimento, bem como modos de ser e os papéis desempenhados socialmente por cada grupo etário, se alteram notavelmente. Philippe Áries (1981) mostra como na Idade Média a categoria da infância não existia e as crianças eram tratadas como adultos. Só a partir do Século XIII ocorreu um alargamento entre crianças e adultos.

Descobrir um novo estágio do desenvolvimento é tarefa complexa como se pode perceber na explicação de Hareven (1999: 18):

Primeiro, os indivíduos se tornam conscientes das características específicas de um dado período como uma condição distinta entre certas classes ou grupos sociais. Essa descoberta é então tornada pública e popularizada num nível societal. Profissionais e reformadores definem e formulam as condições singulares de tal estágio da vida que passa a ser publicado na cultura popular. Finalmente, se as condições peculiares a esse estágio forem associadas a algum problema social importante, ele atrai a atenção das agências públicas e se torna institucionalizado.

Áries (1981) também demonstra como a atenção em torno do grupo familiar ou na linhagem foi substituída pela nova concentração da vida familiar urbana, com o foco no casal e na criança da Europa Ocidental de fins de século dezoito e princípio do século dezenove.

Nessa época ocorriam duas mudanças demográficas importantes: o declínio da mortalidade infantil e o aumento da prática consciente da limitação de filhos. A partir daí uma densa literatura sobre criação de filhos e necessidades específicas das crianças foi publicada, inaugurando a “descoberta” da infância. Posteriormente, no final do século XIX Stanley Hall apud Campos (2002) identificou e definiu os fenômenos sócio-psicológicos da adolescência. Apesar da puberdade, ser um fenômeno universal, Margaret Mead (2003) observou em suas pesquisas que os significados atribuídos a essa fase eram bastante distintos e vivenciados de formas diversas. Em algumas sociedades “primitivas”, através de rituais dolorosos a criança ganhava o status de adulto. Na sociedade ocidental a adolescência tornou-se uma moratória social, onde adquirem direitos de adultos e não seus deveres e obrigações. Diante das dificuldades atuais de se posicionar no mercado profissional e conquistar a independência financeira coabitam durante mais tempo com os pais, prolongando essa dependência. A resistência em assumir responsabilidade entrelaçada às dificuldades do seu contexto social, interfere direta ou indiretamente na qualidade das relações com seus pais, que mesmo na velhice continuam sendo os principais provedores.

Hall citado por Campos (2002) observando características comuns dentro desse grupo sócio-etário como a necessidade de se agrupar em bandos entre outras, inventa a “adolescência”, seguida de uma vasta literatura, popularizando o tema. Segundo Hareven (1999) esta fase recebeu muita importância pelas observações dos educadores no sentido de alertar para ameaça de certos

comportamentos de determinadas gangues de jovens. O que fomentou a criação de escolas vocacionais e reformatórios legitimando o reconhecimento público dos adolescentes e de seus problemas.

A velhice comparativamente recebeu bem menos atenção por não simbolizar perigo à ordem social. Reconhecida como um período de vida adulta tem seu começo aos sessenta anos em países em desenvolvimento e aos sessenta e cinco anos em países desenvolvidos. Seu rito de passagem é a aposentadoria e o ingresso à previdência social.

Para Hareven (1999) o surgimento de estereótipos como “inúteis”, “ineficientes”, “não atraentes”, “temperamentais” e “senis” acompanhou a expulsão gradativa de pessoas da força de trabalho aos 65 anos, desde o início do século XX e refletiu o começo da tendência de inferiorizar o idoso na sociedade.

Anteriormente, na sociedade pré-industrial, a autora supracitada explica como a combinação de fatores demográficos, sociais e culturais produzia uma diferenciação mínima no curso da vida. Crianças e adolescentes eram considerados pequenos adultos, que assumiriam papéis de adultos antes dos vinte anos e ingressavam na vida adulta “sem uma moratória relativa às suas responsabilidades” (1999:25). E continuando, afirma que “o adulto passava para a velhice sem interrupções institucionalizadas.” Seus dois principais papéis – paternidade e trabalho - em geral se estendiam por toda a vida, sem qualquer intervalo de “ninho vazio”, ou “aposentadoria compulsória”. (1999:26)

Nesta época os idosos mantinham seus lugares na família e suas atividades econômicas até o final da vida, também experimentavam menor segregação social. Os encontros intergeracionais não se limitavam à esfera doméstica, e as relações entre as idades eram bem mais intensas na família e na comunidade. E a qualidade das relações entre idades na família e na comunidade afeta a forma das pessoas idosas perceberem e viverem a velhice.

“À medida que a maior diferenciação entre os estágios da vida começou a se desenvolver, as funções sociais e econômicas se tornaram mais relacionadas à idade, aumentando a segregação entre os grupos etários” (Hareven, 1999: 27).

As transformações nas funções e valores da família são as principais causas do aprofundamento do isolamento das pessoas mais velhas na sociedade de hoje, somando-se isso ao individualismo como estilo de vida.

As famílias ao tornarem-se ávidas consumidoras da literatura popular de conselhos sobre criação de filhos, a partir de 1830, fomentaram gradualmente a perda do valor da orientação baseada na experiência pessoal e na tradição, assim como do valor dos mais velhos no seu

interior. O que sobressaía era a informação quase profissional. E assim sob o impacto da industrialização, muitas de suas funções foram passadas para instituições sociais. Como a função de oferecer estímulos e alegria aos mais velhos. Essa foi passada para os grupos de terceira idade, um fenômeno novo e crescente atualmente.

Cohen (1998) reforça este argumento ao realizar uma pesquisa etnográfica na Índia descobrindo a ausência da gerontologia nesse país e a construção social da velhice. Segundo este autor, antigamente todas as famílias indianas faziam parte de unidades domésticas multigeracionais extensas, em que nessas unidades os velhos dispunham de todas as atenções e cuidados, eram ouvidos e respeitados, quase não se queixavam: a velhice era uma época de prazer. Com o advento da ocidentalização, industrialização e urbanização, as famílias começaram a dissolver, e o apoio social e respeito aos velhos entraram em declínio juntamente com sua qualidade de vida.

Até aqui tenho trazido a literatura estrangeira. Em relação ao Brasil, alguns autores nacionais possibilitaram fazer um panorama das mudanças sociais ocorridas no país que evidenciam a questão da velhice. As alterações ocorridas nas relações familiares refletem o impacto da modernização da sociedade, como o declínio do modelo patriarcal, base da família tradicional brasileira, em resposta ao fenômeno da urbanização e saída da mulher do âmbito doméstico para o mercado de trabalho.

A família patriarcal caracterizada por Gilberto Freyre (1969) em “Casa grande e Senzala” e em “Sobrados e Mocambos” (1967) foi destacada por sua importância para a construção social de um tipo de modelo familiar que fez efeito não só na época colonial, como também no período da independência, da República e até da contemporaneidade.

Todavia, Correa (1982) evidenciou a diversidade de arranjos e modelos de família em toda a história colonial e moderna, enfraquecendo a idéia de uma família monolítica gilbertiana. Durham (1982) também ilustra como essas novas formas de famílias “subalternas” co-existem com o modelo patriarcal, considerado o modelo ideal. As rupturas nos modos de vida em sociedade e a queda do modelo tradicional e idealizado de família fomentaram novas formas de convivência familiar decorrentes. No entanto, a generalização da longevidade também influencia e requer novas respostas das relações familiares.

Goldani (1994) defende que a suposta “crise” familiar oriunda das mudanças demográficas e seus efeitos sobre a estrutura etária, a longevidade da população, assim como, a queda da fecundidade, sugere não necessariamente uma crise, mas novos desafios para a convivência entre as gerações.

As tendências demográficas são ilustrativas dos desafios que as famílias enfrentam para atender seus dependentes. Por um lado, o alargamento da vida vai alterando as estruturas familiares e o processo de envelhecimento e, por outro, os indivíduos encontram-se com uma estrutura social cada vez mais complexa condicionando suas decisões nas trajetórias de vida. As gerações de meia idade cada vez mais se enfrentam com a simultaneidade de demandas e obrigações para com os pais e / ou parentes idosos e para com seus filhos. (Goldani,97:1994)

É interessante ressaltar através deste primeiro tópico apresentado, como o ciclo biológico, que é um fato universal e natural, para ser compreendido, precisa ser contextualizado culturalmente, socialmente e historicamente. Pois assim como a velhice, os outros estágios do desenvolvimento, tornam-se experiências bem heterogêneas e vivenciadas de formas diversas através do contexto no qual se inserem. A velhice não é, portanto, uma categoria natural, pois de acordo com a cultura, o momento histórico ou meio social em que se encontra, recebe significados distintos e variados, enquanto categoria histórica e cultural (Debert, 1998).

A partir disto pode-se repensar algumas questões que parecem naturalizadas em alguns momentos, e que na realidade se alteram, transformam e variam de acordo com o contexto. Como a vivência da velhice diferentemente observada na atualidade e em tempos atrás, o grau de aproximação entre gerações que parece mais fragmentado na sociedade contemporânea, assim como as relações familiares, as quais são atravessadas pelas circunstâncias históricas específicas alterando o sentimento de obrigação que atravessa gerações (Goldani, 2004). E a relação de idosos com seus pares, também diversificada com o aumento da longevidade e evolução da medicina, implicando novos tempos de convivência.

Antes de seguir com a discussão sobre as mudanças ocorridas no interior das famílias e sua relação com o envelhecimento populacional, atentarei para um fator demográfico que

segundo Cabral (2002) é inteiramente novo na história da humanidade: a generalização da longevidade.

1.2 Transição demográfica

O aumento significativo do número de idosos na população brasileira, que será ilustrado a seguir através das estatísticas, contribuiu para que os significados atribuídos a esta fase do envelhecimento sofressem alterações, ganhando esta mais visibilidade, direitos específicos e poderes. Vale ressaltar que além de receberem estes valores pela própria condição da velhice, as pessoas velhas, mais especificamente as mulheres idosas, também estão inseridas em uma sociedade contemporânea, onde a criação e legitimação de direitos específicos perpassam as relações hierárquicas, colaborando com a fragmentação dos laços familiares (Scott, 1996). Questões que repercutem na forma das idosas se relacionarem entre si, entre familiares e pessoas de outras gerações, de perceberem e vivenciarem a velhice. Ocorrendo conseqüentemente a necessidade de conhecer melhor este grupo, a fim de planejar para ele políticas mais adequadas.

Ao me debruçar sobre o fenômeno da transição demográfica, ou seja, da passagem de menor número de pessoas velhas em relação ao número de pessoas de outras gerações, para um número mais equivalente de pessoas velhas e pessoas de outras gerações, observei o declínio gradativo da fecundidade na população brasileira ocasionando mudanças na sua estrutura etária, além de outros fatores apresentados a seguir.

Ramos (1993) demonstra como as bases da Teoria da Transição Demográfica surgiu na década de 20, através da passagem de uma situação de alta mortalidade e alta fecundidade, com uma população em expansão e predominantemente constituída por jovens, para uma de baixa mortalidade e, gradativamente, baixa fecundidade ocasionando o envelhecimento populacional.

Berquó (2004) evidencia como as mudanças nos níveis de mortalidade e fecundidade, marcaram a evolução demográfica da população brasileira em três períodos. Entre a década de 40 e 60, a taxa de aumento da população brasileira passa de 2,34% ao ano em 1940, para 3,05% na década seguinte. O ritmo de crescimento da população brasileira até 1970, está

relacionado tanto à queda da mortalidade como aos elevados níveis de natalidade, sendo o ápice desse crescimento as décadas de 1950 – 1960. Entretanto, a década de 1970, é considerada uma segunda fase desse crescimento até o final de 1970, porque os níveis de fecundidade começaram também a se reduzir e a persistência da redução da mortalidade reduziu a taxa de crescimento das décadas anteriores.

Segundo Minayo e Coimbra (2002), a previsão é de que no ano 2020 existam cerca de 1.2 bilhão de idosos no mundo, dentre os quais 34 milhões de brasileiros acima de 60 anos, que neste caso corresponderão à sexta população mais velha do planeta, ficando atrás de alguns países europeus, de Japão e da América do Norte.

Além disto, estão ocorrendo mudanças biológicas com a ampliação dos conhecimentos em engenharia genética o que alterará não apenas os indicadores demográficos, mas também a expectativa de vida, a extensão do limite do tempo de vida.

No ano de 2002, a expectativa de vida do brasileiro ao nascer foi de 71 anos. A esperança de vida do brasileiro ao nascer já aumentou 8,5 anos desde 1980, quando era de 62,5 anos. Ao desagregar o dado em relação ao sexo, observa-se que as mulheres vivem em média 75, 2, enquanto os homens chegam aos 67,6 anos, uma diferença de 7,6 anos (IBGE, 2003).

Tabela 1 . Expectativa de vida ao nascer para ambos os sexos

ANO	EXPECTATIVA DE VIDA AO NASCER
1900	33,7
1910	34
1920	34,5
1930	36,5
1940	38,5
1950	43,2
1960	55,9
1970	57,1
1980	62,5
2000	68,3
2020	72,1
2025	75,3

Fonte: Veras (1994:224)

Uma revisão mais recente aponta que a expectativa de vida do brasileiro deve aumentar ainda para 81,3 anos em 2050, a mesma do Japão hoje, atualmente o país com maior índice (IBGE, 2004).

Um fator agravante é que o acelerado processo de envelhecimento brasileiro não foi acompanhado por políticas públicas direcionadas aos idosos, e sim ao grupo materno-infantil.

O Estado, que tem como algumas de suas atribuições prover a assistência social, garantir o acesso ao emprego e a renda, a habitação, ao lazer, a alimentação, enfim, a uma vida digna e justa, quando a família ou a oferta de trabalho não o garante, tem cada vez mais transferido às famílias e às comunidades os seus encargos, características típicas do modelo neoliberal. Torna-se imperativa a necessidade de pautar o planejamento das ações políticas, sociais ou econômicas, nas estimativas demográficas. (CHAIMOWICZ, 1997)

Sendo um grupo em expansão e sofrendo alterações em seu relógio biológico, mostra-se a importância de ouvir a lógica interna desse grupo sócio-etário e contar com ela para a realização de seus anseios e para a construção de um padrão de vida que lhes seja mais adequado.

Segundo Veras (1999:9) “as transformações serão fantásticas e estão muito próximas. Teremos indivíduos se aposentando aos 60 anos, e iniciando um novo ciclo de trabalho por mais 30 ou 40 anos. Na área da educação, teremos possivelmente, formação profissional e cursos universitários para cidadãos de mais de 60 anos. A ampliação da relação mulheres versus homens na sociedade será maior, e suas conseqüências pouco projetadas”.

Ao reconhecer a heterogeneidade de comportamentos dentro de grupos específicos e repensar os estereótipos da velhice como um período de retraimento em face da doença e da pobreza, o estudo poderá oferecer subsídios para a reflexão sobre a identidade desse grupo social não apenas como um ser doente, como ocorre em muitas políticas públicas, por exemplo, a do Programa Saúde da Família, cuja participação do idoso e da idosa se restringe, em algumas unidades, aos grupos de diabetes e hipertensão (Scott, 2006).

Esse tipo de abordagem proporciona olhar as idosas, mais especificamente, a partir de outros ângulos, suas amizades, suas atividades lúdicas, o espaço da festa, a interação com a

comunidade, enfim, como ser em processo de aprendizado e construção, posto que está vivo, que muito pejeja e se alegra, dotado de sonhos e projetos para o futuro. A transição demográfica ao ilustrar a passagem de menor número de pessoas idosas em relação às pessoas mais novas, para um número mais aproximado de pessoas idosas e pessoas mais novas permitiu que os idosos recebessem dos planejadores de políticas públicas um olhar diferenciado por representarem um grupo em expansão, assim podemos enxergar que novas formas de inclusão social e de sociabilidade urgem em serem refletidas e realizadas.

1.3 Envelhecimento Feminino

Os demógrafos que tratam da estrutura etária do Brasil evidenciam que a feminização do envelhecimento é um processo já reconhecido por todos (Moreira, 1997, Saad, 1998).

Em 2000, segundo os dados levantados pelo IBGE, dos 14,6 milhões de idosos, 55% eram do sexo feminino. Este fato se deve a taxa de mortalidade do sexo feminino ser menor em relação à do sexo masculino.

Tabela 2. Estimativa da Esperança de Vida ao Nascer e aos 60 anos por sexo. População Brasileira 1980 a 1996.

Brasil/ano	Sexo	Ao nascer	60 anos
1980	Masc.	57,2	10,7
	Fem.	64,3	12,7
1985	Masc.	59,3	10,8
	Fem.	65,8	12,2
1991	Masc.	62,2	12,5
	Fem.	69,8	14,8
1996	Masc.	63,3	12,7
	Fem.	71,0	15,3
1998	Masc.	63,9	13,1
	Fem.	71,4	15,4

Fonte: CAMARANO (2002)

Para Camarano (2002), num período de dezoito anos, entre 1980 a 1998, observou-se um aumento da longevidade da população brasileira: as mulheres ganharam 7,1 anos a mais de vida e os homens passaram a viver 6,7 anos a mais. Os ganhos para as mulheres foram mais expressivos que os ganhos para os homens.

Um dos fatores que explicam a feminização da população idosa no Brasil é a situação de mortalidade diferencial por sexo, as mortes associadas às causas externas (especialmente as mortes violentas) passaram a ter um papel que sobressaía desfavoravelmente sobre a estrutura por idade das taxas de mortalidade, particularmente dos adultos jovens do sexo masculino.

Outras explicações citadas por Floriano (2004) são: diferença de exposição a risco de trabalho e às causas externas; diferença no consumo de álcool e tabaco (situação que está se revertendo); diferença de atitude em relação à doença e à incapacidade; diminuição da mortalidade materna com o aumento da tecnologia que permitiu a redução das complicações da gravidez, do parto e do puerpério.

Segundo a previsão demográfica de Berquó (2004) que considera a questão da velhice como uma questão feminina:

O superávit de mulheres idosas continuará prevalecendo e será tanto maior quanto mais avançada for a idade, requerendo atenção específica. Serão elas, na grande maioria, viúvas, morando na casa dos filhos ou filhas, ou chefiando famílias monoparentais, ou ainda morando sozinhas. Berquó (2004:39)

Todavia, Nascimento (2001) denuncia que apesar desta evidência demográfica, não se tem dado devido tratamento e ênfase às questões de gênero decorrentes desta diferença demográfica.

Britto da Motta (2004), Lins de Barros (2001), Debert (1994), Cabral (2002), Alves (2004) através de suas pesquisas sobre a sociabilidade na velhice construíram um marco teórico, dando subsídios e incentivos para novas pesquisas sobre o tema.

Scott (2006), em recente trabalho apresentado na XXV Reunião da ABA – Associação Brasileira de Antropologia analisa a inversão simbólica da construção de gênero na velhice,

através da ocupação dos espaços públicos e domésticos. Observou como as mulheres idosas se apressam em ir para a rua, enquanto os homens com a aposentadoria passam a ocupar preferencialmente o espaço da casa refletindo uma renegociação do poder.

Ao dialogar com este autor acordei para as tensões e ambivalências nas percepções e vivências da velhice das idosas entrevistadas ocorridas no transito destes espaços públicos e privados, assim como em suas relações familiares e entre pessoas de mesma geração. Motivadas pelo desejo de reconhecimento, afeto, respeito, liberdade, diversão, dignidade vivem nas suas relações com o mundo público e privado, a possibilidade e impossibilidade de suas realizações. E são muito mais atraídas pelos grupos de terceira idade que os homens de mesma idade.

Acredito, portanto, que uma perspectiva de gênero torna-se pertinente ao se tratar do envelhecimento populacional, não apenas evidenciando a maior proporção de mulheres idosas, mas destacando que a experiência de envelhecimento, é uma experiência coletiva diferente para mulheres e homens (Debert, 1994), o que me leva a olhar de uma perspectiva feminina para o grupo que será apresentado.

1.4 - Terceira Idade e os Processos Políticos

Como foi anteriormente discutido, a velhice é uma categoria construída culturalmente e socialmente. Ao se tornar velha, a idosa, mais especificamente, entra em contato com uma série de significados atribuídos a velhice, além de estar inserida em uma sociedade contemporânea que promove a criação de políticas, direitos, poderes, espaços específicos, valores que também influenciam a percepção e vivência desta fase, interferindo nas relações familiares e entre pessoas de mesma geração. O surgimento da Terceira Idade e a gerontologia contribuíram com a construção de um olhar diferenciado sobre os idosos, enquanto pessoas com demanda de lazer, contribuindo com a formação de uma imagem mais positiva da percepção e experiência de envelhecimento.

A expressão *terceira idade* surgida na França e, posteriormente adotada na Inglaterra tornou-se há pouco tempo comum no Brasil. Debert (1997) explica como a implantação das

universidades da terceira idade na França (Universités du trisième Age) deu origem ao termo por volta da década de setenta.

A partir desta época, com o surgimento da aposentadoria, a velhice representou um período de saída da vida profissional com financiamento, ou melhor, um período de tempo livre remunerado. Opondo-se a idéia de decadência, infortúnio e doenças, a terceira idade diz respeito à “um tempo privilegiado para atividades livres de todo constrangimento do mundo do trabalho profissional e familiar”. (Debert, 1997: 39)

Lenoir (1979), Guillemard (1989), Debert (1997), Cabral (2002) se dedicaram em suas pesquisas a analisar a passagem da velhice para a terceira idade, encontrando na aposentadoria a principal base de apoio.

As pesquisas realizadas por Simões (2004) sobre a previdência social e a luta política dos aposentados revelam a importância das conquistas e movimentos destes em prol de um maior reconhecimento do Estado e da sociedade. A resistência contra os estigmas e preconceitos referentes à velhice como etapa de desvalorização social e pessoal está presente nessas organizações, através das posturas e dos comportamentos atuantes e influentes dos seus membros.

Para se falar sobre a terceira idade penso que antes, algumas considerações sobre a história da previdência social no Brasil, tornam-se pertinentes.

Através da promulgação da lei de autoria do deputado paulista Elói Chaves (Decreto lei 4682, de 24 de janeiro de 1923), a primeira CAIXA de Aposentadorias e Pensões (CAPs) foi criada. Destinada a uma categoria profissional do setor privado do país, no caso os ferroviários, e posteriormente estendida em bases parecidas aos portuários e marítimos. As caixas eram sociedades civis e representavam aposentadoria privada. O seu funcionamento provinha das contribuições de empregados, de trabalhadores e do Estado. Tinha a função de captar a poupança dos assalariados urbanos, dirigindo-a a investimentos em atividades fundamentais para o desenvolvimento da industrialização. Seu objetivo era o de fornecer aos seus membros socorros médicos e hospitalares, medicamentos mais baratos, aposentadoria por tempo de serviço, velhice ou invalidez, pensão para dependentes em caso de falecimento e custeio para as despesas funerárias. Posteriormente, a partir de 1930, o contrato de seguro entre empregador e empregado característicos da CAPs começa a ser alterado por Institutos de

Aposentadoria e Pensões (IAPs). Esses estavam submetidos ao Estado e representava um modelo de organização estatal de política previdenciária. Esses Institutos abarcam categorias profissionais em nível nacional, e tanto os sindicatos quanto o Estado são presentes na administração de recursos.

A terceira etapa é a da unificação do sistema previdencial brasileiro. Em 1966, com a formação do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) reunindo todos os institutos em uma única organização, tornando a questão da aposentadoria desvinculada da questão sindical. No ano de 1974, cria-se o Ministério da Previdência Social, sem vínculos com o Ministério do Trabalho. Assim, as questões da previdência e da aposentadoria são afastadas dos interesses específicos dos sindicatos e das empresas.

É desta forma que os aposentados foram deslocados dos sindicatos e perderam seus representantes políticos. Os seus interesses não mais correspondiam aos da luta sindical, posto que as questões trabalhistas e as questões previdenciárias passaram a ocupar espaços distintos.

No entanto, graças à unificação do sistema, os aposentados através da possibilidade de se unirem com mais autonomia constituíram um movimento reivindicativo unificado que apesar de terem um sentido marginal nos anos 80, em 1991 surpreenderam com seu poder de mobilização e visibilidade política, com a luta em torno dos 147%.

Nos anos 80, as associações se organizaram em Federações (estaduais) e Confederação (nacional), mas só em 1991 foram reconhecidos pelo Estado, políticos e mídia como representantes autônomos dos sindicatos, que reivindicavam seus direitos enquanto aposentados e pensionistas.

Os 147% representam o desnível sofrido no cálculo das aposentadorias referente ao salário dos trabalhadores na ativa. Pois no período de 1979 ao de 1984, o INPS adotou novos critérios para realizar o cálculo da aposentadoria separando-a do valor do salário sem levar em conta a inflação da época. Isso demonstrou o desprezo e indiferença dos governantes em relação à população idosa.

Segundo Debert (1999) a confederação conta com mais de 600 associações de base e 9 Federações que congregam as associações nos diferentes Estados.

Entretanto, Peixoto (2004) demonstra que apenas 58% das pessoas em idade de aposentadoria estão aposentados. Mais de um terço desta população (aposentada ou não) ainda

trabalha. Nas camadas populares este quadro se agrava pelas condições menos favoráveis e mais precárias.

Debert (1999) evidencia que as principais críticas ao governo (utilizar de forma espúria as contribuições dos aposentados e em acordo com a classe dominante, acabar com a dignidade dos trabalhadores mais velhos) dão ênfase aos discursos públicos produzidos nas associações. O que sobressai segundo esta autora, nos discursos dos homens idosos que participam das associações, são as experiências, sobretudo, de aposentados e ex-trabalhadores, não as de idoso.

Ao se representar como alguém que produziu a vida toda, cumpriu suas obrigações, e no momento decisivo de receber a aposentadoria, não consegue manter a família nem os dependentes, se apresentam como provedores do lar e não como pessoas preocupadas com sua satisfação individual. Em seus discursos, segundo Debert (1999), fazem questão de mostrar que estão envolvidos em uma luta em prol de cada um, tanto jovens como velhos, a qual beneficiará toda a sociedade. Ainda segundo a autora citada, a expressão de velhice não está presente na situação do militante aposentado, pois para eles o “velho” é sempre um outro distante, acomodado e passivo, desconhecedor dos movimentos e das suas lutas.

Todavia, em países desenvolvidos como a França, o reconhecimento e a sensibilidade em relação à velhice fomentaram a construção da terceira idade, dando um sentido distinto a essa etapa da vida, apesar de haver conhecimento sobre o tratamento negativo dado aos velhos pelos franceses.

Segundo Guillemard (1989: 89) ao analisar a intersecção da construção do campo do envelhecimento com a política de seguridade francesa, afirmou que:

(...) a generalização das pensões de aposentadoria a todos os trabalhadores, bem como a melhoria dos valores dessas pensões (...) contribuíram para transformar a última fase da vida, numa etapa de inatividade remunerada onde podem se atualizar novos comportamentos de lazeres. As pessoas velhas que eram ‘economicamente frágeis’ nos anos quarenta e cinquenta formaram, a partir dos anos setenta, nova classe de ociosos não desprovidos de recursos. O vocábulo ‘terceira idade’ forjado na França durante o período, veio exprimir metaforicamente a nova realidade da velhice francesa.

Tornando-se um tempo de lazeres onde novos valores coletivos são elaborados, Lenoir (1979), citada por Cabral (2002), considera a terceira idade como uma forma de negação da própria velhice. Considera também, que essa nova “idade dos lazeres” promoveria, sobretudo, a abertura de um novo mercado de trabalho, onde profissionais interessados nesta definição passariam também, a impô-la.

A gerontologia ao defender a ideologia da terceira idade, está na realidade combatendo e desconstruindo a velhice, seu objeto de estudo. Debert (1997) explica como os reais problemas da velhice avançada, como a perda das habilidades cognitivas, emocionais e físicas são muito precariamente tratadas, e praticamente excluídas das iniciativas voltadas para a terceira idade.

Assim, o aumento populacional de idosos mais que uma conquista coletiva, representa também uma ameaça devido a possível inviabilidade dos gastos públicos com serviços de aposentadoria. Com este argumento como pano de fundo desvela-se o cenário onde os discursos gerontológicos propostos a negar e não mais combater os problemas e desafios da velhice avançada e desabastada, com a mídia e os grupos de terceira idade. Ocorre a transformação da velhice em um problema não mais social e sim de caráter individual. (Debert, 1997)

A visibilidade alcançada pela velhice exige reformulações das representações próprias do discurso gerontológico, empenhado em denunciar o descaso com que ela é tratada. Entretanto, ao ressaltar formas inovadoras e bem sucedidas de envelhecimento não se pode minimizar a velhice abandonada e dependente, transformando-a em consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de estilos de vida e formas de consumo inadequadas. (Debert, 1997: 45).

Ao evidenciar a reprivatização da velhice, explica como essa tem passado de responsabilidade social para individual, baseada nas concepções da terceira idade e nos discursos gerontológicos. Imbricadas a isto estão idéias de exclusão que configuram os mercados de consumo e as demandas políticas. O que sobressai no discurso gerontológico e é

utilizado pela mídia atual, é uma imagem muito positiva da velhice, graças ao sucesso dos programas da terceira idade.

Diante do que foi citado, percebo que este olhar lançado aos idosos pela gerontologia e demais profissionais que se relacionam com este público, é um olhar que reforça a especificidade geracional, o fato de ser idoso, contribuindo para a qualidade de suas vidas, ao torna-se *o ser idosa* mais especificamente, um atrativo, como observou Scott (2001) em relação às pretensas idosas que participavam dos grupos de terceira idade.

No entanto, embora a especificidade do *ser idosa* tenha que ser levada em conta em suas relações sociais, acaba reforçando uma segregação em grupos de terceira idade ou semelhantes, quando a faixa etária torna-se uma condição de participação, inclusão e exclusão. Pois estes mesmos espaços com demandas de inclusão, também passam a excluir. Assim, as relações intergeracionais, especialmente aquelas que ocorrem dentro da família e igualmente importantes em relação à integração do idoso na sociedade, não são contempladas, nem enfatizadas pelas políticas públicas. Ou seja, estas políticas promovendo ao mesmo tempo os idosos, promovem uma segregação com pessoas de diferentes gerações.

1.5 Envelhecimento, família e pobreza

Na literatura encontrei mais estudos realizados sobre o envelhecimento em camadas médias que em camadas populares. No entanto, dos estudos que encontrei, muitos remetiam às relações familiares dos idosos, tornando a família e o envelhecimento temas imbricados.

Cabral (2002) que desenvolveu sua tese de doutorado com idosos de camadas populares da Paraíba e Britto da Motta (1998) com idosos de Salvador, observando que a generalização da longevidade produziu resultados importantes no interior das famílias, como a mudança das expectativas referentes aos papéis maternos, paternos e filiais.

Este prolongamento da convivência entre gerações promove a possibilidade dos indivíduos passarem mais tempo de sua existência como avós, pais, filhos e netos, ocasionando a superposição de papéis, assim “esta maior longevidade estaria propiciando também uma superposição de papéis, bem como a convivência de diferentes gerações com efeitos sobre a redefinição das relações e responsabilidades no interior da família” (Goldani,

1994: 320). Essa autora também considera que no atual cenário as famílias são convocadas a assumir de forma ampliada, o seu papel de proteção social.

A família pode ser considerada o “refúgio” para o mundo hostil circundante (Sarti, 1996, Cabral, 2002), tornando-se importante sede de solidariedade entre gerações, assim como de afetos contraditórios e agressões silenciadas. Como anuncia Sarti (1996)

Suas relações fundam-se, portanto, num código de lealdades e de obrigações mútuas e recíprocas próprio das relações familiares, que viabilizam e molda seu modo de vida também na cidade, fazendo da família e do código de reciprocidade nela implícitos um valor para os pobres. (Sarti, 1996:32)

Além da família convivente, nas camadas populares onde o individualismo ainda não impera, a vizinhança é considerada como extensão familiar e uma importante rede de apoio (Sarti, 1996).

A falta de emprego e oportunidades é um dos graves problemas que os brasileiros enfrentam, especialmente os de camada popular, tornando a solidariedade geracional uma via de mão única, onde os beneficiados não são os pais ou mães idosas (Cabral,2002). Parece mais difícil e incomum observar idosos nas casas de seus filhos do que os filhos e netos que vão morar com idosos. Estes possuem a tendência (como demonstraram as pesquisas citadas e o que observei também na comunidade de Três Carneiros) de acolher suas filhas e filhos, assim como seus netos, ou os manterem na vizinhança, por perto, evidenciando uma relação *inversa de cuidados*, termo utilizado por Cabral (2002).

No entanto, essa proteção dos mais velhos aos filhos e netos não deve ser mal interpretada, através da idéia de que os idosos estão socialmente e economicamente bem amparados. O pouco que recebe da aposentadoria ou pensão, ou em trabalhos domésticos, lavagens de roupa e tarefas extenuantes como *limpar mato até não agüentar mais*, conforme relato de uma das minhas informantes, ainda não aposentada, possibilita que tenham algo a mais a oferecer aos seus descendentes desempregados, a fim de que esses possam também sobreviver. Desta forma, a regulamentação de uma aposentadoria justa, beneficia não somente um grupo isolado de indivíduos, mas redes familiares. Pois a aposentadoria dos idosos e/ou

idosas tem atuado onde as instituições públicas não têm sido capazes de realizar suas funções, como por exemplo: a falta de empregos, de boas escolas públicas, cursos profissionalizantes, entre outras.

Como “substrato da identidade social” ou “universo moral” dos pobres, Sarti (1996), a família ultrapassa sua característica de ser base de sobrevivência, a sede dos afetos mais profundos, e reveste-se de uma dimensão simbólica.

Do homem espera-se um “provedor de teto, alimento e respeito” (Sarti, 1996:38), quando não cumpre essas expectativas, essa família torna-se mais frágil, o peso do fracasso recai sobre o seu chefe que se encontra num contexto marcado pelo desemprego, ameaçando constantemente sua possibilidade de ser bem sucedido em seus papéis. Apenas sua presença na família, quando suas qualidades morais são destacadas, tem o valor simbólico de impor respeito. Porém, essa mesma presença pode ser motivo de vergonha e constrangimento, caso o homem se entregue às bebidas, tornando-se delas um dependente.

Paralelo a isto, da mulher cobra-se uma postura de boa dona-de-casa, ou seja, aquela que cuida dos serviços domésticos, faz o dinheiro render priorizando a alimentação, conforme a autora supracitada. Outra importante função feminina é a de manter a unidade e integração do grupo, ter uma família unida torna-se um objetivo a ser alcançado, pois reflete uma boa autoridade.

Um fenômeno interessante tem sido destacado por Scott (2006), Sarti (1996) e Woortmann (1984) quanto a postura das mulheres populares. Estes autores evidenciam como o universo público, ou seja, o mundo do trabalho, religião, lazer, tem se tornado cada vez mais feminino em comunidades populares urbanas, sendo a participação das mulheres incentivada e reconhecida. Como bem ilustra Scott (2006):

Empurradas pela necessidade de sobrevivência e incentivadas pela diminuição da valorização negativa da presença feminina fora de casa, as mulheres não ficam mais confinadas em casa e o envolvimento no mundo do trabalho as dignifica, as valoriza, e as fornece oportunidades de construir espaços próprios familiares que independem de contribuições masculinas. (Scott, 2006; 6)

Muitas das mulheres de camadas populares são chefes de família e a ausência de um homem nessas famílias não está diretamente ligada a esse fato. Ou seja, a chefia feminina não implica necessariamente na ausência masculina. Muitas vezes é a não observância de seu papel de provedor no amplo sentido Sarti (1996), que faz com que a mulher assuma essas atribuições sem que para isso, ele não co-habite com a família.

As famílias chefiadas por mulheres aumentaram nos anos oitenta e estão mais concentradas nas áreas metropolitanas do Nordeste, onde mais cresceu o modelo de domicílio com mulheres na chefia (Goldani, 1994: 83). Cabral (2002) chama a atenção para a idade das mulheres chefes de família, fenômeno que ocorre inversamente em relação aos homens. A chefia, assim como a libertação da autoridade masculina, é adquirida com o aumento de idade, devido à viuvez, ao abandono masculino da família, às separações e aos divórcios.

Ao encontrarem novas oportunidades e estímulos, e/ou movidas pela necessidade, as mulheres percebem as vantagens de ocupar os espaços urbanos, como forma de dar novos significados à própria existência tão marcada pelo trabalho doméstico, pela submissão e domínio dos homens (pais / maridos). Nessa tendência as mulheres idosas de comunidades populares urbanas procuram os grupos de convivência como estratégia de libertação e possibilidade de vivência de “uma forma lúdica de associação”, termo utilizado por Simmel (1983) para definir a sociabilidade.

1.6 - A teoria da sociabilidade

Ao me debruçar sobre seu estudo, percebi que Simmel (1983) observou as propriedades e diferentes características da sociabilidade de forma bastante minuciosa e sistemática. Para ele, a interação dos indivíduos, surgida a partir de impulsos diversos, os quais promovem a formação de uma unidade ou grupo, cuja intenção é a de influenciar e receber influências, está diretamente relacionada à formação da sociedade.

A partir do axioma de Kant citado por Simmel (1983), o qual declara que a liberdade de um indivíduo deve ter a medida conciliável com a liberdade dos outros indivíduos, Simmel formulou o princípio da sociabilidade. Este anuncia que a medida dos valores sociais - alegria,

espiritualidade, cordialidade, que o indivíduo oferece, deve ser equivalente ao que ele recebe. Realçando que para receber o máximo desses valores deveriam se esforçar ao máximo também para oferecê-los.

Em sua teoria sobre a sociabilidade, Simmel (1983:165) distingue e define os conteúdos (materiais) das formas de vida social. Denomina como conteúdos tudo que se encontra nos indivíduos “sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente neles de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria por assim dizer da sociação”. Ressaltando que esses impulsos ou interesses não são sociais isoladamente. Define como a “forma” da sociabilidade a promoção “do mero agregado de indivíduos isolados *em formas específicas de ser com e para um outro*”, ou seja, a sociação ou interação. (Simmel, 1983: 166).

Conforme esta premissa, pode perceber melhor a variedade e heterogeneidade das interações entre idosos quando se leva em consideração diferenças de gênero e também, como está observando Britto da Motta (2004), as diferenças dos recortes de idade na velhice, no caso específico os bem mais velhos, os centenários.

Dentre as propriedades destacadas por Simmel (1983), ressalta-se a característica da sociabilidade ser uma forma autônoma ou lúdica de sociação.

O sentimento de estar associado promove a satisfação de se estar junto, através dos interesses e necessidades específicas em comum. Conforme Simmel (1983: 169):

As verdadeiras motivações da sociação, condicionadas pela vida, não tem importância para a sociabilidade. Conseqüentemente, é compreensível que a pura forma, por assim dizer, a interrelação interativa suspensa dos indivíduos seja enfatizada da maneira mais vigorosa e efetiva.

Levando em conta a pureza de suas manifestações, seu objetivo é o momento sociável ser bem sucedido, não tendo mais que esse propósito, é interessante observar que a qualidade da sociabilidade depende das características pessoais, ou seja, das personalidades entre as quais ela ocorre. Simpatia, cordialidade, amabilidade, camaradagem entre outras, determinam o caráter da sociabilidade, sinalizando fontes de atração. Entretanto, torna-se proibido ressaltar

demasiadamente a maneira de cada participante, pois Simmel (1983) evidencia a importância do tato como fundamental para o sucesso da sociabilidade onde a “*redução da autonomia e da exacerbação pessoal*” garantem a sua existência :

O tato é aqui, portanto, de peculiar importância: onde nenhum interesse egoísta imediato ou externo dirige a auto-regulação do indivíduo em suas relações pessoais com outros, é o tato que preenche essa função reguladora. Talvez sua tarefa mais essencial seja traçar os limites, que resultam das reivindicações dos outros, dos impulsos do indivíduo, da ênfase do ego e dos desejos intelectuais e materiais. (Simmel, 1983:170)

Desta forma tanto os atributos materiais dos indivíduos como posição social, riqueza, quanto às características pessoais, devem se omitir por constituir-se em falta de tato. Assim como as “*disposições meramente pessoais de depressão, excitação e desespero*” (Simmel, 1983:170) por denunciarem a vida íntima do indivíduo, devem ser renunciados em prol de elementos mais adequados às demandas sociais daquele momento.

A discricção torna-se uma condição importante no exercício da sociabilidade, tanto no trato com os outros, como no trato consigo mesmo. Daí, sua característica de superficialidade, já que é o único mundo onde há a verdadeira democracia e igualdade de privilégios, independente das posses de coisas materiais, onde os indivíduos se reúnem com nenhum outro propósito, além do de criar uma interação totalmente pura.

No entanto, apesar dessa característica democrática, Simmel (1983) pontua que a sociabilidade entre pessoas de classes sociais diferentes pode ser *dolorosa e inconsistente*, recomendando que esta se estabeleça entre indivíduos de mesmo estrato social.

Ainda segundo esse autor, tem-se que “*a sociabilidade é o jogo no qual ‘se faz de conta’ que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular (...)*”. (Simmel, 1983 : 173)

Isto torna a homogeneidade do grupo uma característica apenas aparente, pois graças a um convívio sistemático, participando de algumas reuniões, percebi no grupo Asas da Liberdade, a diversidade de personalidades reunidas. Percepção também apurada por Cabral (2002) com seus idosos paraibanos.

Outra questão interessante destacada por Simmel, é o papel da conversação na sociabilidade. Consistindo no único propósito em si mesma, “*a conversa torna-se a forma mais pura e elevada de reciprocidade*”.(Simmel, 1983 : 177).

E ele vai mais além, ao evidenciar que o fato de ouvir e contar histórias ou piadas representa “*um veículo de animação, da harmonia e da consciência comum da reunião*”, ‘uma dádiva do indivíduo, ao grupo’ ressaltando que essa é uma dádiva particular. O doador ou o contador das histórias ou piadas deve tornar-se invisível na sua fala. Para o autor supracitado, é falta de tato expor intimidades e coisas pessoais que não sejam coerentes e adaptáveis aos requisitos sociáveis. As melhores histórias ou piadas são justamente aquelas em que a personalidade do narrador não aparece, completamente.

Dentre os beneficiados pela sociabilidade, Simmel (1983) chama a atenção das pessoas sérias expostas constantemente às pressões da vida e a função da sociabilidade de oferecer liberação, alívio e serenidade por ser justamente essa “*fuga da vida ou suspensão meramente momentânea de sua seriedade*”. (Simmel, 1983:180). Ainda segundo ele:

(...) Mas é exatamente a pessoa mais séria que colhe da sociabilidade um sentimento de liberação e alívio. Pode conseguir isso porque desfruta aqui, como numa representação artística, de uma concentração e de uma troca de efeitos, que apresentam sublimadas todas as tarefas e toda seriedade da vida, e as dilui ao mesmo tempo, pois as forças carregadas de conteúdo da realidade soam apenas vagamente, uma vez que sua gravidade evaporou-se em mero atrativo. (Simmel, 1983:181)

Penso que as idosas da comunidade urbana popular de Três Carneiros são muito especialmente beneficiadas com a sociabilidade proporcionada através das reuniões do Grupo Asas da Liberdade, que apesar de sua fragilidade, é de grande importância. Essas senhoras em boa parte da infância e adolescência, não tiveram acesso às poucas redes sociais que atualmente acionam, sendo negado alguns dos mais básicos direitos humanos, como o direito à escola e o direito ao lazer. Na infância iniciaram suas jornadas de trabalho na luta pela sobrevivência e quando adolescentes ingressaram no matrimônio e foram expostas a mais pressões e restrições, que imprimiram marcas em seus corpos e almas com o decorrer do

tempo. A sociabilidade surge como possível estratégia de libertação e alívio da seriedade de suas vidas.

Revestidas de grande potencial e demanda para a interação, para as festas, passeios e encontros, solícitas às atividades lúdicas e artesanais, reivindicam na velhice o direito a participação e o convívio social com pessoas de mesma faixa etária que antes não tiveram. (Britto da Motta; 2004)

Essa atitude faz com que o limite entre a juventude (considerada apenas “uma palavra” para Bourdieu, pois sempre se é jovem ou velho em relação a alguém) e a velhice torne-se bastante poroso, ultrapassando a fronteira etária que separa o velho do jovem. Adotando a juventude, como estado de espírito, fenômeno que reflete em novos olhares sobre o próprio corpo, pois a forma como os outros o percebem nem sempre é a mesma como ela própria se percebe, como se pode ser jovem num corpo tido como “velho”.

Objetivando investigar as mudanças nas percepções de idosas sobre a velhice, após sua inserção em grupos de terceira idade, percebi entusiasmo e alegria ao relatarem suas experiências em passeios – a visita a um parque aquático, um dos preferidos; em festas de São João, onde dançaram e se divertiram, observando que à medida que movimentavam seus corpos e recebiam deles respostas, garantindo que ainda estavam no comando, fomentavam discursos como “*desci dum escorrego que ia dessa casa até aquela esquina*”, “*coisa boa é dançar até as pernas não agüentarem mais*” e assim, desvendavam uma nova face na auto-imagem e na concepção de velhice que vai na contra-mão dos estereótipos existentes. Featherstone se dedicou a esta temática, possibilitando uma discussão valiosa a esse estudo.

1.7 Do Sentimento do corpo

Para melhor compreender a relação das mulheres idosas com seus corpos e como esta relação repercute nas percepções e experiências destas através da inserção em grupos de terceira idade sobre a velhice, a perspectiva de Featherstone (1994) foi muito valiosa.

Este autor criou a expressão “máscara do envelhecimento” (mask of ageing), onde as marcas do tempo no corpo distanciariam a imagem deste da identidade mais profunda da pessoa, que seria essencialmente a mesma identidade da juventude. Neste sentido, a velhice

passa a ser imposta de fora para dentro, pois muitos são os casos de relatos em que a pessoa não se sente velha apesar de ter consciência de sua idade e de começar a internalizar as novas expectativas sobre seu papel, numa sociedade em que cultivar o jovem, e a novidade tem prioridade, no lugar da tradição e da memória.

Cabral (2002) defende a idéia que se faz coerente no contexto das minhas informantes sobre o papel da terceira idade de seduzir e ajudar a carregar a “máscara do envelhecimento”, podendo a pessoa tirá-la, ao mesmo tempo, quando se quer valorizar as diversas experiências vividas. Todavia, essa atitude de tirar a ‘máscara’ positivando as características peculiares da velhice, como a sabedoria adquirida através da vivência das experiências acumuladas ao longo da vida não é incentivada, ou estimulada na nossa cultura, assim como não é os encontros entre gerações diferentes, que teriam tanto a ganhar quanto os idosos nesta troca.

Os estereótipos da velhice enraizados na idéia de ligação terminal com a natureza (Britto da Motta, 2002); impede os idosos de participarem mais ativamente dos grandes circuitos sociais, sendo antecipadamente excluídos e afastados com, por exemplo, a aposentadoria compulsória, uma das várias nuances da morte social a que são submetidos.

Britto da Motta (2002) evidencia que a luta das mulheres nos movimentos feministas por desconectarem-se da ligação imposta aos seus corpos com a “natureza”, como forma de manipulação e controle, através de um determinismo bioideológico é uma associação infeliz, porém mais suave do que a ligação dos velhos com a natureza. Pois essa remete a idéia de término e resíduo, portanto descartável.

No entanto, Featherstone (1994) e Britto da Motta (2002) concordam que a cultura muito influencia e atua na forma de se perceber o corpo, assim como condiciona e modifica a natureza. É de modo heterogêneo, em distintos momentos históricos e em determinada sociedade que a cultura age. Ou seja, as idosas de antes não se comportavam da mesma forma das de hoje. Parece que não transgrediam muito as idéias pré-estabelecidas de que velha tem que ficar em casa, doente, cuidando de netos, esperando a morte chegar; como as de hoje que participam de grupos de terceira idade, de passeios e festas, sendo até incentivadas pela mídia para isso. À medida que se conscientizam dos seus espaços e novas possibilidades de se colocarem em movimento, mesmo que apenas com pessoas de mesma idade, alteram a percepção de velhice e das suas experiências.

Essas novas perspectivas, no meu ponto de vista, não se desvencilharam por completo das antigas, preconceituosas, mas co-habitam e se relacionam por meio de uma tensão. Isso é relevante e denuncia um tanto da dificuldade da idosa formar sua identidade. Pois a construção da identidade parece depender da construção da imagem do corpo, segundo Featherstone (1994).

Os corpos assim, ao sofrerem influência e condicionamento da cultura, para Britto da Motta (2002; 40), “*diferenciam-se em seu existir biossocial – como corpos de homem ou mulher, de jovem ou de velho, e de classe social, com diferentes práticas*”. A imagem positiva da velhice tem ganhado terreno para a imagem negativa. Todavia, não é por causa disto que as dificuldades, necessidades e desafios ainda não superados da velhice se tornarão invisíveis, só prevalecendo o lado bom. Pois eles existem, talvez a antiga conspiração do silêncio (Beauvoir, 1976) sabote a valorização da integridade das pessoas idosas na comunidade. As suas limitações em criar percepções mais positivas sobre esta fase refletem as condições e relações concretas vividas no espaço de casa, com a família convivente e nos espaços públicos.

Na busca por mais reconhecimento, interação social, divertimento, ou entretenimentos oferecidos nos espaços específicos aos idosos, mulheres idosas percebem a ambivalência de se reconhecerem com espírito jovem, renovado e ativo; e com um corpo que ao dar sinais de alerta, ameaça limitar a prática social. Nas idosas mais velhas as queixas sobre os limites do corpo são mais apresentadas e representadas através de doenças como catarata, labirintite, dores no joelho e coluna. Ainda assim participavam dos passeios, festas e das reuniões do grupo Asas da Liberdade, umas mais assíduas que outras, tendo como fator relevante que influenciava a frequência a proximidade ou distância da casa em relação ao espaço do grupo, denotando os modos que o corpo humano limita as possibilidades para a vida social (Featherstone, 1994).

Neste capítulo foram apresentadas algumas questões teóricas relevantes para a pesquisa. Questões como a construção cultural e social da velhice, da transição demográfica, do surgimento da terceira idade e dos processos políticos evidenciando como as políticas públicas específicas para idosos parecem reforçar a segregação social. No próximo capítulo, serão apresentadas as minhas informantes, a comunidade, o grupo Asas da Liberdade, assim como os procedimentos metodológicos utilizados.

**“Caminhando, descobri
para onde me dirigia”.**
Irving Layton

Capítulo 2 – Caminhos Metodológicos

Este capítulo apresenta o perfil social e cultural das mulheres idosas entrevistadas, o percurso que percorri até chegar ao objetivo geral da pesquisa, a técnica utilizada para a coleta de dados, a entrevista guiada por um roteiro de pesquisa, eleita por dar conta de captar as sutilezas das respostas das informantes sobre alguns temas propostos e desvendar as ambigüidades nas percepções e experiências da velhice, realçadas através da participação no campo. Também apresentarei nele a comunidade onde a pesquisa foi realizada, e o modo escolhido de analisar os dados, o que caracterizou a pesquisa como qualitativa, assim como, descrever o grupo de idosos, Asas da Liberdade.

2.1-Da população do estudo

Através da minha atuação no Núcleo de Atenção ao Idoso da UFPE, como psicóloga clínica, observei que as mulheres idosas que atendia possuíam algumas especificidades ao demandarem mais pelas atividades e oficinas oferecidas pelo núcleo, como artesanato, teatro e trabalho com fitas, entre outras. Chamou minha atenção o fato de entre as queixas trazidas, as reclamações da falta de interesse dos companheiros saírem de casa para passear serem recorrentes. Fato também observado num ensaio do Coral de Idosos da Prefeitura de Recife, onde a maioria das participantes eram idosas que demandavam por atividades, entretenimento, divertimento, reconhecimento, apoio e integração social. O que observei em comum nestes espaços específicos ao idoso é que apesar de serem um espaço de inclusão social acabam excluindo pessoas com faixa etária diferente da estipulada. A idade passa a ser condição de inclusão e exclusão, enfatizando uma sociabilidade intrageracional, onde ocorre a valorização do grupo sócio-etário, mas a impossibilidade de compartilhar a experiência com outras pessoas da família, reforçando uma segregação social.

Atentando para estas demandas por atividades, reconhecimento e integração social das mulheres idosas, conheci o grupo Asas da Liberdade, situado na comunidade popular de Três Carneiros, atualmente freqüentado apenas por idosas, onde decidi realizar a pesquisa.

Foram entrevistadas nove idosas participantes do Grupo Asas da Liberdade, e realizei algumas conversas informais com uma líder comunitária, uma idosa moradora da comunidade e uma figura importante que participou de todo processo de criação do Grupo acompanhando seu falecido esposo, o Seu Dias. Ao investigar suas percepções e experiências sobre a velhice, as realcei com minha participação no campo.

Em relação às idosas participantes do grupo, foi realizada uma classificação por faixa etária. Um grupo de cinco idosas jovens com idades de 60 a 66 anos, e um grupo de quatro idosas mais velhas com idades de 77 a 88, anos. O grupo heterogêneo é caracterizado pela diversidade de personalidades, fato que contribui para a condição da sociabilidade (Simmel, 1983). Diferentemente da pesquisa de Cabral (2002) que aponta uma alta predominância de idosas jovens, houve neste grupo apenas uma pequena diferença, fato que sugere que as idosas de dez anos atrás, que ingressaram no grupo quando este foi criado, continuam freqüentando suas reuniões e envelhecendo com disposição e interação.

A partir da observação e participação nas reuniões do grupo, as quais ocorriam durante as quintas-feiras à tarde, obtive informações sobre os endereços das informantes, a fim de aprofundar as entrevistas, algumas iniciadas no grupo, e concluídas em suas casas. Mesmo indo até as idosas em suas casas continuei participando das reuniões do grupo. Encontrei dificuldade em encontrar algumas das casas e me impressionou a disposição de algumas idosas ao enfrentarem as escadarias para chegar à reunião do grupo. Algumas agentes comunitárias de saúde me auxiliaram no início, pessoas que conheci na pesquisa anterior, facilitando minha inserção no campo, mas quando estavam ocupadas tinha que encontrá-las sozinhas.

No decorrer dos percursos a procura de suas residências alguns incidentes ocorreram. Por exemplo, o fato de presenciar uma cena de violência doméstica na casa vizinha a da minha informante, em companhia de meu filho de sete anos.

Também me envolvi emocionalmente com uma idosa que estava sendo vítima de maus tratos e me pediu ajuda para levá-la a um abrigo. Acompanhei todo o processo, desde a

tentativa de sensibilizar o seu filho para suas necessidades, observando a atitude descompromissada de alguns profissionais de saúde, a sua saída de casa, a estadia no abrigo, a convivência mais positiva com outras idosas internas até seu falecimento. O que me desviou dos objetivos da pesquisa por um tempo. Porém, ao aproveitar estas questões decorrentes do poder do acaso, pude perceber com mais clareza e profundidade algumas relações entre idosas, família, profissionais de saúde, e Estado que a participação na pesquisa anterior não me possibilitara tanto através das informações em entrevistas.

As relações de solidariedade na vizinhança tornaram-se muito evidentes através da forma como conheci D. Maria (nome fictício), levada por uma das suas vizinhas a sua casa, porque achava que seria bom que eu conversasse com ela. Realmente, ela carecia de um olhar diferenciado. As únicas pessoas que lhe dispensavam atenção, realizando suas refeições, a visitando todos os dias, eram também suas vizinhas, que haviam falecido cerca de um mês. Uma estava internada doente e não sobreviveu, a outra também idosa, quando soube da notícia por ser a mãe, ficou muito fragilizada e doente, faleceu pouco tempo depois.

D. Maria me pediu que a levasse para um abrigo, logo após saber que era da universidade. Suas demandas por reconhecimento, atenção, respeito, dignidade eram motivadas pela necessidade de sair da sua condição de maus tratos, solidão e medo de morrer sozinha. E imaginando, me perguntava como seriam os quartos no abrigo, se teriam muitas camas enfileiradas, onde as idosas dormiriam juntas. Revelando seu desejo por integração social.

As relações familiares de D. Maria eram marcadas pelo abandono e ameaças do seu filho, pelos maus tratos e grosserias da enteada deste, que com D. Maria morava deixando-a nervosa e deprimida a maior parte do tempo segundo ela e algumas vizinhas preocupadas com sua situação.

A distância entre o Estatuto do Idoso e o cotidiano de D. Maria, me pareceu enorme. Apesar de saberem do caso de D. Maria e dos maus tratos que vinha sofrendo, um dos profissionais de saúde alegou não poder fazer nada, que igual a ela encontraria milhares. Apesar de saber que esta não é a visão predominante destes profissionais, percebi a situação de vulnerabilidade de idosos, vítimas de violência na comunidade e fora dela.

Entrei em contato com um abrigo que levou D. Maria. Visitando-a me revelou como aquele lugar era abençoado. Que a parte do dia que mais gostava era a depois do banho, quando fica conversando com as outras idosas.

Logo após este fato, percebi que algumas agentes comunitárias de saúde me paravam nas ruas, para me contar sobre casos de idosas que estavam sofrendo maus tratos ou tinham dificuldades na convivência familiar. Passei a ser vista como “a mulher que levava idosas para o abrigo”, o que me fez decidir por me ausentar um pouco da comunidade, por duas semanas, antes de recomeçar a participar das reuniões do grupo e das entrevistas em suas casas. No entanto, o que muito me chamou a atenção foi o desconhecimento do caso de D. Maria pelas idosas do grupo Asas da Liberdade, revelando que o grupo em parte, não atende as demandas de proteção e integridade das idosas da comunidade, só tomando conhecimento das que participam das reuniões. Uma dimensão muito reduzida.

Poucos meses depois de sua saída de casa, D. Maria foi internada no hospital, sua perna que já estava com problemas, devido a diabetes, teve que ser amputada. D. Maria não resistiu ao pós-operatório, falecendo na mesma semana. Perder uma informante pode ser doloroso quando a tênue relação de entrevistado e entrevistador torna-se, uma relação de amizade.

Em todas as residências fui bem recebida e convidada a voltar novamente, quantas vezes quisesse. A cordialidade e a simpatia com que me receberam foram muito significativas. A seguir, apresento uma breve descrição das minhas informantes que também receberam nomes fictícios a fim de preservar suas identidades:

D. Bela (60 anos) costureira e faxineira, além de contar com a pensão do seu falecido esposo. É a idosa mais politizada do grupo, sempre coordena as reuniões dando notícias culturais, apresentando prestação de contas, buscando patrocínios e incentivos para o grupo, quando não pode comparecer, D. Isa assume. Por participar do Coral de idosos da Prefeitura de Recife, repassa ao grupo valores individualistas adquiridos nos ensaios, pois este Coral além de ser formado por idosos de camadas populares, também conta com a participação de idosos de camadas médias e sua regente pertence ao segundo universo. Estudou até a quarta série, mora com filhos e neta.

D. Jose (61 anos) trabalha como empregada doméstica, não tem filhos e apesar de se denominar como solteira, mora com seu companheiro. Preocupa-se com a irmã que está com câncer, quem visita freqüentemente e recebe ajuda financeira. Estudou a primeira série, mas não é alfabetizada.

D. Silvana (62 anos) é, sobretudo, uma pessoa muito forte, pois enfrentou muitas perdas na família, depende financeiramente da renda escassa do filho. Apesar de ser viúva ainda não recebe pensão, nem é aposentada. Analfabeta, teve derrame que deixou paralisada parte da boca e do olho. Mora com filhos e parte de sua rotina é preenchida com os cuidados dispensados a neta.

D. Malu (64 anos) lava roupas para fora, faz faxinas, não gosta de médicos e é muito estimada por todos, por seu senso de humor e alegria. Chama a atenção sua disposição e resistência, pois ao chegar a sua casa, eu estava com as pernas doendo de tanto descer os degraus da enorme escadaria, ainda sem acreditar na subida. Caminho que ela percorre todos os dias, às vezes mais de uma vez. Depende financeiramente do filho, não é alfabetizada.

Lia (66 anos) cuida das atividades domésticas e apesar de seus quatro filhos serem todos adultos, não tem nenhum neto. É casada há quase 50 anos. Seu esposo participava das reuniões do grupo, no seu início, mas depois com o falecimento de alguns coordenadores não vai mais, apesar de acompanhar D. Lia nos passeios, prefere ficar em casa. Ela depende dos trabalhos informais de seu esposo, assim como dependem seus quatro filhos, todos desempregados. D.Lia é analfabeta.

D. Áurea (77 anos) Gosta de viajar com uma amiga para o Juazeiro todo ano. É costureira e pensionista. Viúva, mora apenas com uma filha que trabalha fora. Queixa-se de dor na coluna, a mesma que a impede de freqüentar as reuniões do grupo toda semana, por não dar conta das ladeiras e escadarias quando sente dor. Através do grupo aprendeu a passear. Também analfabeta.

D. Clara (79 anos) Gosta de cuidar dos seus gatos e da sua cadela vira-lata. Cozinheira e pensionista. Analfabeta e viúva. Sofreu muito no casamento, com a arbitrariedade do marido que dava seus filhos antes mesmo destes nascerem causa de muito desgosto. Queixa-se de dor nos olhos, precisa ser operada de catarata, mas não tem coragem.

D. Isa (81 anos) Costureira e presidente do grupo a contra gosto, adora dançar o coco, brincar e contar histórias. Relaciona-se muito bem com sua nora, alterna com D. Bela a coordenação das reuniões do grupo. É pensionista e analfabeta. Queixa-se de dores no joelho. Está aprendendo a ler e se orgulha disto, apesar das dificuldades.

D. Celina (89 anos) Mãe solteira de uma filha que acolheu após a separação desta, assim como seus netos. Apresenta uma visão negativa da velhice, pareceu muito revoltada com a condição do idoso na sociedade. É aposentada e analfabeta, tem labirintite e não pode caminhar sozinha nas ruas, pelo risco de ser atropelada.

2.2 – Entrada no campo

A trajetória do meu interesse e descoberta do campo se deu num processo de mudança de olhares e re-definição de focos. Através da leitura de trabalhos realizados por Guita Debert; percebi a velhice como tema interessante para ser pesquisado. Posteriormente, as redes sociais do idoso tornaram-se muito significativas para a compreensão de como este estabelece suas relações sociais e como participa dos espaços públicos e privados.

A primeira experiência profissional, mencionada anteriormente, com idosos foi o trabalho voluntário desenvolvido no NAI - Núcleo de Atenção ao Idoso da UFPE, na condição de psicóloga clínica. Este é um sub-programa do PROIDOSO - Programa do Idoso, vinculado a Pró-Reitoria de Extensão PROEXT, tendo como linha de ação, o desenvolvimento de atividades de extensão dirigidas à clientela idosa, onde a inserção e aplicação do conhecimento gerontológico representa fator de inclusão e transformação social. O NAI/UFPE promove ações voltadas para a melhoria das condições de saúde dos idosos, considerando os recursos assistenciais disponíveis e o trabalho em equipe multidisciplinar. O corpo técnico é composto por assistentes sociais, fisioterapeutas, médicos, nutricionistas, odontólogos e psicólogos. Atende pessoas de classe popular e idade equivalente ou superior a 60 anos, consideradas “idosas”, segundo a Política Nacional do Idoso - (Lei n.8.842 de 04 de janeiro de 1994 art 2).

Esta experiência possibilitou a percepção do interesse apresentado pelos idosos que participavam do programa pela busca de mais saúde, qualidade de vida e prazer em viver promovido pela participação das diversas oficinas e atividades lúdicas. Também foi

interessante observar uma questão de gênero, todos os pacientes por mim atendidos e a maioria dos que freqüentavam o programa eram do sexo feminino e dentre as queixas recorrentes, estava a falta de interesse dos maridos em sair de casa e passear, como citei anteriormente, ou de se inserir, nos mesmos grupos.

Posteriormente, participei de uma pesquisa sobre a suposta fragilidade do idoso no universo familiar na comunidade de Três Carneiros, ou melhor, mais especificamente na terceira micro-área da equipe de Saúde da Família de Três Carneiros de Baixo, do bairro do Ibura, Recife-PE (Grizzi et al,2004). Essa experiência foi muito importante não só para o meu aprofundamento teórico, mas por ter conhecido a comunidade e os idosos que viviam em situações diversas. Observei a complexidade de fatores que interferem na qualidade de suas vidas. Dos 29 idosos de 60 a 85 anos, 27 foram entrevistados¹. Nesta pesquisa foi evidenciado como a qualidade das relações familiares interferia na qualidade de vida destes.

Nem a violência contra os idosos, nem os quadros de desrespeito aos seus direitos ficaram tão evidentes como se esperava. O fato do idoso não entender como violação de seu direito a perda da autonomia sobre sua aposentadoria, como aconteceu em um dos casos ou a omissão deliberada de fatos comprometedores de elementos da família, seja como forma de proteção destes possíveis agressores, por pertencerem à família ou por intimidação dos mesmos, foram algumas das explicações encontradas (Grizzi et al, 2004).

Diante destas experiências, decidi construir um projeto perpassado pelo propósito de contribuir socialmente ao positivar a imagem desse grupo sócio-etário. Com o projeto, estava disposta a estudar as redes de sociabilidade e apoio do idoso de classe popular. Como se constituíam suas redes sociais na comunidade, a qualidade dessas redes, como os idosos percebiam e interagiam com os profissionais de saúde do Programa Saúde da Família, com seus vizinhos, amigos e familiares.

Levando em consideração que no imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da idade como algo que se refere à natureza, e que se desenrola como desgaste, morte (Britto da Motta, 2002), não é comum se pensar em bens ou ganhos;

¹ - 02 não participaram por haver dificuldades na comunicação e falta de recursos que possibilitasse uma maior compreensão.

quando muito alguma experiência. Nenhuma positividade nessa “viagem ladeira abaixo”. Muito menos prazer em vivê-la. Ainda mais em uma classe popular.

No entanto, Veras (1999) apontou a necessidade de se positivar o envelhecimento como etapa produtiva, específica da vida emocional, intelectual e social, eliminando os estigmas da discriminação internalizada que frequentemente levam os idosos a uma atitude de negação, buscando parecerem mais jovens para serem aceitos e acolhidos, obscurecendo suas características, seus atributos e sua identidade. Essa atitude esta cada vez mais acentuada não só em relação à velhice, mas em diferentes gerações.

O aumento da expectativa de vida amplia a população de idosos, que vem desafiando a assistência doméstica e do Estado, para se ter longevidade com qualidade de vida. Nesse contexto, indaguei no projeto, ainda sem a clareza adquirida posteriormente: como o idoso de camadas sociais populares procede para preencher as lacunas sociais em suas rotinas domésticas e públicas a fim de superar suas necessidades de sociabilidade?

Levei em consideração que, nas rotinas domésticas e públicas, os idosos constroem e acionam redes de sociabilidades já existentes e que estão ao seu alcance, além de demandarem por serviços assistenciais que lhes são disponibilizados, logo essas redes de sociabilidade e apoio assumem um papel importante no processo de viver prazerosamente e reconstruir a velhice.

Considerarei, então, que o prazer de viver é uma das condições para se ter qualidade de vida em qualquer de suas etapas, com ou sem “morte iminente” como sugere a representação da velhice feita por Gabriel Garcia Márquez (2003) em “O amor nos tempos do cólera”. Afinal, o momento presente é que caracteriza a existência da vida, não se justificando um futuro antecipado que por trás denuncia a morte social e todas as suas implicações.

Neste sentido, o projeto apontava a necessidade de se investigar a existência de redes de sociabilidade e de apoio, no propósito de conhecer como os idosos as acionavam.

No entanto, ao participar de uma reunião do Grupo Asas da Liberdade, novos elementos surgiram e modificaram meu olhar sobre a pesquisa. Ao mesmo tempo em que participava das reuniões e conversava informalmente com as idosas, novos recortes eu realizava. A ausência masculina no grupo também foi um dos fatores que me fez entrevistar apenas mulheres.

A participação em um ensaio do Coral de Idosos da Prefeitura do Recife, ensaios que acontecem duas vezes por semana no espaço do histórico Forte das Cinco Pontas, foi realmente um marco para a pesquisa, pois confirmou essa mudança de focos e objetivos. Neste ensaio, observei a maneira festiva com que os idosos se saudavam e participavam alegremente cantando as músicas propostas pela ativa regente, mesmo quando saiam do tom. Neste coral não apenas participavam dos ensaios, mas ficavam a par de todas as atividades culturais que estavam ocorrendo na cidade e eram convidados por sua regente a participarem e a se apresentarem em algumas delas. Duas vezes por ano fazem um piquenique para comemorar com os aniversariantes do semestre. Fiquei sabendo que ele foi criado através da iniciativa da esposa do ex-governador de Pernambuco que sonhava em oferecer um espaço de interação voltado apenas para os velhos. Mas por que só para os velhos? Será que excluindo a participação de pessoas de outras idades não estaria estimulando a segregação social deste grupo, mesmo bem intencionada? E se eles quisessem ir acompanhados por seus filhos ou netos?

Então, percebi que as ambivalências nas percepções e experiências da velhice refletem suas relações concretas com os espaços públicos e privados, revelando as possibilidades e impossibilidades de realizarem suas demandas de integração social, reconhecimento, apoio, atenção, entretenimento nestes espaços. E observando o reforço em relação à segregação social nos grupos de terceira idade, questiono em que medida a valorização do idoso nos grupos de idosos estaria sendo passada para outras gerações, não levando em conta suas relações familiares?

Na velhice, se modifica valores sobre a inserção em espaços domésticos e públicos (Scott, 2006). E na sociedade contemporânea há forças como políticas e valores que contribuem para outras modificações. Ao demandarem por reconhecimento, respeito, valorização, apoio, entretenimento, integração social e diversão, as mulheres idosas lidam com os limites das condições de suas relações e experiências nos espaços públicos e privados, que refletem nas ambigüidades e restrições em elaborar percepções mais positivas da velhice.

Então, pesquisar as percepções e experiências de idosas de uma comunidade popular sobre a velhice, a partir de sua participação em um grupo de terceira idade, passou a ser o objetivo geral da pesquisa.

2.3 Comunidade de Três Carneiros: aspectos relevantes para os idosos.

A comunidade de Três Carneiros, cuja população é de aproximadamente 13 mil habitantes, se localiza no bairro do Ibura que se limita ao Norte com a UR 02, ao Sul com Jaboatão dos Guararapes, ao Leste com UR 05 e a Oeste com Zumbi do Pacheco. De acordo com os depoimentos dos primeiros moradores, atualmente idosos, a ocupação da área se deu por volta de 1966, devido à necessidade de encontrar moradia após grande enchente que aconteceu na cidade de Recife. Segundo relatos, a área era coberta de matos, sem transporte e energia elétrica.

Contam os primeiros residentes que o deputado Newton Carneiro, proprietário das terras da futura comunidade, vendia pequenos lotes em troca de três votos e uma pequena taxa. Daí o nome da comunidade ser Três Carneiros.

Durante muito tempo os moradores ficaram sem saber se eram cidadãos de Jaboatão ou Recife. Não sabiam para onde iam seus impostos e onde reivindicar seus direitos. Assim alguns moradores, diante de tanta dúvida, decidiram se reunir formando uma comissão e, junto à Superintendência da FIDEM (Fundação de Desenvolvimento Municipal), realizaram um trabalho aéreo limitando Três Carneiros (Recife) com Jaboatão usando como referência o canal que corta Monte Verde.

Esta comunidade conta atualmente com importantes associações e entidades, organizadas pelos moradores e responsáveis por grande parte do desenvolvimento do bairro. A mais importante delas é o Clube das Mães. Sua relevância está no fato de ser a primeira entidade comunitária criada no bairro em maio de 1977 e formada por mulheres. Sua função principal era organizar os moradores para reivindicar melhores condições de vida.

A inclusão dos homens ocorreu com a criação da Associação dos Moradores, na qual houve uma participação popular essencial para o processo de desenvolvimento comunitário. Existe também o chamado Grupo de Veteranos de Três Carneiros, um espaço para aqueles que discordam dos caminhos da Associação de Moradores.

A Associação de Moradores foi formada por Seu Dias e o grupo Asas da Liberdade começou se reunindo no mesmo espaço. No entanto, Seu Dias queria que o grupo também se

tornasse uma associação, e recebesse um registro, passando a receber recursos da prefeitura e Estado. Através das reivindicações de Seu Dias acompanhado por D. Biuzinha e D. Denise, primeira presidente do grupo e D. Bela, o grupo conseguiu ser registrado em 26 de outubro de 1996. Quando isto ocorreu passou para o espaço do Clube das Mães. D. Bela quem atualmente coordena a maioria das reuniões do grupo fez parte de suas conquistas e história, assim como D. Biuzinha que apesar de não frequentar o grupo e não lhe dispensar a atenção que merece pelo excesso de atividades que desempenha, continua fazendo seu papel ativo de líder comunitária.

As pessoas que lutaram e se organizaram em prol da comunidade ou faleceram como o Seu Dias, fundador do grupo Asas da Liberdade, ou adoeceram como D. Denise, primeira presidente do grupo, ou ainda continuam batalhando como D. Biuzinha, que apesar de estar com sessenta anos, morar na comunidade e ser indicada a melhor pessoa pelas idosas para coordenar o grupo Asas da Liberdade, não está disponível para ele, devido a sua rotina intensa de atividades como líder comunitária.

A comunidade já alcançou, num prazo relativamente curto, importantes avanços. Sua principal característica é a de ser uma comunidade extremamente reivindicativa e batalhadora, consequência do papel atuante das lideranças comunitárias.

Os terminais rodoviários são de suma relevância na vida das pessoas idosas da comunidade que precisam circular dentro e fora dela, ocupando outros espaços de lazer e de trabalho. No entanto, a falta de respeito de alguns motoristas de ônibus foi realçada por uma das informantes, muito insatisfeita por ser tratada com indiferença nas paradas. O bairro conta com dois terminais rodoviários localizados em Três Carneiros de Baixo, contemplados pelas empresas Vera Cruz e Borborema, e com as seguintes linhas: Três Carneiros Alto e Baixo, Ibura/ Santa Luzia e Ibura /Boa Viagem. Já os transportes informais aproveitam os terminais rodoviários e fazem os mesmos itinerários dos ônibus (Cidade e Boa Viagem).

Algumas idosas informaram o fato de estarem estudando em uma sala só para pessoas de sua mesma faixa etária, na Escola Municipal Severina Bernadete Teixeira, localizada próximo ao Buraco da Gata, antigo lixão transformado em quadra de esportes. Apesar das dificuldades que enfrentaram durante a vida que impossibilitaram seu acesso à escola, esta se torna uma oportunidade de resgate e uma estratégia de libertação. Resgate pela possibilidade

da realização de um sonho antigo de infância, o de aprender a ler e escrever. Impossibilitado não só pela urgência do trabalho e precariedade do acesso à escola, mas pelo controle exercido pelos familiares sobre seus relacionamentos. Ao freqüentarem a escola além da possibilidade de ampliar a rede de relacionamentos, melhoram a auto-estima com declarações positivas dos professores. Na comunidade de Três Carneiros atualmente há um total de 11 escolas funcionando, sendo: duas da rede estadual (escola Estadual São José Operário e Escola Estadual Senador Antônio Farias); quatro pertencentes ao município (Escola Municipal de Três Carneiros, Escola Municipal Severina Bernadete, Escola Municipal Futuro Feliz e Escola Municipal Cristina Tavares); e 5 da rede privada (Recanto Feliz, Tia Kátia, Ana Lúcia, Creuza Lúcia e Tia Ceça).

Quanto às atividades de lazer, existe a Quadra de Esportes Ivanildo Bezerra, mais conhecida como “Buraco da Gata”, pois era um lixão anteriormente. A transformação do lixão em quadra de esportes e escola ocorreu graças à árdua luta das lideranças comunitárias e da comunidade. A maioria das pessoas que fizeram parte desta luta faleceu como Seu Dias. D. Bela estava presente e acompanhou todo o processo de reivindicação e construção, ocorridos no rápido período de seis meses. Fala que apesar de pedirem uma quadra coberta, foi construída descoberta, e logo depois construíram a escola. D. Bela teve um papel importante nesta conquista ao lado de outras pessoas importantes para a comunidade, como Seu Dias, D. Biuzinha (atual líder comunitária) e os falecidos Seu José Oliveira e Seu Genário. Os idosos e as idosas da comunidade de hoje foram pessoas que possibilitaram muitas mudanças e avanços em Três Carneiros. Algumas como D. Biuzinha e D. Bela continuam batalhando por uma comunidade melhor, queixam-se da falta de reconhecimento das pessoas da comunidade em relação a suas conquistas.



Foto n.1 – Vista parcial da quadra “Buraco da Gata” e da escola municipal

Também há opções recreativas organizadas pelo grupo de Danças Folclóricas, banda musical dos escoteiros e o grupo de idosos, Asas da Liberdade. Como festas comemorativas, segue o calendário religioso normal e comemora-se no dia primeiro de maio a procissão do Padroeiro do Bairro, São José Operário. Segundo relatos de D.Bela o grupo Asas da Liberdade participava na organização das festas no início da formação da comunidade. No entanto, depois estas festas passaram a ser organizadas pelo pessoal da Igreja. Algumas idosas católicas do Grupo Asas da Liberdade que freqüentam a Igreja Católica do São José do Operário também estão incluídas na organização das festas, reforçando a troca nos espaços públicos entre as gerações.

Em relação ao grupo de idosos, uma das festas mais apreciadas e esperadas é a do São João. Este ano foi comemorado através do auxílio dos profissionais do PSF (Programa Saúde da Família), algumas idosas sentem falta da presença de uma médica que foi transferida e se empenhava muito em lhes oferecer palestras, passeios e participava de algumas reuniões dando informações. Os profissionais de saúde, por sua vez, contaram com o apoio de um deputado em campanha de eleição. Na reunião o seu representante perguntou o que queriam para comemorar o São João, e sugeriu um almoço ou lanche. O que foi imediatamente rejeitado por D. Malu e D. Bela que desejaram uma festa para dançar, assim como a participação do mesmo já que não havia homens no grupo. O representante do deputado riu embaraçado, e o deputado as presenteou contratando um conjunto de forró para tocar. No dia

da festa, apareceu o deputado pronunciou algumas palavras mostrando-se agradecido pela sua participação naquela data e reconhecido por seu gesto, o de possibilitar o evento para satisfação das idosas participantes, além de fazer seu papel de candidato a deputado, ou seja, apresentar suas propostas e estratégias de governo e pedir o apoio das presentes. Contrariamente ao solicitado por D Bela, as idosas trouxeram seus filhos e netos, e contaram com a participação do pessoal do posto de saúde. A ausência masculina de mesma faixa etária não as impediram de dançar, animadamente convidavam umas as outras e revezavam no cuidado com os netos. Ao receberem o apoio do candidato estavam oferecendo a ele a possibilidade de encontrar eleitores. O grupo Asas da Liberdade, na realidade, pode ser visto também como uma fonte de recursos.



Foto n. 02 – Festa de São João do Grupo Asas da Liberdade

Duas importantes conquistas da comunidade ocorreram através da Associação dos Moradores e por intermédio do governo, um posto policial, uma das grandes necessidades, foi implantado em 1988 e um Posto de Saúde criado a partir de um mini-ambulatório para orientar o povo sobre prevenção de doenças. Durante muito tempo, os organizadores fizeram campanhas para arrecadar material para curativos. Em 21 de novembro de 1997, a Unidade de Saúde Jorge Lobo passa de uma unidade convencional para o Programa de Saúde da

Família, depois de várias reuniões com a comunidade. Localizado na Rua Lagoa Nova s/n, o PSF de Três Carneiros visa à promoção, prevenção e proteção à saúde, composta por 4 Equipes e duas Equipes de Saúde Bucal.

Uma segunda unidade de saúde, recentemente construída e inaugurada, representa uma conquista muito significativa para os idosos da comunidade, por ser localizada em uma área onde o acesso é mais favorável, não precisando enfrentar as ladeiras e escadarias da comunidade. O falecido Seu Severino Dias, líder comunitário muito influente e um dos fundadores do Grupo Asas da Liberdade, muito se dedicou para que essa segunda unidade de saúde se tornasse realidade, sendo homenageado ao nomearem o posto com o seu nome.

A participação dos idosos nessa unidade de saúde foi facilitada por não terem que enfrentar os desafios das escadarias e ladeiras em seu acesso. Um dos problemas que encontram e prejudicam a qualidade de suas vidas na comunidade é a existência dessas grandes escadarias e ladeiras.



Foto n. 3 Escadarias de Três Carneiros

Na comunidade de Três Carneiros funciona uma Igreja Católica, um Centro Espírita, e uma forte presença de Igrejas Protestantes ou Evangélicas, contando 11 no total. Grizzi et al, 2004, evidencia que 96% dos idosos entrevistados em determinada área desta comunidade possuem crença religiosa. Destes, tem-se que 33% são católicos e 63% protestantes. Um dado relevante é que 52% destes idosos consideraram ir à Igreja como única forma de lazer.

O comércio local é composto basicamente de lojinhas, depósitos de gás, sorveterias, farmácia, padaria, bares e várias mercearias.

A coleta de lixo é pública e regular. O caminhão de lixo passa diariamente, porém, nos lugares acidentados, onde ele não tem acesso, os garis, em dias alternados, tem a função de transportar o lixo para os pontos onde o caminhão circula. Em Três Carneiros os problemas sócio-sanitários afetam diretamente a população. Ao fotografar a exposição do lixo, alguns homens que estavam por perto falaram para tirar mais fotos do lixo, para tomarem providência.



Foto n. 4 – Lixo exposto em calçadas, problema sócio - sanitário.

O abastecimento de água se faz pela rede pública, através da COMPESA, na quase totalidade das casas, porém, em alguns domicílios se faz uso da água do poço.

O maior problema e, certamente o causador de muitos outros, é o desemprego. A área de Três Carneiros oferece oportunidades de emprego para uma mínima parcela da população, obrigando o deslocamento de moradores para vários pontos do Recife ou outros municípios para exercerem suas atividades de sobrevivência. Segundo ampla pesquisa realizada com todos os habitantes da comunidade em 1983, apenas 32% da população possuía alguma fonte de renda. Os demais 68% da população incluíam crianças, adolescentes, estudantes, desempregados e donas de casa. Dados da pesquisa realizada por Grizzi et al (2004), apenas com idosos da terceira micro-área da mesma comunidade, revelam que, apesar da ausência completa de alguma fonte de renda pessoal ser referida por 48% dos idosos entrevistados, nos ambientes domiciliares que dispõem de alguma fonte de renda familiar, em 96% deles o idoso é o provedor. Lavinias e Nicoll (2006) apresentam através de uma pesquisa de âmbito nacional como ter um idoso aposentado ou pensionista na família passou a ser uma estratégia com o dobro de eficácia no sentido de tirar a família do risco da vulnerabilidade do que ter um dos cônjuges como provedor. Segundo Camarano (1997), no Brasil, em média o idoso contribuía com 52% da renda das famílias que convive. Dados que ressaltam mais sua independência do que dependência financeira.

Na comunidade, há ainda outras associações: Grupo de Alcoólicos Anônimos (GAA), União de Moradores de Três Carneiros, Federação Ibura/ Jordão e Associação de Idosos Asas da Liberdade, já citado anteriormente. Na comunidade, além do Grupo Asas da Liberdade que é específico dos idosos, não há outro espaço que ocupem integralmente. As igrejas exercem um papel importante em suas vidas, assim como a escola situada próximo ao Buraco da Gata , onde há uma turma de idosos voltando a estudar. Torna-se assim, pertinente ressaltar que na comunidade onde se inserem as Igrejas, as festas promovidas pelos profissionais de saúde e as festas populares reforçam a ampliação da sociabilidade através das trocas entre gerações, no entanto, quando ocorre a intervenção da prefeitura ou Estado uma das condições de participação nos passeios é a faixa etária, fato também realçado em algumas reuniões do grupo, não todas, fomentando uma segregação social.

2.4 Grupo Asas da Liberdade

O nome do Grupo de Idosos Asas da Liberdade foi escolhido por Seu Dias, ao justificar como os idosos enquanto jovens e adultos já haviam batalhado e lutado muito. A velhice representava agora, sobretudo, um tempo de liberdade. Portanto, Asas da Liberdade.

O Grupo Asas da Liberdade surgiu a partir de uma iniciativa comunitária, com a finalidade de se tornar o espaço de integração social dos idosos da comunidade, foi registrado em 26 de outubro de 1996.

No início chegou a ser freqüentado por cerca de 100 idosos, segundo uma informante que participa desde a primeira reunião, recebia incentivos da prefeitura e do Estado. No entanto, após falecimento e adoecimento de alguns dos fundadores, o grupo sobrevive sem organização e apoio, com um número reduzido de participantes, variando de quinze a cinco durante os encontros, todos são mulheres idosas que ainda encontram nele uma forma de sair de casa, conversar e sentir alegria. A perda e afastamento de algumas pessoas importantes na história do grupo, assim como a falta de recursos da prefeitura e Estado, são alguns aspectos que favoreceram a evasão de participação.

Raras são as reflexões sobre cidadania e quando são realizadas através da “doçura férrea” (Britto da Motta, 2004) da vice-presidente, sempre num tom acusativo, percebe-se certa desconcentração e falta de interesse das participantes.

Entretanto, mesmo com o descaso das lideranças comunitárias e o excesso de autoritarismo da coordenação com que vem sendo tratado, percebi no grupo a possibilidade de realização de passeios, festas, ou simplesmente, o que ocorre na maioria das vezes, a satisfação da necessidade e o prazer de estar junto, brincar, tomar um cafezinho, participar de um sorteio, geralmente objetos doados por conhecidos ou familiares, custando R\$ 0,50 a rifa, saber as novidades das outras, dividir as fragilidades, as preocupações e dificuldades que já enfrentaram e enfrentam em seu dia-a-dia.

A história do grupo Asas da Liberdade pode ser dividida em dois períodos. O período da participação do Seu Dias e o período após afastamento e falecimento dele. Percebi nestes períodos tipos de sociabilidades distintos, inicialmente os idosos foram atraídos pelos donativos que eram recolhidos e repassados mensalmente em única reunião. Posteriormente

passaram a comemorar datas especiais e se discutia questões de cidadania, como os direitos dos idosos conforme vídeo realizado por Scott (1996). A explicação de D. Bela ilustra esse momento:

“O grupo começou a partir de uma necessidade, D. Seve que é líder comunitária tinha muita vontade que a comunidade tivesse um grupo de idosos, mas ela não queria a responsabilidade do grupo, queria que os idosos tivessem a responsabilidade. Ai ela foi se reunindo assim, tinha Seu Dias um cara muito inteligente que entendia muito das leis, tinha o apoio de Jarbas e a gente começou o grupo assim, com três pessoas, e ela ia de bairro em bairro recebendo donativos e em mês em mês tinha uma reunião. Então vinham todos pra aqui e cada um ganhava um pacote de fuba, um pacote de macarrão e se juntava aí e se juntava o monte de idosos. Ai no dia das mães fazia um almoço, no dia dos pais fazia outro, na semana santa fazia outro, tinha muito comerciante que era muito mais solidário do que é hoje e a gente conseguia tudo assim.” (D. Bela, 60 anos)

Continuando, D. Bela explica como das reuniões mensais o grupo passou a se reunir semanalmente, oferecendo vários passeios que são lembrados com entusiasmo e saudosismo por D. Clara.

“Ai resolveram fazer as reuniões toda semana, então não podia ser no mesmo lugar e passou para cá, que era o antigo clube das mães, ai agente começou a se encontrar aqui e em 1996 decidimos fazer uma cooperativa de costureiras então pensamos, tá bom tirar desse povo e fazer uma diretoria, aí registrou o grupo em 26 de outubro de 1996, que está registrado no estatuto e não está mais valendo, e vou ter que fazer outro estatuto, mas a gente se reuniu e tinha donativos da prefeitura, tinha trabalhos para gente fazer, tecidos, lã tinha, agulha, e também vinha merenda, vinha ônibus para gente ter passeios, vários passeios durante os dias que eram festivos, tinha do governo, o governo também dava, nós tinha o crachá que era de um lado da prefeitura e do outro lado do governo.” (D. Bela, 60)

“Era muito bom! Era bom demais aquele grupo, agora tá acabado! Era muito passeio que a gente tinha! Era bom demais, mas agora depois de D. Denise adoecer, entrou Teta e depois que ela saiu, o grupo tá indo abaixo mesmo, né? Tá muito fraquinho. Aquilo lá ficava assim de cheio, era lanche que a prefeitura mandava, agora tá muito fraco nem passeio tá tendo mais, tinha carnaval, tinha São João, tinha dia do idoso, teve dia que a gente foi pra Gravatá, chegava em Vitória fomos recebidos com tanto fogos no mundo, de Vitória fomos para Pombos, fizemos um lanche lá e depois passamos o dia em Gravatá. Foi bom mesmo. Às vezes vamos para barra de Guabiraba para casa da família de Áurea, eu sei que eu passeio viu?!”
(D Clara, 79 anos)

Atualmente, depois do adoecimento e falecimento de seus principais organizadores, o grupo tem se mantido através do esforço individual de cada uma das idosas que participam. Pois, com suas presenças, conversas, novidades, alegrias ou tristezas recebem, assim como oferecem o entretenimento que buscam. De certa forma, a redução do número de integrantes e a menor interferência do Estado, apesar de diminuir os incentivos, mudaram a característica da sociabilidade, tornando - a de uma sociabilidade instrumental ou clientelista (Wolf, 2003) para uma bem mais pura e próxima da descrição de Simmel:

... na pureza de suas manifestações a sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele. (Simmel, 1983:170).

Participar das reuniões do grupo significou, além da preocupação heurística, um momento de receber cordialidade, afeto e doar também, atenção e alguns poucos recursos: figuras de madeira, tintas e pincéis possibilitando algumas horas de atividade através da pintura.

Interessante observar que nestes momentos quando levei figuras de madeira para serem pintadas e as idosas se concentravam na pintura, deixaram surgir um lado que até então não tinha aparecido com tanta clareza. Um brincando com as outras, através de falas com duplo

sentido, demonstrando toda uma dimensão erótica na forma lúdica, também muito observado por Motta (1990).

Quando D. Clara ao enfiar seu pincel na tinta, exagerou um pouco, lambuzando ele mais do que deveria sem perceber e ao se dar conta, logo fez gracejo sorrindo maliciosamente “*Eita, eu melei o pau*”, motivo para D. Isa rir e desandar a cantar “*Ela melou o pau, ela melou o pau*”.

O grupo em alguns momentos assumiu outra característica, tornou-se um palco de disputas políticas.

A questão do conflito foi presenciada em uma reunião do grupo. Um profissional de saúde, que fez campanha eleitoral para determinado candidato a deputado, o mesmo que contribuiu com o conjunto de forró que tocou no São João e pagou as contas de luz atrasadas do grupo, pois como não pagam aluguel, se responsabilizam pelas contas de luz do local, ficou chateado e indignado ao ver fotos do candidato a deputado rival coladas nas paredes com permissão da líder comunitária fundadora do grupo. A partir daí os três encontros posteriores foram marcados por discursos políticos e pedidos de voto. Para serem ouvidas em suas necessidades e receberem apoio tiveram que se comprometer politicamente em troca, evidenciando novamente que o espaço do grupo pode ser concebido como fonte de possíveis recursos.

2.5 - Da coleta e análise de dados

Através da participação nas reuniões do Grupo Asas da Liberdade foram realizados os primeiros contatos com as idosas, utilizando a técnica da observação participante. Essa relação intersubjetiva é “uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e grupos. Nesse tipo de contato tanto a observação quanto a participação precisam ser valorizadas, pois se a última possibilita uma complementação do afeto com a razão, a primeira dá a “medida das coisas” (Cardoso, 1998:103). Também fiz uso de entrevistas utilizando um roteiro que memorizei como guia.

Na busca dos dados utilizei como instrumentos: 1) o roteiro de entrevista para ter acesso às falas das informantes (em Anexo); 2) um diário de campo para registrar as

impressões que considerava relevantes durante o momento das entrevistas e das reuniões. Também contei com um gravador a fim de reviver os momentos das entrevistas e analisá-los mais detidamente durante a fase de processamento e análise dos dados.

Os primeiros contatos realizados com as idosas do grupo Asas da Liberdade ocorreram nas reuniões do grupo, onde iniciamos uma conversa perpassada por alguns tópicos do roteiro de entrevista. Posteriormente, peguei os endereços das senhoras que participavam com mais assiduidade e concluí as entrevistas individualmente em suas casas, sem deixar de participar das reuniões do grupo realizando observações.

Utilizei no tratamento dos dados a análise qualitativa. Segundo Cardoso (1998) a análise qualitativa e a quantitativa não se opõem, mas são “modos diversos de resgatar a vida social e chegar a iluminar aspectos não aparentes e não conscientes para os atores envolvidos” (1998:95). A pesquisa assumiu assim, a característica de ser qualitativa.

Percebi a necessidade de elaborar uma etnografia das reuniões que presenciei. Essa necessidade estava relacionada à busca de alguns significados sobre como se dava a sociabilidade das idosas, como influenciavam e recebiam influências entre si, como se dava a aquisição de alguns novos valores. E para isso, tentei me aproximar da descrição densa de Geertz, o qual concebe a cultura como uma teia de significados e a sua análise como uma ciência interpretativa a buscar estes significados e não como uma ciência experimental, a procura de leis. Da Matta (1981) defende que é preciso, para se realizar uma descrição densa, recuperar “o aspecto mais humano da nossa rotina” (1981: 35), o mais difícil de ser apanhado da situação antropológica. Através dele pode-se encontrar os verdadeiros significados e distinguir atitudes muito sutis o que diferencia a descrição densa da descrição inversa, fotográfica ou mecânica, do viajante ou do missionário como já havia assinalado Geertz (1973).

Zaluar (1988) aponta os deslizes cometidos nas pesquisas de classes populares, ao focalizarem seus discursos nas carências materiais, imprimindo uma imagem negativa, da carência sem reforçar, mas não esquecendo a falta, sem permitir que a cultura ou o simbólico, os significados próprios, os valores distintos, as marcas positivas da identidade dos grupos se sobressaíam.

2.6 Dificuldades e facilidades encontradas no campo

Dentre as dificuldades encontradas no campo estava a de me perder na comunidade quando me dirigia ao endereço residencial de algumas informantes, e dentre as facilidades o fato de poder contar algumas vezes com algumas agentes comunitárias de saúde que me levavam para alguns endereços quando havia disponibilidade.

Também percebi outro caso sobre maus tratos contra idosos. Este surgiu ao conversar informalmente com uma profissional de saúde, quando percebi sua indignação e ao mesmo tempo dificuldade em se posicionar de forma mais efetiva diante do caso de sua paciente idosa e da família desta. Então, comigo desabafou numa revolta passiva, a dificuldade que enfrentava ao perceber que sua paciente idosa portadora de diabetes havia ficado sem tomar insulina durante uma semana, a qual deveria ser tomada diariamente. O motivo principal alegado pela filha, responsável pelos seus cuidados, era que não ia dar o medicamento estando na menstruação durante aquela semana. Sendo orientada e repreendida pela profissional, esta aplicou a insulina no braço da mãe de forma grosseira e dolorosa para a paciente.

Percebi nesta profissional certa angústia por presenciar tal reação e aparentemente se perceber impotente na mudança desse cenário, tendo em vista a dificuldade do trabalho isolado do profissional de saúde na comunidade.

A distância entre as outras áreas competentes parece elevar a vulnerabilidade desses profissionais que se vêem ameaçados ao se exporem em denúncias de maus tratos. No entanto, parece que um trabalho com equipe multidisciplinar sensibilizando tanto a população quanto os profissionais, conscientizando sobre a existência das leis em prol do idoso e de suas penalidades, assim como capacitando o idoso a defender seus direitos através da interiorização destes, da valorização de sua integridade e da possibilidade de realizar queixas e de ser atendido prioritariamente, respaldando-se na responsabilização efetiva dos agressores são questões que apareceram nas minhas reflexões.

A violência no interior das famílias é um problema social de grande dimensão que afeta a sociedade e, devido a sua frequência, pode ser considerado um problema de saúde pública. Uma das dificuldades para se atentar diante de quadros de violência intra-familiar, observada por Grizzi et al (2004) é que alguns idosos entrevistados não entendem como

violação dos seus direitos, por exemplo, de ter negada a sua autonomia para decidir o destino de sua aposentadoria. Ou então, omissão deliberada de fatos comprometedores de elementos da família, seja por intimidação ou como forma de proteção destes possíveis agressores por parte do idoso, por geralmente ser membro da própria família.

Ao conversar informalmente com uma das participantes do grupo Asas da Liberdade, tornou-se evidente sua dificuldade em se posicionar diante da filha sobre a quantidade de dinheiro que recebia de sua aposentadoria.

“Ela me dá muito pouco, só dá mesmo pra pagar a mensalidade do Grupo, olhe que eu já to atrasada! As meninas do grupo já mandaram recado pra ela que isso, num tava certo, porque às vezes eu penso assim em comprar um calçado pra mim, uma blusa, né?”. Quando perguntei o valor que recebia fiquei muito surpresa com resposta: *“ Ela me dá R\$ 1,00, mas eu vou pedir o dobro”.*

Através do desabafo com as outras idosas do grupo, esta idosa se conscientizou de que estava errada a maneira como era tratada pela filha, de que precisava se impor diante da perda da autonomia pelo destino de sua aposentadoria, um dos tipos de violência contra idoso, e para isso se apoiava nos recados que as meninas do grupo mandavam em seu favor. Torna-se evidente neste caso uma mudança de valor, de uma atitude de resignação para a de reflexão e questionamento.

Estas foram as principais dificuldades que enfrentei em campo: dificuldade em encontrar algumas das casas das informantes e a de me envolver com as situações de maus tratos descritas. O conflito entre as observações realizadas por Da Matta (1981) sobre *a importância de captar o aspecto mais humano das relações* e o de Zaluar (1988) deixar *sobressair o simbólico, a cultura*, os valores mais particulares não enfatizando, mas não esquecendo a carência e a falta. Ou seja, senti muita dificuldade em “antropologizar” meu olhar, pois ou me envolvia emocionalmente com as dificuldades enfrentadas pessoalmente pelas informantes, ou estava revoltada e angustiada com a falta de recursos e a aparente fragilidade, sem perceber a postura de força e coragem, disposição como enfrentavam a rotina.

No entanto, as facilidades que encontrei foram muito significativas. O acolhimento das participantes do grupo, sempre me saudando quando chegava às reuniões com calorosos abraços e elogios. As brincadeiras e o clima de descontração quebrando minha timidez inicial.

Os lanchinhos no final das reuniões como bolachas de água e sal com café, munguzá, refresco com bolachinhas servidos em pratos de plástico e canecas azuis do mesmo material. As orações de mãos dadas. As piadas. Os sorrisos e olhares carinhosos.

Aquele clima de cumplicidade difícil de descrever. Mais que informantes tornaram-se amigas que atualmente sinto falta. Ao me receberem tão bem em suas casas, e me apresentarem aos cômodos de suas residências e de suas existências, preencheram algumas lacunas da minha rotina, reavivando a esperança e o desejo de cultivar laços. Houve momentos de tanta mistura que chegaram a questionar se era possível que eu assumisse a presidência do grupo, esquecendo por instantes que não tinha idade suficiente nem endereço residencial para tal.

No próximo capítulo será visto o percurso de vida de algumas idosas entrevistadas e as novas valorizações de questões concretas de acordo com a condição atual de velhice. Onde se percebe, no quarto capítulo, uma politização disfarçada da esfera pública com as constantes preocupações sobre direitos, salários, benefícios, e do próprio andar e se tornar conhecedora de um mundo mais amplo, a uma integração com um mundo que a experiência anterior deixou menos alcançáveis para elas. Ao terem refletidas as condições e relações concretas vividas por elas na sua experiência com o público e o privado expressam ambigüidades e limitações em elaborar percepções mais positivas da velhice. Estas ambigüidades perpassam a segregação social do grupo, as relações familiares e a própria percepção de si.

**“Leva-se muito tempo
para ser jovem.”**

Pablo Picasso

Capítulo 3 – Idosas: família e comunidade.

Este capítulo apresenta passagens importantes sobre o percurso de vida de algumas entrevistadas. Nele pode-se encontrar como ocorreram as novas valorizações de questões concretas relacionadas e possibilitadas pela condição em que vivem atualmente: a velhice. Também apresenta uma discussão sobre a vivência destas entrevistadas, nos espaços públicos e privados.

Desta forma foi organizado e elaborado através dos temas que possibilitaram maior clareza dos seus percursos de vida e das relações intergeracionais na família. A infância e adolescência violadas pela exploração do trabalho; o não reconhecimento por conta dos familiares do direito à escola; diferentes sentidos observados nas relações com os netos; a perda do marido, dos familiares e enfrentamentos com os suportes sociais dos grupos; a relação com a família e percepção da vida na comunidade; o cotidiano e as atividades desempenhadas além da participação no grupo foram os aspectos destacados que ao apresentar o universo das informantes, possibilitaram também, melhor compreender suas estratégias de libertação na velhice.

3.1 – A perda da infância e do direito à escola

Através do percurso de vida apresentado pode-se perceber que durante as existências das mulheres idosas, minhas informantes, não havia espaços nem incentivos para algumas questões concretas atualmente valorizadas na velhice como a participação na escola, o acesso a lugares novos e a liberdade na ampliação da rede de sociabilidade. Este tópico apresenta especificamente a questão do direito a escola, mostrando como na infância o tiveram violado e como na velhice este é resgatado.

Nas entrevistas realizadas a obrigatoriedade do trabalho na infância como meio de sobrevivência foi um tema recorrente. O ter que ajudar os pais na roça permeou o discurso das entrevistadas.

D. Celina de 89 anos, mãe solteira e orgulhosa por construir sozinha sua casa, das entrevistadas é a única que apresenta uma visão negativa da velhice, demonstra-se revoltada com a condição da pessoa idosa na sociedade. É aposentada e nunca foi alfabetizada, apesar participa da escolinha da Igreja evangélica. Através de sua fala pude perceber a falta de espaço na sua infância para a escola, o trabalho sempre emergencial e estafante. Assim como o discurso de D. Clara, 79 anos, analfabeta, cozinheira e pensionista.

“Minha vida toda foi muito dura, eu desde 7 anos que trabalhava na roça, aí minha mãe pegava, minha mãe muito pobrezinha também, pegava aqueles vestidinhos, aqueles vestidinhos de prega que se fazia antigamente, aí eu pegava e olhava assim e dizia eu, esses vestidinhos não tão me agradando, quando eu tiver maiorzinha vou trabalhar e comprar minhas roupas , quando eu tinha 9 anos eu fui trabalhar na casa dos outros, nas casa do interior, relá milho, acordar cedinho minha filha, e eu tinha força? E eu tinha força? Eu via a hora eu cair Jesus! Sou uma pessoa muito esgotada, quando voltava e olhava a pia, tá, a pia cheia de prato, eu disse para minha vizinha -Meu Deus eu vou morrer aqui! Aí a vizinha disse - Tu tais doida de ta trabalhando naquela casa. Naquela casa tu vai te acabar, tu vai te acabar! “ (D. Celina, 89 anos)

“Nunca tive prazer na minha vida, nunca tive sossego, e meu pai era desses homens ruins para família, a minha vida foi muito sacrificada, era pegar café, era pegar milho, era panhar fava, era arrancar feijão, arrancar mandioca para fazer farinha, era fazer carvão, tudo isso. Foi quando não agüentei e fui para casa do senhor de engenho, pronto, lá foi 4 anos de sofrimento, a mulher do senhor de engenho, Deus perdoe os pecados dela, porque ela era ruim demais. Foi ai que casei, ai tive 5 filhos. Não deu certo, e com um ano, casei com outro e tive 5 filhos outra vez.” (D.Clara, 79 anos)

A situação de pobreza impulsionava a priorizarem emergencialmente as necessidades mais básicas, tornando a escola algo secundário e muitas vezes inatingível. Destaca-se o fato

de que na época que estas mulheres se encontravam na idade escolar, elas moravam no interior, em sítios ou fazendas, no campo, assim como grande proporção das pessoas de sua geração e o acesso à escola era, portanto bem mais difícil do que no meio urbano.

A negação do direito a escola, além da imposição do trabalho como emergencial devido à situação de pobreza, reveste-se de outro significado, como possibilidade de controle sobre namoros e amizades da filha. Uma questão de gênero que não pode passar despercebida.

O fato de haver mais mulheres analfabetas na faixa etária acima dos 35 anos, que homens entre os residentes de Recife, mobilizou a atenção da equipe de pesquisa do FAGES/UFPE (2004). Esta realizou um relatório tendo como problema inicial a questão de gênero apresentada. Observaram que essa situação se inverte entre os abaixo de 35 anos, sugerindo uma evolução no acesso da mulher aos meios educacionais nas últimas décadas e facilidades proporcionadas pelo convívio entre gerações. O papel das avós, elevando o grau de solidariedade e autoridade em relação aos netos, libera as mães para outras atividades.

A baixa escolaridade das informantes além de refletir como na infância tiveram que trabalhar em tarefas agrícolas e domésticas para contribuir com o orçamento doméstico; também revela como os pais e responsáveis às reprimiam, ao perceberem o não saber ler e escrever de forma positiva, como meio de controle dos seus relacionamentos.

O discurso de D. Isa, que tem 81 anos, costureira e presidente do grupo a contra gosto, tem como renda a pensão do seu falecido esposo, ilustra este cenário.

“Eu quando era jovem num tinha direito de aprender a ler, morava no interior, as escolinhas muito atrasadas e minha família num queria que eu aprendesse. Eu chorava pedindo para a tia deixar eu ir aprender, mas minha tia dizia não tem pra quê ir. Eu chorava pra ir e minha tia dizia vai não, num tem pra quê, porque depois vai aprender a escrever carta para namorado e ler as cartas do namorado.” (D. Isa, 81 anos)

Na pesquisa realizada pela equipe do FAGES/UFPE (2004), encontrou-se um número expressivo de respostas sobre o motivo de não voltar a aprender a ler dividido em duas categorias entre o “eu não tenho jeito” e como consequência das dificuldades impostas pela vida como doenças e acidentes.

Algumas idosas revelaram o grande desejo de aprender a ler quando este tema surgiu na primeira reunião que participei do grupo Asas da Liberdade. Havia apenas seis participantes que numa conversa aberta possibilitaram que eu desse algumas pinceladas na reunião com alguns tópicos do roteiro de pesquisa. Ao expressarem o desejo de aprender a ler, revelaram sentirem inveja de quem sabia. A entrada na escola, a formação de turma de idosos possibilita não só cuidar da demanda de integração social, como promove a auto-estima, apesar das dificuldades enfrentadas.

Ao falar sobre os motivos que a impediram de estudar, D. Isa confessou que só tinha inveja de uma coisa neste mundo, das pessoas que sabiam ler. Por isto estava cursando a escola e parecia orgulhosa disto, apesar de demonstrar dificuldade em aprender. Apontou como dificuldade em aprender o fato de ser idosa, internalizando os estereótipos de que idoso não aprende com facilidade, e o excesso de preocupações.

“Eu tenho vontade de aprender a ler e eu estou no colégio estudando, mas eu vou lhe dizer as coisas para entrar na cabeça do idoso é meio difícil, porque a gente se preocupa com muita coisa, mas quando a gente é jovem é muito bem. Mas a professora da gente ensina muito bem. Tem 25 pessoas na sala da gente. Aí o rapaz disse assim, -Mas tô admirado, uma pessoa na idade da senhora estudando! E quando a gente ver um jovem não quer estudar. Eu sei que ele fica admirado comigo! Parece que sou a mais velha da turma !” (D Isa, 81 anos)

Através da inserção na escola, além da possibilidade de resgate de um sonho antigo de infância, surge a possibilidade de vivência de mais liberdade ao ampliarem a rede de relacionamentos, sem a repressão dos controles exercidos anteriormente, possibilitando a valorização desta fase da vida. Também realçaram como o analfabetismo torna mais difícil a existência de quem fica a beira do mundo letrado.

D.Isa percebe seu desconhecimento da leitura e escrita como grande dificuldade na função de presidir e melhorar o grupo. Preocupada, deseja uma substituta. Outra pessoa para assumir sua função, a qual foi imposta em reunião com lideranças comunitárias pela falta de disponibilidade destas, em realizar a coordenação das reuniões.

“(...) Chegou uma moça aí para eu assinar uns papéis, mas eu não sei lê. Para tudo a gente tem que saber ler. Faz dois anos que lutei e não arrumei nada, agora vou botar uma que arrume.”

Das nove entrevistadas, sete eram analfabetas, uma havia cursado até a primeira série e a mais influente de todas, quem coordenava a maioria das reuniões, D. Bela, até a quarta série.

A baixa escolaridade das informantes foi muito significativa e coincidiu com o estudo realizado por Camarano et al (1998) o qual evidenciou que no ano de 1997, 42,3% da população idosa declararam não ter nenhuma escolaridade formal, sendo este o grupo etário com maiores índices de analfabetismo em 1996. O fato da massificação da escolaridade fundamental ser uma recente conquista (Cabral, 2002) revela como os níveis de escolaridade se alteram conforme a conjuntura da sociedade estudada.

Diante do exposto, foi observada a demanda das idosas em aprender a ler e escrever, fato impossibilitado na infância, devido à sobrecarga de trabalho e/ou ao suposto controle de seus pais ou responsáveis sobre seus relacionamentos. No entanto, esta demanda torna-se agora mais possível de ser realizada, através da inclusão em turmas específicas, o que possibilita uma tendência de valorizar e perceber a velhice positivamente.

3.2 - Família: sede dos encontros e desencontros intergeracionais

Os arranjos familiares das informantes possibilitaram perceber como os encontros entre gerações diferentes se dão no espaço doméstico, privado.

Ao sobressair à convivência familiar através da relação com filhos e netos, observa-se que são através destas relações familiares com pessoas de idades diferentes que as mulheres idosas passam uma parte significativa do tempo de seus dias.

Quadro 1

Forma de coabitação	N. de Idosas
Filhos e netos	2
Filha e netos	2
Filho, nora e netos	1
Filha	2
Cônjuge e filhos	1
Companheiro	1

Cinco das nove informantes coabitam com seus filhos e netos, uma prevalência da coabitação multigeracional. A cooperação e a relação de apoio mútuo foram mais significativas do que as relações conflituosas, também observadas neste tipo de coabitação.

O interesse pela vida dos idosos é mantido através das saudáveis relações com membros da família e amigos. E a deterioração desses laços implica em uma limitação da capacidade de movimento e uma redução de seu estado moral e de saúde. As relações saudáveis estabelecidas com filhos e netos repercutem na qualidade de suas vidas (Ribeiro,1999). Convergindo com este argumento percebe-se a família brasileira além de fonte de apoio material, a principal fonte de alegria e felicidade para os idosos (Goldani, 2004).

As pesquisas realizadas sobre a família popular urbana revelam maior predominância das relações de co-residência de idosos morando com filhos e netos (Cabral, 2002, Goldani 2004, Berquó, 1988). Estes arranjos domiciliares observados são também compatíveis com os observados por Sarti (1996) onde revela a prevalência de idosos convivendo em famílias ampliadas nas camadas populares.

Britto da Motta (2004) observou a raridade do encontro entre gerações nos espaços onde os idosos buscam interação social. Para essa autora o reencontro e a solidariedade deixam marcas positivas no caminho do idoso em busca de uma re-organização do seu lugar social. No entanto, estes encontros são caracterizados pela presença de pessoas da mesma

idade, ou seja, apenas pessoas idosas. O que evidencia a raridade dos encontros entre gerações diferentes.

Assim, é na vida privada que os encontros, assim como os desencontros, entre gerações acontecem. Podendo ser caracterizados como positivos, quando baseados na cooperação e solidariedade, ou negativos, quando estruturados na negligência e agressão aos direitos humanos e necessidades da pessoa idosa.

O encontro entre diferentes gerações nos espaços públicos, apesar de esporádico, também pode ser observado nas festas populares da comunidade como celebrações de dias santos, São João, entre outros.

Observei durante a minha participação nas reuniões do grupo Asas da Liberdade que, D. Bela, socializando os valores individualistas adquiridos no Coral de Idosos, algumas vezes reforçava que aquele era um lugar do idoso, e não de netos ou filhas, acanhando uma das participantes que estava acompanhada por sua filha e seu neto. Vale ressaltar que no Coral de Idosos, idosos de camadas populares se misturavam com idosos mais favorecidos economicamente e socialmente quando se reuniam e se apresentavam em eventos comemorativos, regidos por uma senhora que já havia sido professora universitária, oriunda de camadas médias.

Velho (1986) foi um autor que se dedicou a pesquisas e ao estudo de famílias em camadas médias, observando a predominância de valores individualistas nestas em relação ao universo das camadas populares.

Simmel (1983) revela sobre o caráter transformador da sociabilidade e explica como se dá a aquisição de valores, sendo esta bem sucedida se todos que interagem estão dispostos a aceitar os novos valores, se isso não ocorre, parece não valer a pena deixar-se influenciar.

Devido à sua verdadeira natureza, deve criar seres humanos que renunciem tanto a seus conteúdos objetivos e assim modifiquem sua importância externa e interna, a ponto de se tornarem socialmente iguais. Cada um deles deve obter valores de sociabilidade para si mesmo apenas se os outros com quem interage também os obtém. (Simmel, 1983: 173)

Poucas são as idosas que compartilham dos valores individualistas propagados no grupo. Torna-se mais clara a partir da explicação de Simmel (1983) a compreensão da dificuldade de atualização destes valores individualistas no ambiente doméstico pelas idosas entrevistadas. Não há um consenso, ou uma unanimidade sobre isto, pois estes valores não correspondem a suas lidas diárias, onde o apoio mútuo é uma estratégia de sobrevivência.

Positivamente, a cooperação e solidariedade foram relevantes nos discursos das informantes que coabitavam com filha/ filhos e netos, aparecendo o orgulho pela criação dada aos filhos em situações adversas e os frutos colhidos, hoje seus filhos serem homens de bem.

“A vida em família Graças a Deus a gente vive muito bem assim como pobre, mas vive muito bem, tudo combina tudo com a gente, é tudo combinado um com o outro, é uma beleza, porque meu filho já vai fazer 20 anos que é casado, mora comigo, desde que ele casou-se que mora comigo, graças a Deus, a nossa convivência é boa desde o começo até hoje. A gente não tem diferença, nem eu com meus filhos, nem com minhas noras nem com nada. É a mesma coisa, continua a mesma vida” (D. Isa, 81anos)

“Na medida do possível, assim como pobre é boa graças a Deus! Tem os nego que se juntam para tomar cachaça, quer dizer bebem, né? Cachaça não...Mas são uns meninos direitos, um bocado nasceu aqui, e outros não. Mas eu criei todos aqui em Três Carneiros. Um lugar muito marginalizado, como a senhora sabe né? A gente chegava assim num canto, principalmente nos hospitais quando ia ter menino, e quando dizia que era daqui, o povo dizia – Ave Maria, Três Carneiros? Mas graças a Deus, tudo deram para gente! Eu não me aperreio com filho que deram para ser marginal!” (D. Bela, 60 anos)

“Não sei o que seria de mim se não fosse meus filhos! Tem essa que trabalha aí do lado, tem o rapaz que trabalha no centro vendendo saco, o outro vende caldinho de feijão, tudo para ganhar o pão de cada dia, né?” (D. Malu, 64 anos)

Duas idosas relataram morar com apenas uma filha, revelando convivência muito boa, assim como preocupação com o fato das filhas trabalharem fora e a elevada violência nas ruas.

D. Áurea (77) e D. Clara (79) tornaram-se amigas desde as primeiras reuniões do grupo,

compartilham o fato de morarem próximas uma da outra e se visitam com frequência. Apesar de passarem a maior parte do tempo, sozinhas, por causa dos trabalhos das filhas, contam com uma rede de parentesco e solidariedade que mora na mesma rua, outras filhas e filhos, netos, irmãs e parentes próximos.

Percebe-se que os valores individualistas transmitidos nas reuniões do grupo por vezes se atualizam no contexto familiar quando apresentam certa desobrigação no cuidado com os netos como D. Áurea de 77 anos, viúva, costureira e pensionista, que gosta de viajar com uma amiga para o Juazeiro todo ano, explica a satisfação da relação familiar, onde continuam a existir a autoridade e o afeto, porém diminui a responsabilidade diária sobre os netos. Fato também encontrado por Scott (2001) ao observar a crescente participação de mulheres adultas, quase velhas, nos grupos de terceira idade de camadas populares.

“Minha relação com minha família é tudo ótima! Meus filhos são todos unidos, não tem palavrão, ninguém briga, ninguém chama nome, não! Graças a Deus! Tudo me respeita bem, pronto é o que eu disser, nenhum me responde, nenhum levanta a voz pra mim. Quando eu disser uma coisa é assim e assim, pronto é aquilo. Não tenho aperreio, se um neto chegar aqui me respeita, se eu disser volta pra sua casa, eles voltam e nem olham para trás. Tudo me respeita.” (Áurea, 77 anos)

Através da autoridade exercida sobre os filhos e netos, sentem-se reconhecidas em seus papéis no espaço privado de suas famílias. É imprescindível o contato de pessoas mais jovens com as mais idosas, uma vez que estas pontes representam a possibilidade de realizarem suas demandas e encontrarem conforto, apoio, reconhecimento, entretenimento e poderem transmitir seus valores. Afinal nenhuma pessoa é capaz de dispensar, sem prejuízo psíquico, a proximidade e a participação humana (Ribeiro, 1999).

3.3 - Avós e netos

A relação das mulheres idosas com seus netos é representada de forma variada. Observei desde a necessidade de se impor como não responsável pelos cuidados destes, como

a recusa da identidade de “babá dos netos”, à importância da cooperação com seus cuidados e até a possibilidade de através dos cuidados dispensados obterem um preenchimento do vazio encontrado na rotina doméstica.

Para Ribeiro (1999) a manutenção dos laços entre os idosos e seus netos é fundamental na preservação de antigas relações e tradições, pois reforça a importância do idoso na família ao representar um referencial estável e desempenhar um papel de grande utilidade na educação dos mais jovens.

Interessante observar como o papel de mãe e de responsável pelo cuidado, ligado ao de mulher (Lins de Barros, 2001) é expresso quando uma filha está passando por uma crise e carece de auxílio. No imaginário social a identidade da mulher aparece intrínseca a de mãe, como se fosse uma coisa só. Cabendo a mulher, então, a função de cuidar, apoiar, educar. Desta forma os arranjos domiciliares são caracterizados pela coabitação de um ou mais filhos e netos, quando se há uma ruptura ou necessidade de intervenção da mãe.

“Eu moro com minha filha e meus netos, porque, ta separada, ela deixou ele e eu vou deixar ela ir pra fora? Ficar na rua?” (D. Celina, 89 anos)

O orgulho de ter dado duro e de ter conseguido através de muito trabalho o seu espaço e a sua sobrevivência conferiu valor e dignidade à mulher que quando nova foi mãe solteira e que com o tempo, continua chefiando sua família e passando a idéia de harmonia e segurança. O mesmo evidenciou Sarti (1996) em sua pesquisa com pobres urbanos ao perceber que a dignidade da mulher mãe, porém solteira, é recuperada graças a seu desempenho no papel de trabalhadora e provedora de suas necessidades.

“A gente mora que nem você ta vendo numa casa pequenininha, quando cheguei aqui tinha esse buraquinho limpo, aí todo mundo já tinha pego seus buracos e feito suas casas, aí eu peguei esse aqui lavando roupa de ganho, e ela ainda tava bebê, quando menina ela era servente... Dei muito trabalho para conseguir isso aqui, mas consegui! Melhor do que ta pagando aluguel todo mês! E a minha relação com minha filha e meus netos é bem , é bem Graças a Deus!” (D.Celina, 89 anos)

No entanto, na ótica da filha que estava presente no momento da entrevista dando sua opinião revelou que essa harmonia é perpassada por alguns conflitos, o que demonstra a complexidade da relação entre sua mãe e seus dois filhos, que vê a necessidade de se defender...

“ Eu costumo dizer que aqui em casa tem três crianças, porque quando botam para arengar os três é uma coisa séria!” (Filha de D.Celina)

“É porque eu boto uma coisa num lugar e eles tiram e eu falo, eu tenho que falar mesmo! E acho que ela num gosta quando eu falo!” (D.Celina, 89 anos)

Ao acolher a filha, D. Celina também acolheu seus netos, compartilhando sua casa com eles e sua rotina diária. A sua filha é uma agente comunitária de saúde e está sempre atenta a suas necessidades. Preocupa-se com sua segurança nos passeios e a acompanha nas idas a Igreja. Também se preocupa com sua saúde, aconselhando a mãe não se preocupar demais com coisas que ela pode ajudar a resolver. Para Ribeiro (1999) ao conviver junto com crianças e seus familiares, a pessoa idosa tem mais acesso ao recebimento de cuidados adequados no caso de eventuais doenças. A qualidade destas relações é determinante para que isto ocorra.

Através da entrevista realizada com D. Bela observei que o cuidado com os netos e a interferência na educação dada pelos filhos não faz mais sentido para ela, sobretudo depois dos novos valores aprendidos com as orientações dadas pela regente do Coral de idosos. Deixa muito claro que o papel da idosa não é mais o de supervisionar e educar, adotando uma postura radical e um tanto indiferente em relação a seus netos e filhos.

“(...) depois, quando fica idosa, vai virar empregada dos netos? Não! Quem tiver seus filhos que vá dar sua criação a seus filhos do jeito que quer. Nós não temos o direito nem, a regente do coral, ela explica lá, ela dá orientação à gente. Ela diz que nós não temos que viver interferindo na vida dos filhos, como é a criação dos netos, porque eles é outra vida, deixa eles viver na criação deles. Que a educação deles não é para a gente ficar interferindo. E nem tem que ta socada na casa dos filhos para depois não dizerem – eu só arenguei porque sua mãe tava aqui! Ah! Eu discuti com você porque sua mãe veio aqui e veio se meter na

criação dos meninos, veio se meter na arrumação da casa, no que eu comprei ou deixei de comprar...” (D.Bela, 61 anos)

Esta reivindicação foi também observada por Lins de Barros (1987) ao pesquisar idosos de camadas médias do Rio de Janeiro:

O ser ‘avó de profissão’ ou ‘avó de tempo integral’ (...) são categorias negativas do papel de avó que não pretendem assumir. São, ao mesmo tempo, as categorias acionadas no confronto com a vida profissional das filhas. (...) Para as filhas poderem se profissionalizar fora de casa, as avós sentem que se profissionalizam como domésticas. (Lins de Barros, 1987:68).

A expressão “babá de netos” vai além do significado que demonstra a ajuda com trabalhos domésticos prestados diariamente, revela uma batalha por um poder no espaço privado que penetra as camadas populares. O fato de descobrirem avós enfatizando mais a independência do que o cuidado, mais o afeto do que obrigação revela não só uma consequência do individualismo como valor cultural, mas do poder aquisitivo mais elevado gerando mais independência de filhos adultos e pais idosos (Goldani, 2004), evidenciando ser este um comportamento mais de camadas médias que populares.

“Quando eu preciso sair, eu saio né? Hoje mesmo, eu saí fiz uma faxina e cheguei, e passo o dia dentro de casa trabalhando, tomando conta da menina, quando ela sai, eu fico trabalhando e quando eu saio, minha filha fica com a menina, e quando ela sai sou eu que fico.” (D.Malu, 64 anos)

Contrariamente, D. Malu declara que realmente coopera com os cuidados com a neta, mas isso, diferentemente dos valores individualistas internalizados e socializados por D. Bela, não limita sua vida. E assim demonstra apoio à filha que respeita seus momentos quando tem que sair.

Uma das formas de preencher o vazio da rotina doméstica se dá através da procura da conversa, o sair de casa, mesmo que bem perto, para uma esquina, abre a oportunidade do encontro. O poder cuidar da neta aparece também como significativo, realçando a importância do cuidado da avó na vida diária da neta. Diferentemente da disputa pelo poder no âmbito

familiar apresentadas nas expressões “babá dos netos”, ou “empregada dos netos”. Pois neste depoimento estes termos parecem não ter nenhum sentido. Ao terminar a entrevista com D. Silvana, ela fez questão de me acompanhar até a parada de ônibus, pois estava na hora de pegar sua neta na escola que ficava próxima da parada. Percebi durante o percurso que ela parecia satisfeita com a missão, que esta tarefa estava mais para prazerosa do que qualquer outra coisa.

“Eu pego fico em casa, quando quero conversar vou ali naquela esquina converso, espero dá a hora de pegar minha neta na escola, ai vou pega-la, dou banho, café e espero a mãe dela largar do fiteiro, quando dá seis horas e pronto ela chega do trabalho pra tomar conta dela e assim é meu dia-a-dia. (risos) Até o dia que Jesus quiser né? Se Jesus quiser que eu receba meu dinheiro, ta bom, e se ele quiser me chamar logo, também ta bom, né?! Seja a vontade dele né!” (D. Silvana, 62 anos).

O interesse pela vida é reforçado com o contato entre os mais jovens da família e com amigos (Ribeiro, 1999). No entanto, suas demandas de interação social, apoio, atenção, reconhecimento parecem ora possíveis e ora não possíveis devido aos limites observados na casa, com a convivência familiar e na rua, com a convivência de pessoas de mesma geração. Diante disto repercute as ambivalências e restrições em elaborar uma percepção mais positiva da velhice. Evidenciando a importância da qualidade de suas relações familiares, enquanto pessoas inseridas em famílias multigeracionais, para a realização de suas demandas no privado. Foram observados diferentes significados em relação ao cuidado com os netos. Desde uma recusa em assumir o papel de “babá de neto”, oriunda de camadas médias, ao apoio mútuo, numa relação de solidariedade com as filhas, e até o prazer e preenchimento de um vazio doméstico, como ilustrado por D. Silvana.

Não foi encontrado nenhum caso de idosa vivendo sozinha, transgredindo a tendência dos resultados de pesquisas atuais sobre o tema. Goldani(1994), Scott (2002), Grizzi et al (2004) anunciam a repercussão do individualismo em seus modos de viver, onde uma parcela significativa de pessoas idosas opta por morar só, realçando uma maior liberdade e satisfação do que solidão e abandono. Provavelmente este tipo de arranjo não foi encontrado, por ser esta

uma pesquisa qualitativa e se caracterizar por uma pequena amostragem, além de contextualizada em camadas populares, onde a co-residência revela também estratégias de sobrevivências reforçando a existência de arranjos com várias gerações.

Diante da complexidade dos encontros intergeracionais no ambiente doméstico, pode-se perceber que a relação com netos e filhos foi realçada através do apoio mútuo e da gratificação. Penso que se estes encontros ocupassem outros espaços, as demandas das mulheres idosas poderiam ser supridas de forma mais satisfatória, através do amadurecimento do seu valor e reconhecimento de seu saber semeado e incentivado em novas gerações.

Continuando a apresentar o percurso de vida das entrevistadas, foi relevante observar que a viuvez feminina é um tema recorrente nos estudos sobre envelhecimento assim como uma condição facilitadora do exercício da sociabilidade (Britto da Motta, 2004). Nesta fase há maior possibilidade de se deparar também com a perda de familiares. Através do relato de duas informantes pude perceber a relevância deste tema em suas vidas e o papel do grupo como suporte e facilitador do enfrentamento.

3.4 Perda de familiares e enfrentamentos com suporte social

No que diz respeito à viuvez feminina alguns autores possuem opiniões convergentes sobre a importância do suporte social na superação da perda, observando que o convívio nos grupos de convivência é muito positivo ao transformar a velhice para algumas mulheres, na melhor fase da vida, Britto da Motta (2004), Cabral (2002), Scott (2001).

Concordo com Britto da Motta (2004), quando defende que dentre os modelos de viuvez feminina, um vem se destacando, mais recente e de crescente vigor, das viúvas mais livres e ativas. Todavia, a trajetória de elaboração do luto e redefinição no seu lugar social é perpassada pela dor e sofrimento, algumas perdas deixaram seqüelas e limitações.

No entanto, devido algumas especificidades do matrimônio tradicional na sociedade capitalista, e as relações de poder, como a subordinação da mulher, o tolhimento a rotina doméstica, as expressões de conforto e alívio com a viuvez, observada por Britto da Motta (2004), não trouxeram tanta admiração quando contextualizadas. Ao se reportar a época de

casada e da criação dos filhos, D. Bela (61 anos) franziu o semblante e expressou o quanto dura foi àquela vida.

“Tudo o que fiz foi trabalhar muito, costurar até de madrugada, para poder eles estudar, porque meu marido dizia que eles não iam estudar, porque ele vivia melhor do que quem estudava, não ia trabalhar para malandro só estudar. Pronto, aí eu trabalhava direto, me acordava de madrugada, e ia pegar o pano da farda deles, né? Porque eles davam, mas era muito longe daqui, estudavam na UR 06 e eu ia levá-los debaixo de chuva e ia atrás de plástico para enrolar eles. Criei com muito sacrifício” (D. Bela, 60 anos)

As relações de gênero perpassadas pelas relações de poder pareciam resultar em um maior esforço de uma das partes do casal. Por não aceitar com subordinação a determinação do marido que não via sentido em manter os filhos na escola, D. Bela manteve uma atitude transgressora e batalhou bastante por isto.

Interessante observar que minhas informantes em sua maioria (8) se alocaram na categoria de viúvas (6) e solteiras (2) e apenas uma é casada.

No caso das separações, o motivo maior recai no fracasso do homem de cumprir com suas obrigações dentro de casa, prover não só materialmente, mas moralmente a família Sarti (1996).

Conforme o discurso de D. Clara (79 anos), que mora com uma filha e seus animais de estimação (dois gatos e uma cadela muito querida chamada Xuxa); o marido, causa de muito sofrimento e vergonha, a abandonou com filhos pequenos indo morar noutro Estado, e regressou muito tempo depois ainda convivendo com ela por 8 anos, quando esta se separou por não agüentar seus comportamentos. Não só não dividia as despesas, como a constrangia na frente dos filhos já adultos e exigia seus cuidados. Mostrou-se muito decepcionada com o casamento.

“Quando eu tava grávida, ele dava logo os filhos antes de nascer. (risos) Era! Sei que depois passa mais de 30 anos ele pra lá pra Alagoas e eu pior aqui, quando soube que eu tinha uma casinha veio simhora, e ele já tinha se aposentado muito cedo, nas colônias teve um

negócio que houve que aposentaram os homens tudinho com 50 anos. Chegou aqui queria do meu dinheiro sem me dar nenhum tostão do dele, do meu era pra dar roupa, comida e sapato pra ele. Era reclamando, e se dava dinheiro pra fazer o cumê não comia com raiva por eu ter tirado do dinheiro dele, sei que ele adoeceu, passou 3 semanas internado em Jaboatão, depois chegou bonzinho, mas era só falar em dinheiro que pronto, o dinheiro dele ninguém via, era escondido. Eu não agüentei, é melhor separar! Chegava meus filhos aqui ele botava uma cara deste tamanho se entocava lá pros quarto, e não saia”.

O abandono, a falta de responsabilidade em executar os papéis de pai e provedor, assim como a vergonha causada principalmente pelo abuso de bebida são os principais motivos que levam ao rompimento do casamento. As pesquisas realizadas sobre família embasam esta discussão através de seus resultados confirmados:

Famílias de trabalhadores, urbanos ou rurais, a preferência é pelo modelo nuclear conjugal – com elevado número de filhos, com uniões legais e duradouras – e que as rupturas destas famílias ocorreriam, fundamentalmente, quando da incapacidade do homem, por alcoolismo ou migrações transitórias, em manter sua responsabilidade de pai-provedor (Durham, 1982, Woortman, 1984 *apud* Goldani, 1994:74)

Entretanto, chama a atenção que a maior aceitação do divórcio é um tema recente. D. Clara mesmo sendo constrangida e explorada permaneceu casada por muito tempo. Quando decidiu separar-se de seu marido, ele já estava numa fase terminal e não sobreviveu por mais de dois meses. Após a morte do seu marido sua filha decidiu ir morar com ela reformando a casa e dando início a um novo tempo de sua vida.

“Oi! Ele passou mais de 8 anos aqui ainda e eu me vi doida com ele! Meus filhos não podiam vir aqui que ele se zangava com eles. Ai, foi tempo que quando ele morreu minha filha disse, mãe pra senhora não ficar sozinha, aí veio morar mais eu, e dividimos a sala em 2 quartos e depois fez esse terraço aí...” (D. Clara, 79 anos)

Apesar da liberação de certos papéis matrimoniais que a tolham em casa, Falcão (2003), estudando camadas médias, revela a desorganização que acomete a vida da mulher que perde seu companheiro. Na velhice, além da morte do companheiro, outras perdas como dos pais e até filhos, transgredindo a ordem natural do curso da vida, causa muito sofrimento para a pessoa que fica. Carecendo esta de suporte para enfrentar a tristeza que a acomete.

D. Silvana de 62 anos teve derrame após a morte do seu companheiro que foi antecedida por duas grandes perdas, a do filho e a do pai. Precisa tomar remédio diariamente, tem a boca e o olho paralisados, não é aposentada e nem recebe pensão. Seu marido apesar de alcoólatra cumpria com seu papel de provedor, não deixando faltar nada para os filhos.

“Depois de criado morreu um filho com 29 anos, era cobrador da Vera Cruz, aí ele morreu, já faz 10 anos que ele morreu, o pai foi ao enterro dele, foi ao enterro do meu pai, depois morreu o meu marido. Ele que fez essa casinha, fez essa casa, ajeitou a cozinha, ajeitou a sala, o terraço, depois fez aqui atrás um tanque para mim e quando terminou tudo, morreu. Bebia muito. Era ajeitando e bebendo.” (D.Silvana, 62 anos)

Analisando a percepção das mulheres de camadas médias sobre o que representa a situação de viuvez, Falcão (2003) percebe nas narrativas que vários sentimentos emergem como “medos, estranheza, perda de identidade, sensação de desvalia, sofrimento, desamparo, vergonha, desvalorização como pessoa, desânimo, entre outros” (2003:133). A autora acredita que estas características embasam as condições de estigmatização e liminaridade que são instaladas com a viuvez. A nova indesejada condição de viúva é assimilada através do processo de elaboração dos lutos emocional e social.

Os suportes na esfera social e de serviços são imprescindíveis para a integração social, a volta ao trabalho parece ser o mais recomendado para preencher a mente e não deixá-la vazia, típico de uma sociedade capitalista.

Em relação às atividades de lazer, parece haver certa ambivalência dos familiares e amigos, mas é no grupo, através de atividades que ocorre uma mudança, um despertar, como marcador de fronteiras, entre o que se foi até então, e o que se pode ser com a nova liberdade experimentada.

D.Bela procurou suporte social oferecido pelo grupo do Coral de Idosos. Nele experimentou o apoio necessário para combater a depressão causada pela perda do filho.

“A gente sai de casa às vezes doente, às vezes com problema, como também quando morreu um filho meu, mas lá eu fui não para cantar, mas para ver os outros cantarem porque cai em depressão, e se não fosse lá o coral eu tinha caído em depressão, porque foi lá que eu tive apoio” (D. Bela, 60 anos)

Britto da Motta (2004) apontou a questão da viuvez com forte expressão de gênero, na medida em que esse fato cultural é vivenciado, e representado de forma diferente no que diz respeito ao homem e a mulher.

Em relação aos dados sobre o estado conjugal da população com 65 anos ou mais indicam que, em 1993, “mais de três quartos dos homens (76,5%) estão em união conjugal (a primeira, a segunda ou mais) e mais da metade das mulheres (52,7%) permanecem viúvas”. (Berquó (1996) citada por Debert (1999: 164)).

A viuvez masculina é segundo essa autora um fenômeno demográfico de baixa incidência e de pouca repercussão social, o modo de vida quase não se modifica e o recasamento ocorre geralmente sem grande demora e com mulher mais jovem do que a anterior. Todavia, para as mulheres essa é uma questão demográfica e cultural, a maior sobrevivência feminina se tornou um dado generalizado nas sociedades humanas (Attias – Donfut (2004)).

Diante do exposto, percebe-se que os grupos de convivência oferecem um suporte social nesta fase de superação e luto, cuidando em parte das demandas de integração social das informantes, tendo em vista que o ambiente doméstico, para as idosas participantes do grupo Asas da Liberdade, não é substituído como espaço de valorização, e sim complementado. Esta possibilidade de ampliação da sociabilidade não alcançável durante o percurso de suas vidas, parece realmente facilitada com a viuvez.

Penso que de certa forma, os atrativos da vida pública e dos espaços de sociabilidade oferecidos aos idosos como suporte social, apesar de possibilitar momentos de alegria e de superação em relação a perdas, ampliando a rede de amizades, se tornam empobrecidos ao

excluírem as relações estabelecidas cotidianamente com pessoas de diferentes idades. Com a inclusão dos familiares, as relações poderiam ser também fortalecidas, assim como os raros e valiosos encontros entre gerações sistematizados na esfera pública que perpetuam tradições ameaçadas.

3.5 - Cotidiano e atividades desempenhadas

Em relação ao cotidiano pude observar que as tarefas domésticas como lavar, arrumar, cozinhar, que são desempenhadas como parte da rotina não mais as tolhem, pois não são tão obrigadas como antes, a ajuda das filhas quando co-habitam com as mães, proporcionam certa desobrigação positiva.

As idosas mais jovens, na faixa etária dos sessenta anos, parecem mais preocupadas com as questões de sobrevivência. Sem idade suficiente para receberem aposentadoria, lidam com as dificuldades burocráticas, que impedem que recebam a pensão do falecido esposo. Ativamente contribuem com a renda familiar através de trabalhos informais que exigem vigor físico como faxinas, lavagem de roupas e até limpar mato quando a necessidade aumenta.

Além se saírem de casa para trabalhar, as visitas às amigas e a participação na igreja fazem parte das redes sociais acionadas auxiliando na realização do desejo maior de não estar parada e sair de casa, como ilustra o discurso de D. Malu (64 anos):

“Olhe eu queria achar ao menos um emprego de varredor de rua, mas minha vida é assim, o dia que tem roupa para lavar eu lavo, e passo o dia aqui sentada, quando quero ligo a televisão, nesse instante esperando a senhora, cochilei com o copo na mão e o copo caiu e quase se quebrava! Todo domingo eu vou para Igreja e não deixo minha Igreja por outras que tem por aí não.(...) E quando chega a quinta feira, dia do grupo, eu vou me embora!!! É um dia bom! E também eu tenho uma amiga na UR-11, que o marido dela morreu, e quer dizer, morreu não, mataram! E uma vez por semana eu vou lá e a gente faz almoço e come, e eu me divirto. Ói, tem dia aqui que é preciso ganhar um trocado, pois eu alimpo mato! E alimpo

mesmo! Ganho R\$20,00 e às vezes ta muito grande, ai, eu, mando minha menina limpar lá! E é assim minha vida, eu só não quero estar dentro de casa encorujada! “ (D. Malu, 64 anos)

A aquisição da aposentadoria ou da pensão constitui um divisor de fronteiras entre uma vida de preocupações; e uma vida mais tranqüila e satisfatória.

Assim, apenas cinco idosas entrevistadas tinham renda própria, sendo que dessas, quatro eram pensionistas e uma apenas aposentada. As quatro idosas restantes dependiam de alguma forma de seus filhos, mas não deixava de auxiliá-los, seja com trabalhos informais, seja com o amparo de um teto e cuidados com a casa e com os netos. Essa reciprocidade caracteriza uma rede de solidariedade entre as camadas populares (Sarti: 1996).

A legislação ao reconhecer a complementaridade da divisão de papéis em relação ao trabalho em família, favorece que muitas viúvas permaneçam com o direito de receber pensões e rendas que legitimem seus direitos enquanto “pós-produtiva” (Scott: 2001). Trabalhos como faxinas e lavagens de roupa apesar de não serem encontrados com facilidade, são os mais realizados pelas entrevistadas que não dispõem de benefícios.

As idosas mais velhas, na faixa etária dos oitenta anos percebem suas limitações em realizar determinadas tarefas que antes realizavam com mais facilidade e contam com a cooperação das filhas ou noras.

“Eu cuido de tudo dentro de casa com ajuda da minha nora.” (D. Isa, 81 anos)

“Faço fuxico, cozinho, lavo, passo, só não faço varrer e lavar os banheiros, isso é com minha filha.” (D. Celina 89 anos)

Cabral (2002) aponta que dentre os familiares preferidos dos idosos paraibanos de camadas populares, a filha foi eleita tanto pelas mães, quanto pelos pais. Associada a esta preferência está sua disponibilidade em oferecer mais atenção e cuidados do que os outros parentes. Para Oliveira (1999), esta relação preferencial é revestida pela característica de ser *instrumental* devido à troca de favores, intensificada através da ajuda mútua cotidiana.

Nas rotinas domésticas também realizam atividades como: costura, assistir a tv, cuidar dos animais de estimação e visitas, além das atividades da casa, que já fazem parte do cotidiano das informantes.

“É fazer o serviço de casa, de vez em quando invento uma costura né? Que é pra entreter o dia. Só saio assim para o grupo dos idosos, uma piscina, uma praia, um piquenique eu gosto assim e, minha vida é essa mesmo. Vivo mais sempre dentro de casa.” (D.Áurea 77anos).

“Meu dia-a-dia minha filha é assim, viver dormindo! Quando termino o que tenho para fazer me deito, (risos) eh! Tava deitada até agora, me levantei pra assistir o Sítio do Picapau! É tomar conta dos meus gatinhos, da minha Xuxinha.” (D. Clara, 79anos).

“Ah, eu fico em casa assistindo minhas novelas e também cuido do meu cachorro e do meu gatinho, da minha casa. Quando eu saio, eu vou pra Rio Doce, pra casa do meu pai, ou da minha cunhada, é assim.” (D. Jose, 61 anos)

D. Bela, contrariamente ao resultado do estudo de Lins de Barros (1999), onde a autora observou que às filhas cabe acompanhar as mães nas saídas de casa, transita com autonomia e intensidade nos espaços públicos, realizando o trabalho de faxineira para complementar a pensão que recebe enquanto viúva, sem desconsiderar o cuidado com as roupas do filho, que apesar de trabalhar como professor de dança em uma academia conta com o auxílio financeiro da mãe e seu *teto*, caracterizando uma relação de cuidado inverso (Cabral, 2002). Nesta relação, as mães e/ou pais idosos continuariam amparando financeiramente seus filhos até o fim da vida. Assim, participar da vida pública com autonomia não exclui a cooperação e cuidado com o filho.

“As terças e quintas de manhã tem ensaio do coral, eu participo de reunião, de fóruns, tenho essa faxina na segunda, e tem a casa também, né? Cuido da roupa dos meus filhos, do meu filho, porque minha filha cuida das dela e das da menina dela”(D. Bela, 60 anos).

3.6 Motivos para participar do grupo e o que mais gostam nele

Os motivos para participar do grupo parecem entrelaçados com as características da sociabilidade que despertam maior apreciação e prazer, ou seja, a conversação, o entretenimento, a saída de casa, a valorização da amizade e da troca.

Torna-se importante ouvir através das próprias idosas os motivos de se inserirem no grupo e o que desperta mais satisfação, pois somente elas podem dizer o que realmente procuram. Apesar disto, a grande parte dos grupos de convivência sofre intervenções diretas dos planejadores de políticas públicas, assim como de valores que não fazem sentido para grande parte delas, como o fato de excluir outros membros da família das reuniões.

Pertencer a uma coletividade proporciona uma saída para a solidão doméstica, assim como uma relação de reciprocidade, onde a presença de personalidades aparentemente parecidas, mas bastante distintas, só enriquece o grupo.

Ao receberem o convite de amigas vizinhas ou da presidente do grupo, davam garantia de presença na reunião, transformando isto, com o passar do tempo em atitude habitual. Esta atitude revela uma valorização da amizade, das vizinhas e conhecidas, onde receber um convite é algo honroso, tornando-se importante, retribuir com a presença.

“É porque assim, sabe, agente tá só né, ai, D. Bela ficou chamando a gente pra ir, ai peguei ir, peguei ir e to indo ... (risos) e tô lá com tudinho (risos)”. (D Silvana, 62 anos)

“Faz muito tempo que comecei a ir para o grupo, desde que começou, faz uns seis anos eu acho. Eu comecei a ir porque me convidaram e tava todo mundo indo aí eu fui”. (D Áurea, 77anos).

A idéia de que *uma andorinha só não faz verão* citada por D. Lia, expressa como na participação do grupo acontecem ganhos causados pelo exercício da sociabilidade que não aconteceriam numa situação de isolamento, como conversação, conhecer novas pessoas, o lado lúdico das reuniões contrastando com o trabalho doméstico incessante, o não estar só.

“É porque pra mim eu acho uma diversão, porque em casa eu só fico fazendo as coisas, trabalhando, e aqui eu conheço as outras pessoas, a gente conversa brinca faz as atividades que tem pra fazer, e pronto é por isso que eu gosto! É bom, porque uma andorinha só não faz verão, né?” (D. Lia, 66 anos)

“Eu que tinha vontade de participar do grupo, de brincar, de cantar, de fazer tudo, né?” (D. Isa, 81 anos)

Além dos aspectos citados, um outro foi relevante, *o sair de casa para não adoecer*. Destacando-se também a importância do incentivo das filhas, o que será analisado nas respostas sobre a percepção dos familiares em relação às idas ao grupo. Outra questão relevante sobre os motivos de participar do grupo diz respeito ao acesso aos passeios.

“Desde que começou esse grupo aí, que eu entrei! Eu gostei sabe D. Wanda! Porque agente quando ta dentro de casa, eu vou dizer uma coisa, a gente parece que fica doente viu?! Aí eu disse, eu vou para me divertir, porque a gente quando ta dentro de casa não dá não...Ai, as minhas filhas ficaram dizendo: mãe vá simhora, mãe, vá mãe!! Dando uma força né? E aí eu fui!” (D. Malu, 64 anos)

“Eu vim pro grupo pra não ta em casa pensando e quando tem um passeio é mais barato, é que eu vim pra aqui, pra me animar, que só em casa num dá.” (D. Celina, 89 anos)

Dentre as explicações sobre o que mais apreciam no grupo a possibilidade de conversar e se entreter foi a que mais se aproxima da realidade atual das reuniões. O número reduzido de participantes é lamentável por algumas que sentem falta de mais pessoas e atividades. No entanto, parece que o número reduzido de participantes tornou menos impessoal o contato, aumentando a proximidade e a abertura entre as integrantes. Simmel (1983) explica como na sociabilidade a conversa é *o legítimo propósito de si mesma*, ou seja, uma forma *mais pura e elevada de reciprocidade*.

“Conversar né? Passar a tarde conversando e sorrindo mais as outras irmãs. D. Bela conversa muito com a gente e assim a gente passa a tarde na união, na paz de Deus né? (risos) Nós somos idosos e toda vez não vai tudinho, se fosse todo mundo, toda vez hein?! Só vão todos quando tem festa né? De ano em ano, mas quando não tem, só vai pouquinho.”
(D. Silvana, 62 anos)

“Gosto de me entreter. Porque uma diz uma coisa e a outra diz outra, aí a pessoa se enterte, né?” (D. Celina, 89 anos)

D. Isa demonstra através de seu discurso como a sociabilidade tornou-se diferente a partir da ausência de estagiários e dos incentivos que recebiam. Com a presença destes, havia a realização dos trabalhos oferecidos e apreciados, confeccionados pelas idosas e posteriormente vendidos, ampliando a renda de cada uma. Atualmente sem a presença destes, parecem se aproximar mais uma das outras, dos seus valores culturais como dançar o coco, cantar, contar histórias e realizar brincadeiras raras de se ver. No entanto, a elevada evasão do grupo revela que este tipo de sociabilidade parece não estar se sustentando sem intervenções apropriadas.

“A gente gosta de fazer trabalho, de contar histórias, no tempo de D. Denise a gente fazia muito trabalho. Era tapeçaria, bordado, ponto de cruz, tudo no mundo. Tinha uma moça que vinha exclusivamente do Jordão para ensinar a gente. Tem quinta – feira agora que a gente brinca, a gente canta, brinca de passar o anel, de passar a chave, brinca de todas as coisas, sabe? Dá aquela vontade, liga o som, dança o coco, conta história.”(D Isa, 81anos)

Os passeios realizados geram muito entusiasmo nas suas recordações. A isto se relaciona a sensação de autonomia por desbravarem novos lugares e cidades, e superação de limites de um corpo até então concebido como incapaz de oferecer movimentos, antes não requisitados. A construção de uma nova identidade na velhice é perpassada por esta relação com o corpo, agora um corpo bem mais ativo (Feathestone,1994). E também pelos movimentos dele solicitados nas atividades lúdicas. No entanto, as dificuldades em transitar

pela comunidade permanecem, num local de difícil acesso, subir e descer escadarias de grande tamanho torna-se uma proeza para pessoas de todas as idades. Apontar a fraqueza do grupo tornou-se algo costumeiro nas reuniões, o que logo implica em mais cobranças por mais participação gerando certa tensão e justificativas.

“Eu gosto muito do grupo, mas ele tá muito fraco né? Eu não vou toda semana assim por causa de subir essas escadarias, aí por causa dessa coluna, aí pronto, eu me canso, me canso. Hoje mesmo eu não vou, porque não agüento subir, mas próxima semana eu devo ir, já devo estar melhor né? E também porque eu vou viajar, eu gosto muito de viajar né? Eu vou pra João Pessoa, vou pra Guabiraba, vou pra Maraji, eu gosto mesmo de andar né?! Quando for dia 22 de dezembro eu vou para o Ceará, todo ano eu vou. Ai, pronto, a gente sai dia 11 e volta dia 16.” (D Áurea, 77 anos)

“Pra dizer a verdade eu gosto de tudo e de todo mundo, o que tem que fazer eu faço, eu acho tudo legal, mas antigamente a gente fazia flores, crochê, mas hoje tá muito fraco, só tem o que você traz e pronto. E também, saiu o pessoal quase todo, mas com ajuda de Deus a gente vai levando né?”(D Lia , 66 anos)

Desta forma, os elementos mais valorizados nas reuniões do grupo Asas da Liberdade atualmente são: a conversa, o entretenimento, a diversão obtida na expressão das brincadeiras, das cantigas, do dançar o coco, dos passeios. Anteriormente, tinham contato com atividades artísticas e artesanais graças à presença de estagiárias da universidade, atividades muito apreciadas também.

Estes elementos valorizados pelas idosas refletem suas demandas de integração social, apoio, reconhecimento e entretenimento, que limitadamente são acolhidas no grupo Asas da Liberdade. O conhecimento destas questões permite lançar novos olhares para novas formas de sociabilidade e inclusão social.

3.7 - Percepção da comunidade e de seus problemas

Na comunidade pesquisada o hábito de ir a esquina ao encontro de pessoas para conversar, ou ficar na varanda e saber sobre as novidades através dos passantes é muito comum. A apropriação do espaço público como extensão da casa foi evidenciada por Sarti (1996).

A boa relação com vizinhos foi um aspecto predominante nas falas, refletindo como as redes de vizinhança em camadas populares tornam-se redes de solidariedade. No entanto, valores individualistas parecem interferir neste cenário fomentando certo isolamento e conformismo.

D. Áurea, viúva, pensionista e costureira, que mora em sua casa com uma filha, fala da boa relação que tem com seus vizinhos, deixando claro o individualismo quando relata o fato de não receber visitas e não visitar ninguém. Fato comum a D. Malu, viúva, lavadeira e faxineira, dependente financeiramente do filho, apesar de suas brincadeiras e animação, preserva sua “privacidade” não gostando de estar na casa de vizinhos e nem de receber vizinhos em casa por causa das conversas desagradáveis, *as fofocas*:

“Minha vida graças a Deus, eu não tenho abuso de ninguém, não tenho intrigado, mas também não vou na casa de vizinho e vizinho não vem em minha casa. E quando vem a gente conversa, a gente faz tudo um pelo outro né?! Se encontra aí na rua, fica de pé, fala, conversa, graças a Deus eu não tenho mau vizinho, tudo é na boa né?” (risos) (D. Áurea, 77 anos)

“Eu gosto daqui porque vive tudo em suas casas, eu não gosto de viver em casa de ninguém porque quando a senhora ver 4 mulher ou 3 mulher conversando é fofoca, falando da vida dos outros e eu não gosto! Oi! Tudo no mundo aqui gosta de mim e das minhas brincadeiras! Às vezes, eu vou lá na barraca de Tonho e lá bem uma corda aí eu pego e me balanço e o povo bota pra rir! Eu num gosto de ta na casa de ninguém e nem gosto de fofoca, eu gosto muito daqui”.(D. Malu, 64 anos)

Dentre os principais problemas assinalados destacam-se o atendimento insatisfatório do primeiro posto de saúde, o desemprego, as grandes escadarias, a violência, a falta de

reconhecimento da população em relação às lideranças comunitárias, a falta de saneamento e distribuição de água.

Quando questionada sobre a vida e os problemas da comunidade D. Silvana, viúva e dependente financeiramente dos filhos, morando com estes em sua casa, falou sobre a vida em união e de um episódio em que foi mal atendida no posto de saúde, elogiando o novo posto, onde recebe um atendimento prioritário.

“É na união, né? (...) Agora, uma vez sabe, deu muita raiva daqui do posto, eu me senti mal e desci com minha identidade para pegar uma ficha, aí quando cheguei lá fiquei na fila, ao quando cheguei perto do balcão eu pedi, olha bota aqui meu nome, bota aqui meu nome, e ele não botou. (...) o atendimento é por cara, só se for com sua cara, aí sabe para onde eu vou agora ? para a reunião dos idosos no posto de baixo! Para ser atendida! No balcão não!” (D. Silvana, 62 anos)

D. Clara, viúva e pensionista, cozinheira, vive em sua casa com uma filha, discretamente e um pouco ambivalente diz ser boa, a vida na comunidade, mas depois, parece que ao se dar conta de ter três filhos desempregados, e por causa disto deve achar ruim. Reclama da dificuldade de acesso causada pelas escadarias.

“Assim, né? É boa né? Se eu visse meus filhos mau tratados, passando fome, mas graças à Deus, eu vejo tudo bem, só tem um que num fez por onde ser feliz, que vive muito estragado, tenho 3 filhos homens tudo desempregado, aí tem que achar ruim né? Só subir essa ladeira que é fogo, a gente tem que pegar um ônibus aqui em baixo e depois outro! Porque a gente sobe já morrendo!” (D. Clara, 79 anos)

D. Lia, casada à quase cinqüenta anos, mora com seu esposo e seus filhos adultos, todos dependem dos trabalhos informais do seu marido, revela que a vida na comunidade está indo bem, a não ser pela violência que atinge quem está fora de casa, não sendo o seu caso. D. Jose, diarista, se definiu como solteira apesar de viver com seu companheiro, concorda que a

violência incomoda, mas que está em todo lugar, e que a vida em Três Carneiros é boa, não só por morar a muito tempo, mas por gostar do lugar.

“Tá indo bem, mas só a violência que é séria demais, mas também é cada um na suas casas ai não acontece nada, é mais pra quem vive no meio do mundo, né? A gente só vive em casa mesmo, é isso!” (D. Lia, 66 anos)

“É boazinha, a vida aqui! Já faz tantos anos que eu moro aqui e eu gosto muito daqui. Só a violência né? Mas também isso tem em todo canto. Pra mim aqui é um lugar bom”. (D. Jose, 61 anos)

D. Bela, viúva, costureira, cantora no Coral de Idosos da Prefeitura do Recife, mora com seus filhos e netos, é a mais preocupada com as questões de cidadania, participando ativamente de fóruns e assumindo a coordenação do grupo de idosos, parece ter encontrado espaço para desabafar a falta de reconhecimento dos moradores em relação às lideranças comunitárias, fato que dificulta o maior desenvolvimento desta, assim como ressaltar as conquistas realizadas.

“A vida aqui na comunidade só não é melhor porque o povo não dão valor e quem luta pela comunidade. Aqui a gente não tinha nada, agente não tinha água, não tinha luz, não tinha calçada, não tinha posto nem escola, a primeira foi colocada pela igreja, pelos padres. Hoje em dia a gente tem dois postos de saúde, tem várias escolas, tem calçamento, tem água, tem luz e tudo por conta de uma criatura, mas ninguém, reconhece, na frente ficam dizendo uma coisa, por trás dizem outra. Ai eu acho que a comunidade não cresce mais por causa disso.” (D. Bela, 64 anos)

Através da análise dos principais problemas enfrentados pelas idosas na comunidade, percebe-se que as questões de cidadania, apesar de não serem discutidas no grupo Asas da Liberdade com a mesma ênfase como no período do Seu Dias, que se preocupava com a conscientização sobre os direitos dos idosos (Scott, 1996), perpassam suas vidas, atingindo-as

direta ou indiretamente. A mudança de uma sociabilidade caracterizada pela figura masculina do Seu Dias, onde a ênfase estava num discurso sobre apropriação de direitos dos idosos, e baseada em relações instrumentais (Wolf, 2003), onde a cada encontro havia a doação de alimentos não perecíveis, marcou o início do grupo, para uma sociabilidade, cuja ênfase recai em atividades lúdicas, aproximando-se da sociabilidade mais pura (Simmel, 1983), mas perpassada por um autoritarismo e certas cobranças, que parece não estar dando sustentação ao grupo Asas da Liberdade. Para as suas integrantes este se encontra fracassado.

A falta de tato nas coordenações das reuniões contribui com a evasão das participantes, assim como a falta de disponibilidade das lideranças comunitárias, fazendo com que perdesse alguns incentivos importantes da prefeitura e Estado, reduzindo o número de passeios e atividades. A criação de outros grupos de convivência de idosos próximos da comunidade, aparentemente mais organizados e oferecendo mais atividades parece também estar relacionado com a dispersão e baixa frequência de idosos nos encontros.

As reuniões do grupo em que participei pareciam se alternar em encontros mais amenos, com conversas e brincadeiras, ressaltando o lado lúdico (geralmente quando D. Isa assumia a coordenação das reuniões) e momentos de discussão política, cobrança de participação nas reuniões, prestação de contas, informações culturais sobre eventos importantes e análise de sugestões sobre tipos de roupas a serem confeccionadas no evento dos jogos, ou no São João, sugestões de festas que poderiam ser feitas, colaborações possíveis a ser pedidas, informações sobre o que estava sendo realizado nos outros grupos e o que estava dando errado no grupo Asas da Liberdade, através da coordenação de D. Bela.

Mas, em todas as reuniões aconteceu a hora do lanche e nesta hora parece que havia uma intimidade maior das participantes entre si.

Retornando ao fato de que mesmo sendo atingidas pelos problemas da comunidade, não se mobilizam nas reuniões a discutir estas questões anteriormente de maior interesse com a participação masculina. Chama a atenção à prioridade que dão às mais relacionadas com as atividades lúdicas, passeios e festas. Esta ênfase atual parece ocorrer devido ao prazer de viver o direito ao lazer não ser alcançável anteriormente, no percurso de suas vidas, conforme foi exposto no decorrer do capítulo.

O que também foi realçado além da complexidade dos encontros entre gerações diferentes no espaço de casa, com a família convivente, foi a relevância do convívio com os filhos e netos perpassado pelo apoio mútuo, onde a expressão advinda de camadas médias “*babá de neto*” reproduzida por D. Bela, não ressoou.

No próximo capítulo, através da inserção em algumas políticas específicas para idosos, num mundo contemporâneo, serão vistas as ambigüidades e limitações das possibilidades de elaborarem percepções e experiências mais positivas da velhice, refletindo as condições e relações concretas vividas pelas idosas participantes do grupo Asas da Liberdade com o público e com o privado.

**“O vento das horas varre
as ruas, os caminhos. As árvores
esperam: você não deve esperar.
Este é o tempo de viver, é único”.**
Jaime Sabines

Capítulo 4 - Sociabilidade: percepções e experiências da velhice

Foram apresentadas neste capítulo, as percepções ambivalentes em relação a si mesmas, como a realçada identidade jovem num corpo velho, representando uma possível ameaça, e a realização da associação da velhice com a acomodação, revelando uma percepção negativa.

Também foi demonstrado o difícil acesso à inserção, em políticas públicas específicas para os idosos influenciando a experiência de envelhecimento. Assim como, a ambivalência da segregação social, onde a condição etária de pertencimento parece gerar certas tensões e pressões diferentes, como a de casa expressa através do desejo dos familiares de os acompanharem, e da rua, que apesar de desejarem ter a companhia destes em alguns momentos, não podem dela usufruir, pela segregação reforçada pelas políticas públicas, que visam uma valorização da velhice.

Foram também abordados neste capítulo os medos de envelhecer na comunidade, evidenciando alguns limites e impossibilidades em terem suas demandas realizadas, assim como os sonhos e projetos para o futuro, implicando na necessidade de pensar em novas formas de sociabilidade, realçando a predominância do apoio mútuo e das relações de solidariedade entre gerações na família e na vizinhança, denunciando a dificuldade de atualização, no ambiente doméstico, dos valores individualistas.

Nas entrevistas realizadas foi observado desde o desejo e responsabilidade em ajudar o grupo, a animação e entusiasmo com os passeios e confecção de roupas, ao simples sentimento de se entreter com as falas e sair de casa. Ir ao grupo também significa fazer uma espécie de higiene mental e renovação, uma das saídas contra o isolamento. Nele pode-se encontrar tanto

a resistência aos estereótipos de limitação da velhice, quanto apoio diante de perdas. Também foi ressaltada a possibilidade de resgate e vivência de liberdade, fato comum a outras pesquisas como a de Britto da Motta (1999), Scott (2001).

Algumas autoras como Britto da Motta, Debert, Lins de Barros, Peixoto, Cabral entre outras, muito se dedicaram ao estudo da sociabilidade na velhice, e sem dúvidas, a teoria de Simmel (1983) utilizada em algumas destas pesquisas, clareou as questões analisadas, assim como as questões propostas pelo presente estudo. Para este autor a sociabilidade por se afastar da formalidade dos laços sociais define-se como uma forma “lúdica da sociação”(1983:168).

4.1 - Percepções e experiências da velhice através da relação com algumas políticas públicas específicas para idosos.

Para avaliar como a inserção em políticas públicas específicas para as idosas, como aposentadoria, pensões e direitos próprios de uma sociedade contemporânea (Scott, 2004), influencia na formação das percepções e experiências sobre a velhice, foi importante ouvi-las sobre o que pensavam desta fase, observando diferenças expressivas relacionadas ao acesso que tinham ou não destas políticas.

Como já foi dito, das nove idosas entrevistadas, apenas cinco possuem renda fixa. Quatro são pensionistas e apenas uma é aposentada. O restante, quatro idosas, depende financeiramente dos trabalhos informais dos filhos ou marido.

Ao receber os recursos através de pensões ou aposentadorias garantem uma existência mais digna e livram a família de uma situação de vulnerabilidade. Segundo Goldani (2004) o nível de pobreza das famílias que contém crianças é três vezes mais elevado do que o das famílias que possuem idosos. Revelando como a co-residência pode beneficiar não só os idosos, mas principalmente as gerações mais jovens.

“Eu acho muito bem, porque antigamente minha filha, os pobres dos idosos não tinham direito a nada, e hoje em dia, graças a Deus, chega na minha idade já ganha seu dinheirinho e não se aperreia mais né? Antes a pobre de uma mulher viúva ia sofrer pra criar

os filhos e agora não, tem essa bolsa escola, tem tudo a tomar, eu acho muito bom esse tempo de agora, eu acho ótimo!” (D. Clara, 79 anos)

A ausência de recursos repercute negativamente na experiência e percepção de velhice. A revolta incontida por viver em um país cuja realidade parece muito distante do que determina as leis e os direitos decretados, revela a condição de impotência e de dependência financeira de filhos e/ou parentes. Foi assim evidenciada nos seus discursos uma politização disfarçada da esfera pública, com preocupações sobre direitos, salários e rendas.

A dificuldade encontrada em ter acesso aos seus direitos, como a demora na aprovação de benefícios, a falta de capacitação do pessoal para o bom atendimento aos idosos, dificultando todo o processo e cumprimento das exigências para o encaminhamento bem sucedido, torna a impotência em fazer valer estes direitos, já sonhados. Nestes momentos o apoio da religião oferece mais poder, numa situação de espera e dificuldade.

“É difícil, né? Eu fico aqui em casa conversando mais Jesus, e digo oh Jesus fiquei sem marido, ele morreu agora to aqui só, meu filho trabalha e o outro vai para a praia vender coisa, aí chega e diz ó, mãe foi muito ruim hoje, só apurei oito real. E pra quê dá oito real? Ai traz o pão da noite, compra café e se eu tivesse com meu dinheirinho... Comprava uma carninha com ossinho, né? Pra de noite tomar com café. Mas cadê? Só Jesus para mandar aquela mulher assinar meus papéis e mandar o que é meu né? Sei não.” (D. Silvana, 62)

D. Celina apesar de ser aposentada e mesmo participando do grupo, acha a velhice muito ruim, pois não se sente respeitada nos seus direitos. Revoltada com as atitudes dos motoristas de ônibus que não param por ela ser idosa, indignada e incrédula em relação aos direitos do idoso, onde há muita conversa e teoria desmentida na vida prática.

“A velhice é muito ruim! O tempo antigo era muito bom, mas vou dizer! Cada uma que for nova que aproveite! Porque a velhice é muito ruim! Ah, porque tem carteira tem ônibus de graça e eu lá tenho conta com isso?! Tem de graça, mas quando a gente dá a mão para parar

ele não pára! E a gente fica lá quarando! Fica lá com as pernas já doendo, e essas histórias de direito de idoso? E idoso tem lá direito?!” (D. Celina, 89 anos)

Portanto, pode-se concluir que apesar de existirem as políticas públicas específicas para idosos, como aposentadoria, pensão, direitos a transportes, que são muito importantes possibilitando realizarem em parte suas demandas, a dificuldade encontrada em terem acesso a estes direitos denuncia a falta de comprometimento e reconhecimento do valor da pessoa idosa na sociedade, reforçando a necessidade de se repensar a transmissão de valores e os contatos entre gerações.

4.2 – Percepções e experiências da velhice com participação nos espaços públicos.

Através da observação da ambigüidade da segregação social, foi possível perceber como as possibilidades e impossibilidades de realizarem suas demandas influenciam a percepção e experiência que possuem da velhice.

O espaço separado do grupo Asas da Liberdade parece fundamental para que a participação no grupo tenha a sua particularidade de valorização de idade, inclusive na determinação de temas a serem abordados e discutidos. Em outros momentos surge o desejo de compartilharem das experiências como passeios e festas com outras pessoas da família e a impossibilidade de o realizarem.

Isto foi observado em reunião do grupo próxima ao passeio de comemoração do dia do idoso no Water Park, comentado a seguir, quando algumas idosas conversavam entre si, um tanto quanto sem saber como lidar com a impossibilidade de serem acompanhadas por seus familiares neste momento especial de diversão.

Ao falar sobre as reações dos filhos em relação aos passeios na entrevista, D. Isa comentou que no início reclamavam, e que mesmo sabendo que não podiam acompanhá-la em determinados lugares, prometeu levá-los a onde quer que fosse como uma saída para esta ambigüidade percebida na segregação social que inclui e exclui ao mesmo tempo, gerando como neste caso alguns conflitos para as idosas.

“Eles gostam muito que eu venha, antes eles ficavam reclamando ‘mas mamãe a senhora gosta muito de passear’, e eu dizia: ‘mas onde eu for eu levo vocês também’ e eles gostaram. A minha família nunca disseram nada mais, eu sempre vou para qualquer canto que tiver festa e tudo e nunca dizem nada não.” (D. Isa, 81 anos)

No passeio promovido pela Prefeitura de Recife em comemoração ao Dia Nacional do Idoso -27 de setembro de 2006, no parque aquático do Veneza Water Park, em Marinha Farinha, foram reunidas cerca de seis mil pessoas idosas com idades entre os 60 e 90 anos, contemplando 78 grupos de convivência e 8 instituições de longa permanência. O grupo Asas da Liberdade foi contemplado e todas as idosas puderam participar do evento, mas para isso uma das exigências precisava ser cumprida. Para participar do evento, as idosas não podiam levar ninguém com menos de 60 anos em sua companhia, a não ser que necessitasse de cuidados especiais. Foi lembrado em reunião que caso o grupo chegasse lá com alguma criança ou pessoa mais jovem que não fosse cuidadora, todos os participantes seriam punidos e regressariam do portão do parque.

A exclusão de pessoas mais jovens causou constrangimento na reunião, pois algumas idosas queriam levar suas filhas e netos, o que era expressamente proibido. Interessante observar que esta imposição na realidade veio do Estado, e não da comunidade ou do grupo. A quantidade de idosos reunidos mostra uma disciplina política dos idosos pelo Estado. Assim como o marido de D. Lia, outros idosos da comunidade participaram acompanhando suas esposas ou namoradas.

Nas festas realizadas na comunidade com o grupo Asas da Liberdade e os profissionais de saúde do PSF, a troca entre as gerações foi possível de ser observada, mesmo com as restrições impostas pela coordenação na reunião, quanto à proibição da presença de crianças e outras pessoas mais jovens. Na festa de São João, contrariamente ao solicitado, houve uma presença significativa de idosas acompanhadas por filhos e filhas e netos, além da presença dos profissionais de saúde, que se misturaram com as idosas animando a festa.

Quando questionadas sobre o que pensavam da velhice depois que começaram a participar do grupo, ficou clara a importância deste em suas vidas, mesmo tendo como limitação o fato de se relacionarem com pessoas de mesma faixa etária, na maior parte dos

encontros e como condição dada para participação nos passeios realizados, promovidos pela prefeitura e pelo Estado.

Para Peixoto (1995), que investigou os espaços de sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses observando diferenciações internas interessantes e importantes, seja quanto à dimensão de relações interclasses, seja quanto ao grau de interação entre as gerações, as expressões espontâneas de sociabilidade inauguram uma nova forma das pessoas idosas conceberem sua imagem. Os espaços públicos multiplicam as possibilidades dos encontros face a face. Com a aposentadoria e o tempo livre existe a possibilidade de recriar novos territórios e grupos de pertencimento. Peixoto (1995) defende que estas práticas de sociabilidade são “a reinvenção de uma velhice fundada, a partir de agora, sobre outras estratégias de vida, com uma nova distribuição de papéis, o espaço público vem a ser um lugar excelente para a exibição de uma imagem positiva: a terceira idade”. (Peixoto, 1995;148)

A renovação foi uma das experiências adquiridas com o exercício da sociabilidade, assim como o fato de apreender o hábito de se divertir e passear semeado num contexto mais favorável de suas existências.

*“A gente passeia muito. Vai para o Water Park de Maria Farinha e entra em contato com outras idosas, com outros grupos, a gente ganha os ingressos e isso ajuda muito porque a gente não tem condição de pagar né?! Isso é muito bom! **É muito bom ser idosa!** Temos o carnaval lá no Chevrollet Hall, quem é que pode pagar lá?”*

(D. Bela, 60 anos)

“E depois do grupo melhora muito, foi quando eu peguei a me divertir, a esperecer muito, depois que conheci o grupo. Eu me sinto uma outra pessoa! É muito importante a pessoa se divertir, porque se a pessoa veve dentro de casa vai se acabando cada vez mais! Sem ter com quem conversar; sem ter com quem se entender é muito ruim, mas agora não, eu to gostando, ói: Internacional, Clube Português, Clube do Náutico, Clube do Sport, Clube do Taxista, Vale da Cascata, a gente já foi pra tanto canto! O ano passado fomos pra Maria farinha, esse ano acho que nós vamos de novo, eu já passei muito! E eu não conhecia nada.

E pela Igreja também teve passeio né, uma vez para Caruaru, uma vez para Carmélia, para Passira, Surubim, e passeio muito pela Igreja né?! Pra o Cabo”. (D. Clara, 79 anos)

“Mudou muito! Eu não sabia o que era uma piscina, eu não sabia o que era praia, e tudo no mundo eu aprendi né? Aí eu conheci o “Geraldão” e a gente vai lá pra o jogo e tudinho. E nada disso eu fazia, né? Só trabalhava, só trabalhava em casa e quando morava no interior trabalhava no campo. “ (D.Áurea, 77 anos)

A possibilidade de fazer passeios e conhecer novos lugares foi enfatizada como promotora de uma satisfação em ser idosa, expandindo os limites em relação ao corpo, facilitando a construção de uma identidade mais ativa. Através de algumas falas foi percebida a re-elaboração de idéias sobre relações entre classes, e representantes do Estado, que ao mesmo tempo em que se percebe uma realidade, talhada nestas interfaces, muito mais aberta para a velhice, se percebe que há limitações decorrentes de serem de classes populares que se impõe na hora de conseguir uma liberdade e autonomia, pois sem o incentivo oferecido não teriam como participar dos eventos, devido ao valor elevado dos ingressos e custos adicionais, como ilustrou D. Bela.

Em relação ao grau de interação entre gerações percebi que apesar de bem intencionadas e mobilizadas para a construção de uma imagem mais positiva da velhice, certos planejadores de políticas públicas e responsáveis pelas coordenações das reuniões de grupos de terceira idade não parecem perceber que dificultam e até impedem a passagem dos encontros intrageracionais para os intergeracionais. Atitude que reforça a fragmentação dos laços familiares e reduz a possibilidade da valorização das pessoas idosas por outras gerações, que permanecem desconhecedoras de suas tradições, valores culturais e memória social. As mulheres idosas não demandam apenas por lazer e amizades na esfera pública. Reconheço que a possibilidade de realizarem esta demanda trás muitos ganhos, como mais saúde, renovação, alegria e entretenimento em suas vidas. Mas a possibilidade de serem reconhecidas, valorizadas e apoiadas no ambiente doméstico, através do incentivo de novas formas de sociabilidade menos excludentes, trás ganhos que repercutem numa forma mais ampla, além de alcançar um número maior de pessoas idosas, homens e mulheres, alcançam também

adultos, jovens e crianças. Ganhos que podem repercutir inclusive, naquelas pessoas idosas impossibilitadas de frequentar as reuniões e passeios.

4.3 – Corpo e identidade

A importância do grupo para as idosas é ressaltada não só como possibilidade de ampliação de sociabilidade, mas como oportunidade de desbravar lugares, de viajar e sentir-se autônoma revelando uma ambigüidade em relação à percepção de si e de seu corpo que também limita, em alguns casos, o exercício da sociabilidade.

Featherstone (1994) explica como a cultura opera na natureza possibilitando uma alteração de significados desta. Os estereótipos da velhice como uma fase de limitação física, parecem estar sendo desconstruídos, com o mercado de consumo como pano de fundo, resultando numa re-invenção desta (Debert, 1999).

As ambigüidades de se perceberem com o espírito jovem apesar da idade e dos limites impostos pelo corpo foram percebidos em algumas falas como de D. Isa que, além disto, percebe as mudanças na vivência da velhice ao longo dos tempos.

“Ah, eu tenho coragem de andar, pra mim eu to ficando mais velha, mas não to sentindo que to ficando veeelha me acabando não! Se não fosse essa dor no joelho era, ôxe, era mesmo que eu ser uma jovem, tenho disposição para tudo e em casa mesmo eu faço quase tudo... Uma pessoa antigamente com 50 anos já estava empacotada, mas você vê hoje uma pessoa com 80 e até 90 sai , brinca, passeia. Na Receita Federal teve uma véinha que foi cantar o coco lá! É uma pena que o grupo tenha afracado porque eu gosto viu? Eu gosto de dançar, de cantar, de pular!!! Às vezes tem festa no Santos Dummont eu gosto muito, só num vou mais porque às vezes as meninas num vão e eu num gosto de ir só...” (D. Isa, 81anos)

D. Bela enfatiza a liberdade da vida do idoso, reconhece estar se sentindo mais jovem do que antes quando tinha uma idade menor e se percebia mais velha. Porque para ela, ser jovem ou ser velho é algo sentido independente da idade cronológica. E pode ser medido pelo nível de acomodação. Ao tornar sua vida mais ativa e livre, sente-se renovada, com muita

atitude e atividade pode-se enfrentar e resistir aos estereótipos criados em relação à velhice que segundo ela, parecem paralisar os idosos em casa, deixando-os estressados e resmungões. Menciona o colégio público do Santos Dumont que dispõe de uma piscina semi-olímpica e a disponibiliza aos idosos, além de outras atividades oferecidas como dança e xadrez.

“Eu acho que é muito bom ser idosa! Mas tem idosa que é assim, a vida do idoso é uma vida para a pessoa ir viver, a pessoa já foi criança, já foi jovem, já foi adulta, já sofreu, lutou muito para criar os filhos né?(...) Ai, a gente tem que procurar, que nós tamo idosos e chegou o tempo da gente viver livre. Os filhos é outra coisa, a pessoa idosa tem que ter uma vida para viver livre”

Pedi que me explicasse como era isso de ‘viver livre’ e, então, me respondeu:

“Viver livre é assim, a gente ir para onde quiser ir, viver o que a gente não viveu! Ir dançar, conversar, fazer natação, lá no Santos Dumont tem muita coisa disponível para os idosos, vevem amontoados os idosos em casa os idosos que querem e ficam tudo estressado...Porque se você fica dentro de casa, mas se você está fazendo um serviço tudo bem, mas se você fica resmungando, dizendo – Ai meu Deus, se eu fosse jovem eu fazia isso! Se eu fosse jovem eu ia para tal canto, não!! A gente não tem que acreditar que ta ficando velha não! A gente sabe que a idade ta crescendo, mas velho é aquele acomodado. Tem muita gente jovem velha! Tem muita criatura jovem com espírito de velho, que só vivem resmungando, porque eu não! Eu quando era mais jovem, era mais velha do que quando tô agora” (D. Bela, 60 anos)

Esta ambivalência na percepção de si predominando o espírito de jovem num corpo marcado pela a idade, que para as mais velhas começa a sinalizar limites, foi observada por Featherstone (1994) que criou a expressão máscara do envelhecimento - “mask of ageing”.

Ao manterem uma identidade mais profunda de juventude realçada pelo exercício da sociabilidade e reforçada por uma sociedade de consumo, acabam por se distanciar das verdadeiras características e peculiaridades adquiridas ao terem contato com a passagem dos

anos, assim como com as marcas deixadas em seus corpos que fazem parte de suas histórias, na riqueza das experiências e conquistas travadas ao longo da vida.

Em relação às idosas mais velhas observei certas limitações físicas como a labirintite de D. Celina que torna o atravessar a rua sozinha algo arriscado, as dores na coluna de D. Áurea que a impedem de freqüentar mais vezes as escadarias para participar das reuniões do grupo, as dores no joelho de D. Isa que a impedem de sentir-se uma verdadeira jovem e sair mais, e a catarata de D. Clara, que a preocupa e limita suas saídas ao grupo também.

Segundo Featherstone, (1994) na velhice existe a ameaça de perdas de funções importantes para a pessoa permanecer aceita e sociável. A ameaça da perda das habilidades cognitivas, dos controles do corpo (capacidade de realizar certos movimentos) e dos controles emocionais (necessidade de não ultrapassar o limite aceitável das expressões emocionais e não se exceder em crises de cólera, explosões de choro, amor ou desejo). Ao me relatarem seus principais medos, o de perder a autonomia através da doença foi muito evidenciado. Como no exemplo de D. Lia que além dos castigos de Deus, só teme a doença:

“Eu só tenho medo mesmo de adoecer, da doença, de outra coisa não tenho medo não. Só também dos castigos de Deus.” (D. Lia, 66 anos)

Fato comum a D. Silvana que suplica todos os dias a Jesus, para não deixá-la adoecer, pelo fato de não ter ninguém que cuide dela, além da possibilidade de que enquanto doente, não ter condições físicas de ir ao encontro das pessoas, podendo com isso isolar-se e ficar sem conversar com ninguém. Denunciando sua aflição por não ter em sua família a estrutura necessária em relação à situação, caso possa vir a ter outro derrame, agravando sua paralisia que atualmente afeta um lado da boca e do olho.

“O medo que eu tenho é o de ficar mais doente que eu tô né? Aí eu digo a Jesus todo dia, ói Jesus tu não deixa eu ficar parálitica, em cima de uma cama. Por que não tem quem cuide de mim, eu tenho uma filha, assim mesmo ela trabalha, tem marido e filho para cuidar, eu tando doente quem é que vai cuidar de mim? Só Jesus! Mas eu tenho muito medo de ficar sozinha só chorando em cima da cama, sem poder conversar.” (D. Silvana, 62 anos)

Diante disto, pode-se redimensionar toda positividade expressa em relação à velhice. Atentando que nos medos apresentados a falta de alguém disponível para cuidar da idosa no caso de doença, reflete um desafio real enfrentado pelas famílias e pelo mesmo Estado promotor de passeios, pensões e aposentadorias, mas carente de novas respostas e posturas para os cuidados necessários com idosas que precisam de uma atenção diferenciada.

A participação no grupo Asas da Liberdade possibilita o acolhimento em parte desta demanda em face da ameaça da doença, e preventivamente promovendo mais saúde, alegria e liberdade.

“Mudou porque antes eu vivia encrabinhada, doente e agora com as graças de Deus eu tô vendendo saúde, com as graças de Deus eu nunca mais adoeci, só vivia internada e nunca mais eu me internei e assim pronto, vou levando com a graça de Deus.” (D. Lia ,66 anos)

D. Jose afirmou gostar de ser idosa por ter saúde e ter se tornado mais livre do que a época de sua juventude. Esta alusão à liberdade foi recorrente em outras falas. Coincidindo com o resultado de outras pesquisas como a de Britto da Motta (1999).

“Eu gosto, eu gosto porque tenho saúde, não tenho doença e acho melhor do que o tempo em que eu era mais nova, que agora tenho liberdade né?” (D. Jose, 61 anos).

“Mudou porque a gente não saía mais como antes, mas quando a gente arruma passeio pra ir dançar é bom demais, eu danço até as pernas não agüentar mais, danço porque é alegria é bom...” (D. Malu, 64 anos)

No entanto, apesar de atuar preventivamente, o grupo Asas da Liberdade não dá conta das idosas acometidas por doenças e incapacitadas de freqüentar as reuniões. Em relação a estas em algumas reuniões, observei que espontaneamente surge um tempo para se recordarem de antigas participantes e coordenadoras, e lamentarem suas incapacidades físicas e doenças, deparando-se com um lado sombrio da velhice abandonada.

Percebi nas falas das informantes um elogio ao viver sem restrições; mais que a valorização da autonomia funcional, o orgulho por realizarem verdadeiras proezas, a observação das mudanças da vivência da velhice de hoje e de tempos atrás. Assim como a convivência com certos limites impostos de fora para dentro, como o surgimento de questões relacionadas ao corpo que ameaçam o exercício da sociabilidade e exigem cuidados extras e um olhar diferenciado da família e do Estado. A ambivalência na percepção de si, coincidiu com o trabalho de Featherstone (1994) e de outras pesquisadoras da velhice como Britto da Motta (2002), Debert (1999) repercutindo na experiência e percepção sobre a velhice. Os reforços que recebem da sociedade atual sobre a supervalorização da juventude acabam interferindo na valorização das marcas e experiências acumuladas ao longo da vida, resultando numa percepção negativa da velhice como acomodação e dependência. Ao negarem suas reais características, não se dão conta da riqueza de suas experiências, como o papel relevante e histórico que tiveram na comunidade, a sabedoria diante das questões existenciais, o maior amadurecimento, discernimento e plenitude quanto aos mais jovens, que parecem mais desfalcados e perigosamente iludidos, com esta supervalorização da juventude por uma sociedade de consumo excludente.

4.4 – Percepção das reações familiares em relação às saídas de casa.

A inserção nos espaços específicos para idosos criados a partir de algumas políticas públicas, no tempo atual, repercute nas famílias de forma limitante, pela exclusão desta, mas também favorável devido às percepções das reações familiares serem mais de aceitação e incentivo a inserção das mulheres idosas nestes espaços, apesar de não poderem ir junto. A família além do espaço de cooperação é perpassada por conflitos. Observa-se também que a forma de se comportarem nestes espaços se dá diferentemente das observadas no cotidiano de idosas de camadas sociais mais favorecidas. A irreverência aparece na contra mão dos comportamentos esperados pelos familiares.

A brincadeira aparece em algumas falas contrastando com o resultado de pesquisas como as de Motta (1998) e Alves (2004) realizadas com idosas de camadas médias, demonstrando que estas idosas levam a sério o fato de se arrumar e demonstrar elegância ao se

encaminharem para os bailes nos subúrbios cariocas. Possuem uma fina feminilidade que Motta (1998) denominou de *faceirice*. As idosas da comunidade popular de Três Carneiros não se importam se vão despertar risos, ou se vão estar contrárias as expectativas dos outros em relação à seriedade esperada de uma senhora de idade. O interessante parece ser justamente o contrário, poder transgredir estas expectativas, se rebelar mesmo que seja se vestindo de matuta, ou até de palhaça e perceber nas reações familiares a admiração e a graça. Denotando uma outra relação que fazem do uso do corpo interdita pelas diferenças de classes sociais.

“Minha família bota para rir, bota para mangarem de mim, e dizem, ‘mas eu num acredito que a senhora vai ter coragem de sair vestida de matuta’, e eu digo e mais por que não? Mas menina! Já fico doidinha quando é tempo de São João para aprontar minha roupa e minhas coisas!” (D. Bela, 60 anos)

D. Malu ao falar das reações de sua família permuta da inicial tristeza, ao perceber a falta de atenção desta em relação a suas saídas, mesmo havendo aceitação e incentivos, para a de alegria, ao se dar conta das fantasias que já usou. Sua família, não tão indiferente, adverte sobre a possibilidade dela, despertar interesse nos homens e arranjar namorado, quando se percebe maior capricho no visual.

“Minha família não diz nada não, nem liga! Eu mesmo que me dano e vou! Ela nem liga, quando me vê saindo diz – Já vai né, mãe? E eu digo claro! Vou ficar aqui, feito tatu é? E ela diz - Vá mãe, vá se divertir! Ela nem liga, mas de vez em quando se eu saio mais arrumada o povo de casa diz – essa véia vai arrumar um véio!!! Isso não tem nada a ver com a idade. Porque eu já fui noiva, já fui palhaça, de tudo já fui pra animar isso aqui, a gente já se vestiu pra dançar quadrilha (risos)” (D. Malu, 64 anos)

Foi interessante observar que tanto D. Clara como D. Áurea sentem-se muito mais ativas do que as próprias filhas, as quais aceitam e incentivam suas saídas. Nos seus discursos, elas se sobressaem em comparação aos comportamentos das filhas de resignação ou

acomodação, participando de passeios oferecidos pelo grupo Asas da Liberdade, Igreja e piqueniques organizados pela família de D. Áurea, realçando a mocidade e vivacidade que possuem e percebem ausentes nas filhas.

“Tem uma ali que é uma preguiçosa não tem coragem de fazer nada, vivia na má vida, juntou-se mais um nego, véio, coitado, parece até que tá cuidando dela, ela preguiçosa não tem coragem de fazer nada, tem 45 anos completou agora, mas tá mais velha do que eu”. (D. Clara, 79 anos)

“Ah! Eles acham bom! Acham bom! Por que eu faço mais coisa do que elas num sabe! Porque elas são assim, tem uma filha ai mesmo que mora na esquina e não sai de casa. Quando tem piquenique e eu chamo: “Vamo, vamo menina pro piquenique,” e ela diz “vou não”. E eu, já vou me embora pro piquenique, pode ser em Porto de Galinhas, pode ser onde for, eu vou! (risos) Eles num se importam não, eles gostam que eu viaje!” (D. Áurea , 77anos)

A preocupação com a segurança e bem-estar durante passeios foi reconhecida e legitimada diante da real possibilidade de um acidente e até risco de vida da idosa que necessita de cuidados especiais para sair de casa. A filha de D. Celina que estava presente no momento da entrevista respondeu:

“Eu só fico preocupada porque ela pode se machucar nesses passeios se as pessoas não olharem direito, por causa da labirintite, ela tem labirintite e é preciso muito cuidado!” (filha de D. Celina)

D. Celina confirma carecer de cuidados, sendo a idosa mais velha do grupo, quase noventa anos e percebe suas limitações físicas carecendo de mais atenção e cuidado.

“Às vezes os carros quase batem em mim, chegam bem perto mesmo! E eu nem vejo e nem ouço! Se eu tivesse que morrer aqui já tinha morrido!”(D. Celina, 89 anos)

A percepção das reações familiares diante de suas inserções nos espaços oferecidos ao idoso leva ao incentivo, a aceitação, a ambivalência entre “o querer ir também” dos filhos conforme discurso de D. Isa apresentado em tópico anterior, a fim de ilustrar as pressões de casa e de fora que a acomete nestas saídas, e “o querer a companhia das filhas” e se indignarem com a falta de motivação destas, nos piqueniques organizados familiarmente. Assim, estes espaços que lidam com a demanda de inclusão, também provocam uma exclusão reforçando na construção de uma valorização do idoso, uma segregação social que repercute na possibilidade de fragmentação de laços familiares. Pois apesar de fazer parte de uma política que visa respeitar a individualidade de cada uma não parece dar os melhores resultados para o conjunto. Tendo em vista que os laços familiares são muito valorizados pelas idosas que ao comentar sobre os temores que possuem sobre a experiência de envelhecer em Três Carneiros, a ameaça de perder seus familiares devido à violência, além da de ficar doente, foi recorrente.

4.5 - Medos

O fato de terem em sua maioria uma percepção muito positiva da velhice, não exclui o fato de serem afetadas direta ou indiretamente pelos problemas sociais da comunidade, pelo temor diante da possibilidade de adoecer e não ter quem delas cuide, por se dar conta que todos estão muito ocupados com seus afazeres, não restando quase ninguém pra conversar e dar atenção, pela ameaça de terem seus familiares como vítimas de violência, por conviverem freqüentemente com ela. Estes temores das mulheres idosas possibilitaram compreender melhor como se dá a velhice na comunidade de Três Carneiros e o papel do grupo Asas da Liberdade diante destas demandas.

Simmel (1983) mais uma vez ilumina esta discussão quando declara:

Para muitas pessoas sérias, que se expõem constantemente as pressões da vida, a sociabilidade não poderia oferecer nenhum lado de liberação, alívio ou serenidade se não fosse realmente nada mais além de fuga de vida, ou de suspensão meramente momentânea de sua seriedade. (Simmel, 1983:180)

A importância da sociabilidade nas suas vidas é que ela oferece conforme Simmel (1983) uma fuga desta seriedade cotidiana. Além disto, percebe-se uma forte dosagem de seriedade nesta fuga, no sentido de abrir os olhos para novos espaços, oportunidades, contatos, pensamentos e modos de viver.

Esta dimensão positiva da velhice relatada anteriormente como a liberdade, na realidade pulsa com uma negativa, perpassadas por inseguranças, incertezas e carências cotidianas que não podem passar despercebidas ou serem atribuídas apenas às escolhas individuais. Tanto a família, quanto a sociedade e o Estado que promove as políticas específicas voltadas para o idoso, carecem de atentar para esta outra face da velhice. Pois, vale lembrar que todos estes passeios e festas que dão um colorido extra a esta fase da vida são na realidade esporádicos e a dimensão cotidiana permanece no âmbito privado, na mesma família que deveria ser incluída e sensibilizada para a valorização do idoso, e é excluída dos passeios pelas políticas públicas, e entra de penetra nas festas, a convite das idosas que ousam transgredir as regras de não convida-la.

Nas análises realizadas observei a importância dada pelas idosas à família e como estas relações fazem parte importante dos seus dias. D. Áurea denuncia a cumplicidade e o amor que tem pela filha, através do medo de perdê-la, por causa da violência que parece aumentar com o tempo e a atinge indiretamente. O tardar das horas eleva sua angústia diante da ausência da filha que não chega. Revela uma relação de proximidade e cooperação, onde conseguem comprar o que desejam e pagar as contas conjuntamente, até mesmo seus remédios por mais caros que sejam.

“Eu tenho medo do tempo. Porque minha filha trabalha fora, e às vezes demora pra chegar e passa o tempo e ela não chega e eu fico nervosa, porque ela é minha vida. E eu digo meu Deus do céu cadê minha filha que não chega, proteja ela. A gente combina muito bem, porque se a gente quer comprar uma coisa pra dentro de casa, aí paga eu e paga ela. Eu sou pensionista e com meu dinheirinho eu pago luz, água e remédio e ela ajuda nos remédios também. Só o remédio que eu tomo pra gastrite é de 57 reais. O meu colírio é 40,00 reais.”

(D. Áurea, 77 anos)

D. Malu revela sua angústia por tornar-se uma pessoa medrosa diante da violência, só sossegando quando todos os filhos estão dentro de casa. A violência aparece muito próxima de sua casa, através de trocas de tiros rotineiras, realmente amedrontando-a.

“Eu tenho medo de sair de casa e entrar em casa e ver assim né?! De primeiro, eu era tão medrosa, tão medrosa, bastava uma menina sair assim e não chegar logo... ai, minha filha disse: - mãe, deixe disso mãe! Deixe disso! Eu tenho medo de tudo, basta ouvir um tiro e Santa Maria! Ontem foi tanto tiro por ali. Foram atirando dali até lá em baixo. Ai minha filha diz - Mãe a senhora fica vendo essas coisas na TV e fica com medo de tudo. Eu tenho medo e só sossego quando meus filhos chegarem e não queria ser assim não.”

(D. Malu, 64)

Através da participação em algumas reuniões do grupo Asas da Liberdade, observei que este se apresenta como um espaço de elaboração e fortalecimento diante destes medos relacionados à violência e a perda da saúde, anteriormente citado. Através da troca de experiências e impressões diante de situações vividas e causadoras de ansiedade o acolhimento recíproco foi presenciado. Misturado com as diversas posturas ora de revolta, ora de brincadeira, ora de silêncio das diversas personalidades envolvidas. No entanto, em relação à violência cometida especificamente contra idosas da comunidade percebi ao questionar como isso se dá caso chegue ao grupo, um desconforto, uma falta de saber como lidar e não querer se expor. Assim como certa desobrigação em tratar destas questões. Observando que em parte não dão conta de cuidar destas demandas isoladamente. E que as idosas que freqüentam e tem deixado de freqüentar talvez sintam os limites em relação ao cuidado com suas demandas de apoio, reconhecimento, diversão, entretenimento entre outras.

4.6 – Projetos e sonhos para o futuro

Busquei conhecer um pouco sobre os sonhos e projetos para o futuro das minhas informantes, ao perceber que a nova condição da velhice do tempo atual amplia a possibilidade de os realizarem.

Enquanto pessoas inseridas em ambientes públicos e domésticos, com suas famílias, desempenhando papéis e seriamente atentas às possibilidades de se realizarem nas suas demandas por integração social, atividades, divertimento e novas formas de viver a vida, sonham e fazem planos para o futuro.

Nos discursos das minhas informantes pude perceber a presença de dois tipos de projetos. Os projetos coletivos que viabilizariam de forma ampla o bem-estar dos idosos da comunidade, transportando a mulher idosa da esfera doméstica para a esfera pública, e os de conseguir adquirir a aposentadoria, mais individuais, visando garantir a sobrevivência e possibilitar uma existência mais digna, menos ameaçada pela dificuldade financeira.

A própria inserção em políticas públicas específicas para idosos passa a ser, então, para algumas idosas o seu maior sonho e projeto individual, que a condição de velhice permite por ser contemplada politicamente. Este fato mostra como a subordinação social das pessoas de camadas populares não permite que se viva esta dimensão individualizada de identidade social tão estimulada nos tempos atuais (Sarti, 1993).

No universo cultural dos pobres, não estão dados os recursos simbólicos para a formulação deste projeto individual que pressupõe condições sociais específicas de educação, de valores sociais, alheios a seu universo de referências culturais, tornando projetos individuais inconcebíveis e inexecutáveis. A tradição mantém-se assim como uma referência fundamental da existência. (Sarti, 1993:47) .

No entanto, se a tradição segundo a autora supracitada é uma marca na existência dos pobres urbanos, então como as gerações mais novas poderão ter acesso mais amplamente a estes valores, além da convivência em casa, se são excluídas das reuniões e passeios específicos para os idosos? Ou seja, se as pessoas mais importantes e mais indicadas para transmitir a tradição e a memória, são reunidas isoladamente e paradoxalmente para se sentirem reconhecidas e valorizadas? Vale atentar para a consideração de que nas camadas populares o que conta decisivamente é a solidariedade dos laços de parentesco e de vizinhança com os quais viabilizam sua existência (Sarti, 1993). Dentre os projetos coletivos se inserem os de D. Bela e de D. Celina.

D. Bela, a mais politizada das participantes, refere-se ao sonho e à importância de conquistar uma sede própria para o grupo, possibilitando aos idosos a disponibilidade integral de um espaço, sem tempo limitado, mostrando seu projeto de inclusão e ao mesmo tempo um espaço voltado especificamente para idosos, ou seja, reforçando a segregação. Relata todas as dificuldades que enfrentaram na busca deste ideal, assim como a postura de resistência e perseverança.

“O futuro a Deus pertence! Mas meus sonhos ... ah! Eu sonho muito! Eu sonho em ter uma sede para os idosos, a gente já lutou muito por isso, mas a última presidente que entrou, a gente juntou um dinheirinho, mas ela extraviou o dinheiro e nós não temos mais nenhum centavo, a gente tá fazendo uma cotinha para pagar a água, agora mesmo tem uma conta de luz para pagar. Lá nós temos nosso espaço, mas também tem que ter espaço para os jovens, para as crianças, para os outros quando eles precisam, né? Se tivesse uma sede própria, o povo podia ir para lá, jogar dominó, podia ter o seu lugar, né? A hora que quisesse...né? Porque a casa quando é da pessoa, é outra coisa né?” (D. Bela, 60 anos).

D. Celina trás uma reivindicação por melhores ajustes no valor da aposentadoria, levando em conta os gastos com remédio e a impossibilidade de adquiri-los.

“Eu queria que o governo aumentasse o dinheiro da gente, porque o dinheiro que a gente ganha é tão pouco que não dá nem para comprar remédio na farmácia! Se eu for pegar meu dinheiro e for comprar meus remédios, misericórdia! Eu fico de esmola pedindo nas portas! Ôxe!” (D. Celina, 89 anos)

D. Malu que não consegue ficar ociosa, sonha em estar empregada, contrariamente a maioria das idosas sem renda que deseja a aposentadoria, e ver seu filho também trabalhando. Também sonha em reformar a casa e as caneletas da escadaria. Nestas caneletas o lixo acumulado favorece a proliferação de insetos e ratos gerando doenças e mau cheiro.

“É arrumar um emprego certo para meu filho! Porque tem dia que ta bom e tem dia que não ta, e esse é meu maior sonho. Às vezes ele me dá R\$30,00, e às vezes R\$50,00 e outras R\$60,00, mas isso ele ainda dá o leite da menina e faz a feira. (...) Meu sonho é ter um emprego para ele e também arrumar um pra mim, que eu não sei ta vadiando! Oi, dentro de casa, eu tenho que fazer qualquer coisa, lutar, lutar porque eu não sei ficar parada. E arrumar a casa, meu sonho também é ajeitar minha casa e se Deus quiser e proteger, se daqui até lá eu me aposentar e não acontecer nada comigo, ajeitar minha casa. E também ajeitar essas canaletas aí da ladeira, que está muito ruim! (D. Malu, 64 anos)”

A aquisição da aposentadoria é sem dúvidas mais que um sonho ou projeto, uma necessidade. Parece que se torna difícil sonhar ou desejar outras coisas sem estar aposentada. Ela possibilita a garantia de uma existência menos ameaçada e mais digna. A fala de D. Jose evidencia esta necessidade e denuncia a discriminação sofrida por seu companheiro, que enquanto velho não consegue emprego. Os projetos de D. Lia e de D. Silvana, assim como de D. Jose podem ser caracterizados como individuais.

“É me aposentar, pra ser mais sossegada a minha vida né? Porque a pessoa desempregada, sei não! Meu companheiro não trabalha mais porque já é véio e ninguém dá mais a ele serviço, aí a gente passa uma vida meia apertada né? Minha irmã é doente de câncer, já se operou dos seios, da cabeça e é só ela que me ajuda mesmo. Meu maior sonho é o de me aposentar. (D. Jose, 61 anos)”

“Pronto, eu vou dizer, o maior sonho da minha vida é eu me aposentar, que eu já lutei tanto nessa vida, já me aperreei tanto, já corri pra todo canto contando com uns trocado sem ter e não sou nada, e eu já to com 66 anos, já passou da idade de me aposentar e nada feito, já andei muito, muito mesmo e não resolvi nada ainda. Só isso! Sabe por quê? Porque lá em casa é todo mundo desempregado, ninguém tem emprego, quando meu véio faz alguma coisa, ele pega algum servicinho assim, mas não dá, porque lá em casa é 6 pessoas e ele sozinho pra trabalhar, quando aparece... tem emprego não, tá tudo desempregado lá em casa...” (D. Lia, 66 anos)

“É me aposentar, que eu não tenho, não pego um 1 real! Meu filho que trabalha bota a feira dentro de casa e pronto, cabou-se. Ele paga os compromissos dele, 1 real ele não me dá, toda vez. É muita vantagem eu me aposentar, mas cadê? Meu marido pagou 20 anos e eu não tive direito! por que não tava na ativa, caiu! Já fui lá depois que ele morreu mas não tava na ativa não ganhei né?”(D. Silvana, 62 anos)

As questões relacionadas à sobrevivência como a aquisição da aposentadoria superaram as referentes ao espaço público e aos projetos coletivos. A aposentadoria não beneficia apenas a idosa, mas toda sua família. Mesmo sendo afetadas diretamente pelos problemas sociais da comunidade como o desemprego, a falta de saneamento e a violência citada anteriormente, não demonstraram engajamento político, apesar de se preocuparem com estas questões.

Através deste capítulo pode-se perceber que as percepções e experiências da velhice das mulheres idosas que participam do grupo Asas da Liberdade e estão inseridas em algumas políticas específicas para idosos, numa sociedade contemporânea, dependem das possibilidades de realizarem suas demandas de integração social, apoio, reconhecimento, diversão e das questões concretas que só nesta fase da vida tiveram acesso. Como os passeios, as festas, a possibilidade de ampliar a rede de sociabilidade e ter acesso a lugares que suas condições sociais não permitem, assim como de contar com o reconhecimento de familiares e compartilhar com estes seus bons momentos nos espaços públicos.

No entanto, no trânsito dos espaços público e privado lidam com possibilidades, limites e impossibilidades que repercutem nas restrições de elaborarem percepções e experiências ainda mais positivas da velhice. Lidam com certos limites impostos pelo corpo e de uma associação negativa que fazem da velhice como acomodação, denotada na ênfase que dão ao se sentir jovem. Lidam com a ambivalência da segregação social que acarreta diferentes pressões na relação com a família. Pois havendo a condição imposta por certas políticas públicas da idade como requisito para inclusão, lidam com a exclusão de seus familiares destes eventos, mesmo nos momentos em que gostariam de ser acompanhadas por eles, como em alguns passeios, festas e algumas reuniões.

Assim, pode-se perceber como a participação num grupo de idosas realça percepções específicas sobre a velhice e outras questões como ciclo da vida, classe, o Estado e, sobretudo, entre o público e o privado.

Esta participação também promove, mesmo de uma forma limitada, uma adesão bem sucedida em redes de sociabilidade e segregação que valorizam a velhice positivamente, da mesma forma que conservam aspectos não dissipados da vivência em camadas populares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho, pode-se observar que na velhice, enquanto categoria culturalmente construída (Debert,1999), se modificam valores sobre a inserção em espaços domésticos e públicos, e na sociedade contemporânea há forças políticas que contribuem para estas modificações, com a criação de espaços, políticas, valores e direitos específicos reforçando a fragmentação dos laços familiares (Scott, 1996).

A participação em um grupo de terceira idade promove um contato mais direto das mulheres idosas participantes com as políticas, valores, direitos e espaços criados especificamente para os idosos, o que foi percebido na participação e observação do grupo de idosos, Asas da Liberdade, da comunidade urbana popular de Três Carneiros. Através do exercício da sociabilidade neste grupo, minhas informantes declararam sentir o aumento da liberdade em suas vidas, à percepção de ter mais saúde, de aprender a passear e se divertir, da renovação, e em outros momentos, sentiram-se desejosas da companhia dos familiares.

Ao ocuparem estes espaços, se inserindo em passeios e reuniões, lidam com a ambivalência da segregação social, reforçada pelas políticas públicas, numa expectativa de valorização da velhice. Ambivalência, pois um espaço criado para inclusão, também exclui familiares e pessoas de outras gerações, gerando diferentes pressões nestas mulheres, que apesar de em alguns momentos fazer sentido o se isolar, em outros desejam se misturar com seus familiares de diferentes gerações e são impedidas, por certas condições arbitrárias de pertencimento.

Os elementos da sociabilidade que mais valorizam e apreciam são: a conversação, a possibilidade de se divertir, as brincadeiras, passeios, entretenimentos, o sair de casa, e atividades que realizavam e sentem falta, como pinturas e confecções de artesanato.

Estes aspectos valorizados que desperta satisfação, possibilitam pensar em novos olhares sobre estas mulheres idosas e formas mais bem sucedidas de inclusão social e participação, implicando na criação de novos espaços com a presença desejada de familiares, favorecendo a transmissão de valores e os encontros entre gerações.

Assim, é na condição da velhice que dispõe da possibilidade de realizarem suas demandas através da relação com questões concretas inacessíveis em outras etapas da vida.

O grupo Asas da Liberdade, situado na comunidade popular recifense de Três Carneiros, responde a anseios sobre cuidados e sobre os medos da vivência da velhice em bairros populares, mas apenas em parte. Percebi que o lado mais sombrio e excluído da velhice abandonada, mal tratada e doente não consegue chegar ao grupo, e este por sua vez não consegue isoladamente atuar, disponibilizando o acolhimento, apoio e proteção necessários. Como também parece não conseguir as políticas públicas específicas dos idosos, que mesmo proporcionando alegria, recursos, passeios, não dão conta deste outro lado da velhice, um tanto quanto negado e silenciado, que acaba contando apenas com a família convivente, quando dispõe de uma, e com a solidariedade da vizinhança.

No decorrer da história do grupo foram observados dois tipos de sociabilidade. No seu início, houve o predomínio de uma sociabilidade instrumental ou clientelista (Wolf, 2003) atraindo um grande número de idosos de ambos os sexos, que recebiam alimentos perecíveis a cada reunião que participavam e vivenciavam um discurso político, perpassado por questões de cidadania como o conhecimento dos direitos dos idosos declarados por Seu Dias, líder comunitário muito atuante e fundador do grupo. Após falecimento de Seu Dias, o grupo passa por alguns problemas administrativos que repercutiram na sua dinâmica interna. Da sociabilidade instrumental, vivencia-se atualmente uma sociabilidade mais pura (Simmel, 1983) onde a riqueza do momento sociável depende dos recursos internos de cada uma das poucas participantes, como a conversação, a alegria, a disponibilidade. Estas mulheres idosas são, sobretudo, muito fiéis ao grupo Asas da Liberdade. As atividades lúdicas passaram a ser realçadas através da coordenação feminina, muito mais que as questões de cidadania que também mobilizam as idosas, mas que preferem priorizar o lazer inacessível durante o percurso de suas vidas. Um aspecto positivo também encontrado neste tipo de sociabilidade é que questões não dissipadas das camadas populares vêm a tona nestes encontros. Assim como expressões culturais e tradicionais demonstradas através de brincadeiras, como dançar o coco, cantigas de roda, entre outros. A condição de estar entre iguais parece facilitar esta espontaneidade, talvez mais difícil de serem expressas diante da subordinação de pessoas de camadas sociais diferenciadas, possuidoras de valores mais individualistas.

Este tipo de sociabilidade com predomínio das atividades lúdicas desperta o interesse de gerações diferentes da comunidade (Scott, 2001) que percebem a velhice com mais

positividade, no entanto são afastadas da convivência do grupo Asas da Liberdade, de passeios e algumas festas, pela condição excludente da faixa etária. Esta condição imposta por políticas públicas e reproduzida pela coordenação do grupo através de um discurso autoritário de que aquele é um espaço apenas do idoso, reforça toda uma segregação social, observada nos grandes circuitos.

Apesar do sentido do se separar, como forma de valorização da velhice, há a expressão do desejo de se misturar e compartilhar momentos de satisfação com seus familiares, que possibilita ampliar esta valorização da velhice e do acúmulo de experiências adquiridos ao longo da vida. Mas as condições impostas limitam e restringem esta realização.

Ao excluírem pessoas de diferentes gerações das reuniões, como filhas (os) e netas (os), perdem a oportunidade de transmitirem seus valores culturais, suas tradições, as possibilidades de se relacionarem numa outra dimensão, onde as marcas deixadas no percurso da vida poderiam ser enfim valorizadas.

Tornou-se mais claro que os valores dados à família e ao ambiente doméstico pelas idosas entrevistadas não são substituídos pelos atrativos dos espaços públicos, mas sim complementados. Desta forma, novos olhares em relação a estas mulheres idosas urge em ser lançados, não apenas enquanto indivíduos que buscam lazer, mas, sobretudo enquanto seres humanos com relações familiares, inseridos em um contexto específico que valorizam mais a tradição e seus valores culturais, que demandam por apoio, integração social, segurança e cuidados diante de doenças indesejáveis, e reconhecimento e valorização dos seus familiares.

Esta mudança de amplitude no olhar contempla as próprias idosas, as pessoas que convivem direta ou indiretamente com pessoas idosas, como jovens, crianças, adultos, profissionais de saúde, professores, educadores, pesquisadores e assim por diante. Incapazes de serem mobilizados se excluídos de reuniões que tratam da valorização da velhice.

As mulheres idosas demandam do Programa de Saúde da Família questões mais relativas à sua qualidade de vida e inserção social, do que intervenções de controle como as dispensadas às adolescentes e mulheres, referentes à sua capacidade de reprodução.

O Estado além de criar as políticas específicas para os idosos, deve criar mecanismos para facilitar a inserção nestas políticas, como o processo de concessão das aposentadorias.

Além de criar os direitos, deve viabilizar a aquisição, defesa e valorização destes por todos os grupos etários, promovendo a mudança de concepções e experiências no envelhecimento.

A realização de grupos de gerações diferentes como o de idosas e adolescentes gestantes, idosas e idosos contadores de história e crianças, assim como de jovens “cuidadores” de idosos e de idosas, como a participação destes na articulação do setor de saúde com outras instituições que lidam com a violência (conselhos, juizados, delegacias), a inclusão da prevenção nas discussões com idosos sexualmente ativos, foram questões apontadas no III Seminário Homens, Sexualidade e Reprodução realizado em agosto de 2005, com o incentivo do Núcleo de Família Gênero e Sexualidade da Universidade Federal de Pernambuco (FAGES/UFPE) em parceria com outras instituições. Neste encontro foram mobilizados planejadores e gestores de políticas públicas, lideranças comunitárias, estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de saúde.

Relembro aqui estas sugestões para dar-lhes novamente visibilidade, a fim de que possam ser refletidas e repensadas por mais pessoas.

Acredito que a intimidade entre gerações em outros espaços de convivência, promoveria novas percepções e valorizações da experiência de envelhecimento, não só com vivências mais autênticas, como menos estereotipadas, contribuindo enfim com a formação de “*Uma sociedade para todas as idades*” e, também com memória, conforme vi anunciado num adesivo colado na janela da frente do NAI (Núcleo de Atenção ao Idoso da UFPE).

Mas estas questões longe de se esgotar, se tornam dicas para futuras pesquisas sobre o instigante tema da velhice.

* * *

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade.** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2 ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

ATTIAS- DONFUT, C **Sexo e envelhecimento.** In: PEIXOTO, Clarice (Org) Família e envelhecimento. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice. A realidade incômoda.** Vol 1. São Paulo, Difel/ Difusão Editorial S.A., 1976.

BERQUÓ, Elza. **Considerações demográficas sobre o Envelhecimento na População do Brasil.** In: NERI, Ana Liberasso; DEBERT, Guita Grin (Orgs). Velhice e Sociedade, Campinas, Papirus, 2004.

_____ **Pirâmide da solidão?** In: Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 1988.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional.** In: PEIXOTO, Clarice (Org) Família e envelhecimento. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

_____ **Não tá morto quem peleia: a pedagogia inesperada dos grupos de idosos.** Salvador, Universidade Federal da Bahia. 1999. (Tese de doutorado)

_____ **Reinventando fases: a família do idoso.** Caderno CRH, Salvador, n.29, 1998.

_____ **Envelhecimento e sentimento do corpo** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro, Fio Cruz, 2002.

CABRAL, Benedita Edina da Silva Lima. **Recriar Laços: um estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares paraibanas.** São Paulo, UNICAMP / Campinas, 2002. (Tese de doutorado)

CAMARANO, Ana Amélia, BELTRÃO, K. I **O idoso no mercado de trabalho.** In: CAMARANO, Ana Amélia .Como vai? População brasileira. IPEA/IBGE, Brasília, v. 3, n. 3, 1998.

CAMARANO, Ana Amélia & PASINATO, M.A. **Envelhecimento, Condições de Vida e Política Previdenciária: Como ficam as Mulheres?** Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2002.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia.** Petrópolis , Editora Vozes , 2002.

CARDOSO, Ruth C.L. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método.** A aventura antropológica: teoria e pesquisa. CARDOSO, R. (Org). São Paulo, Paz e Terra, 1998.

CHAIMOWICZ, F. **A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas.** Revista de Saúde Pública, v31, n 2, São Paulo, 1997.

COHEN, Lawrence. **Não há velhice na Índia: os usos da gerontologia.** In: DEBERT, G. G. (Org) et al. Antropologia e Velhice. **Textos Didáticos**, Campinas: IFCH/UNICAMP, v.1, n.13, mar. 1994.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: Almeida, M.S.K. de et al. Colcha de retalhos. São Paulo, Brasiliense, 1982

COSTA, N. E.; MENDONÇA, J. M.; ABIGALIL, A. **Políticas de Assistência ao Idoso: A construção da Política Nacional de Atenção à Pessoa Idosa no Brasil.** In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L; ROCHA, S.M.(Orgs). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro, Editora Guanaba/Koogan, 2002.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter *antropological blues*.** In NUNES, Edison (Org.), A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social.** Petrópolis, Vozes, 1981.

DEBERT, Guita Grin. **Gênero e Envelhecimento.** Estudos Feministas. Porto Alegre, v.2, n.3, 1994.

_____. **A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 12, n. 34,1997.

_____. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice :** In DEBERT, G. (Org). Textos didáticos; Antropologia e velhice, n13, Campinas, Unicamp,1998.

_____. **A Reinvenção da Velhice.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

DURHAM, Eunice. **Família e Casamento.** Anais do terceiro encontro nacional de estudos populacionais, ABEP, São Paulo, 1982.

FAGES/UFPE. **Mulheres Analfabetas no Recife.** Relatório apresentado a Coodenadoria da Mulher, Prefeitura da Cidade do Recife Realização: equipe de pesquisas do FAGES/UFPE Coordenação Parry Scott, Judith Hoffnagel, Conceição Lafayette.

FALCÃO, Tânia Lago. **Dor sofrimento, dor encantamento. Retratos de vidas. Ser viúvas em camadas médias pernambucanas.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-

Graduação de Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2003. (Dissertação de mestrado).

FEATHERSTONE, M. **O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento.** In DEBERT, Guita Grin (Org) **Antropologia e Velhice**, (textos didáticos,13) Campinas: IFCH/Unicamp,1994.

FLORIANO, Petterson de Jesus. **O perfil de idosos assistidos por uma equipe de saúde da família do Centro de Saúde de Souza, no município de Campinas – SP.** UNICAMP, Campinas, SP, 2004. (Dissertação de mestrado)

FONSECA, Cláudia. **Uma genealogia do “Gênero”.** In: SCOTT, Russell Parry (Org) **Pesquisando Gênero e Família.** Revista de antropologia vol 1 série família, UFPE, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**, 14. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969 (1933).

_____ **Sobrados e Mocambos.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

GOLDANI, Ana Maria. **As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação.** Cadernos Pagu , trajetória e sentimentos, Rio de Janeiro, IFCH, 1994.

_____ **-Relações intergeracionais e reconstrução do Estado de Bem Estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil?** In: CAMARANO, Ana A. (Org). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro, IPEA, 2004.

GRIZZI, B. M. C ALVES, M. T., BARROS, R. M. G., LAGE, W., NORONHA, E.M., PIRES, V.M.B.C, SILVA, C.N.S. **Idoso , Um ser frágil no universo familiar?** Monografia apresentada no I Curso de Especialização em Saúde da Família – Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

GUILLEMARD, Anne Marie. **La naissance du troisième âge.** In: MENDRAS, Henri (Org.) *Lês champs de la sociologie française.* Pris: A. Colin, 1989.

HAREVEN, Tâmara K. **Novas Imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida.** In: Cadernos PAGU – Gênero em gerações, Campinas, n.13, 1999.

IBGE. (**Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**) 2002. Censo demográfico, 2000. Rio de Janeiro: IBGE. [on line] <http://www.ibge.gov.br/censo>

LAVINAS; Lenas, NICOLL; Marcelo **Atividade e vulnerabilidade: Quais os arranjos familiares em risco?** In: DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 49, n. 1, 2006.

LENOIR, Remi. **L’invention du “troisième age” et la constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse.** Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Paris, n.26-27, mar./avr. 1979.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.) **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

_____ **Velhice na contemporaneidade.** In: PEIXOTO, Clarice (Org) *Família e envelhecimento.* Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

_____ **Redes sociais e cotidianos e velhos um subúrbio carioca.** In: *Interseções: revista de estudos interdisciplinares - Ano 3 n. 02 2001.* Rio de Janeiro, UERJ, NAPE, 2001.

_____ **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira.** Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1987.

MARQUES, Gabriel Garcia. **O amor nos tempos do cólera,** Rio de Janeiro, Record, 2003.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**, (4. edição), São Paulo, Editora Perspectiva S.A.,2003.

MINAYO, M.C.S; COIMBRA JR.. **Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento**. Antropologia, Saúde e Envelhecimento, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MOREIRA, M. M. **Envelhecimento da população brasileira**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 1997 (Tese de doutorado).

MOTTA, Flávia M. **Velha é a vovozinha: Identidade Feminina na Velhice**. Dissertação de mestrado – PPGAS/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

_____. **Velha é a vovozinha: Identidade Feminina na Velhice**. Santa Cruz do Sul, Unisc, 1998.

NASCIMENTO, Marcos Roberto. **Feminização do Envelhecimento Populacional: Expectativas e Realidades de Mulheres Idosas quanto ao Suporte Familiar**. In WONG, L.R. (Org.), O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade - subsídios para políticas orientadas ao bem-estar do idoso. Belo Horizonte, UFMG/Cedeplar: ABEP, 2001.

OLIVEIRA, Janaína P.T. **As concepções dos Profissionais de Saúde sobre a Velhice, o Envelhecimento e o idoso**. Recife, UFPE, 2005. (Dissertação de mestrado)

OLIVEIRA, Roberto C. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo, Pioneira, 1976.

PEIXOTO, Clarice E. **A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses. A busca para preencher o vazio da inatividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, N.27 A 10, 1995.

_____. **Processos diferenciais de envelhecimento**. In. PEIXOTO, C.E.(Org) Família e envelhecimento. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004.

RAMOS, L. R. **A explosão demográfica da terceira idade no Brasil: uma questão de saúde pública**. Gerontologia, 1993.

RIBEIRO, Maria Aparecida. **Terceira Idade Família e Relacionamento entre gerações**. In: MIRANDA, Danilo Santos (Org). A terceira Idade. São Paulo, Sesc, 1999.

SAAD, P. M. **Support transfers between the elderly and the family in Southeast and Northeast Brazil**. Austin : University of Texas, 1998, (Tese de doutorado)

SARTI, Cynthia Anderson. **A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas, Autores Associados, 1996.

_____. **Família e individualidade: um problema moderno**. Texto preparado para a exposição na mesa redonda “Perspectivas de análise teórica da família”, no Seminário A família contemporânea em debate. Instituto de Estudo Especiais da PUC, São Paulo, 1993

SCOTT, R. Parry. **Saúde e pobreza no Recife: poder, gênero e representação de doenças no bairro do Ibura**. Recife, Nusp - Editora Universitária, 1996.

_____. **Família, Gênero e Poder no Brasil do Século XX**, BIB: revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais / Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. N.41 (1996) - São Paulo: ANPOCS, 1996.

_____. **Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital?** Interface – comunicação, saúde, educação/ Fundação UNI Botucatu/Unesp, v.5, n.8, Botucatu, SP: Fundação UNI, 2001.

_____. **Envelhecimento e juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva**. In: In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Antropologia, saúde e envelhecimento, Rio de Janeiro, Fio Cruz, 2002.

_____. **Trocando a casa e a rua: idosos e a inversão da construção de gênero em camadas populares urbanas**. Trabalho apresentado na XXV Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Goiânia, 2006.

SIMMEL, Georg. **Sociologia: um exemplo de sociologia pura ou formal.** In MORAES FILHO, Evaristo (Org); Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1983.

SIMÕES, Júlio A. **A previdência social no Brasil: um histórico.** In: NÉRI A. L. e DEBERT G.G (Org) Velhice e Sociedade. – Campinas, SP: Papirus, 2004.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

VERAS, Renato P. **País jovem com cabelos brancos - A saúde do idoso no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. Apresentação. In: VERAS.Renato P.(Org.) **Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio.** Rio de Janeiro: Dumará,1999.

WOLF; Eric R.. **Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas.** In: FELDMAN, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Org) Antropologia e poder –, Brasília, Editora UNB, 2003.

WOORTMAN, Klass A. A. **A família trabalhadora.** In Ciências Sociais Hoje, 1984, (Anuário de Antropologia, Política e Sociologia) ANPOCS , São Paulo, Cortez Editora, 1984.

ZALUAR, Alba. **Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas** In: CARDOSO, R. C. L. (Org) A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1988.

ANEXOS

ROTEIRO DE PESQUISA (ANEXO 1)

- 1 - Organização de arranjos familiares.
- 2 - Estratégias de suprimento de necessidades econômicas, sociais e afetivas.
- 3 - Atividades do cotidiano realizadas na casa e na rua
- 4 - Conhecimento sobre serviços disponibilizados para o idoso. Participação e frequência em instituições, grupos e eventos. Elementos mais valorizados no grupo Asas da Liberdade.
- 5 - Percepção sobre relações familiares, relações com a vizinhança e comunidade.
- 6 – Percepção atual da velhice, dos principais medos e dos projetos para o futuro.

Reportagem sobre o dia Nacional do Idoso

4 QUINTA-FEIRA
Recife, 28 de setembro de 2006

GRANDE RECIFE

Dia Nacional do Idoso reuniu seis mil pessoas

Eles comemoraram data nas piscinas do Veneza Water Park

Banhando-se nas águas das piscinas do Veneza Water Park, em Maria Farinha, e movidos por uma irradiante alegria de viver, cerca de seis mil idosos com idades variando entre os 60 e 90 anos comemoraram, ontem, o Dia Nacional do Idoso. À vontade e entrosados, os participantes da festa, que se deslocaram dos mais distantes pontos da Região Metropolitana do Recife e de outros municípios do Estado, integram

IDOSOS integram 78 grupos de convivência e 8 instituições

78 Grupos de Convivência da Pessoa Idosa e oito Instituições de Longa Permanência, todos com o apoio da Diretoria de Proteção Básica, órgão da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura da Cidade do Recife.

“Num evento como este, trabalhamos com uma perspectiva de convivência. Nos-

so esforço está direcionado para fortalecer a sociabilidade e a comunicação entre os idosos”, revelou a gerente de Políticas de Promoção da PCR, Andreia Vieira Matos. Rosilda Gadelha, 64, dirige o grupo da terceira idade “Liberdade de Água Fria”. “Nas nossas reuniões, realizadas às

quartas-feiras, promovemos a dança do ventre, teatro, pastoral e outras diversões que nos enchem da alegria de viver”, garantiu. José Lima de

Souza, 73, viúvo, pedreiro aposentado, estava acompanhado da namorada, Maria das Graças Bezerra, 69. O casal está integrado ao grupo Cristo Redentor, do bairro do Ibura. “Gostamos muito de piscina, e hoje ficaremos o dia inteiro dentro dessa água morna”, garantiu.

Na avaliação do secretário



PARTICIPANTES da festa vieram de vários municípios

de Assistência Social da PCR, Paulo Antônio Gomes Dantas, o evento oportuniza aos idosos exercerem a cidadania. “A secretaria respeita a autonomia e estimula o idoso para que se sinta como um cidadão ainda capaz de contribuir para a sociedade e fazendo valer o direito deles”, afirmou.

Para a primeira-dama do

Recife, Luzia Jeane, o evento revela que o coração do Recife cresceu. “Este é um momento de grande confraternização. Os grupos se reúnem para se divertir, se comunicar. Eles produzem, fazem arte, ajudam na manutenção da família, sentem-se úteis e importantes”, concluiu.

Fonte: Folha de Pernambuco – 28/09/2006